A ATUAÇÃO DO PROFESSOR EVENTUAL
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O MEIO AMBIENTE

RITA HELENA TROPPMAIR DE ALMEIDA MOURA

Bióloga

Orientadora: Profa. Dra. **Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ecologia de Agroecossistemas.

P I R A C I C A B A
Estado de São Paulo – Brasil
Novembro - 2004

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - ESALQ/USP

Moura, Rita Helena Troppmair de Almeida
A atuação do professor eventual – uma contribuição para o meio ambiente / Rita Troppmair de Almeida Moura. - - Piracicaba, 2004.
94 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 2004.
Bibliografia.

1. Currículos e programas 2. Desempenho do professor 3. Ecologia humana 4. Educação ambiental 5. Escola pública 6. Formação de professor 7. Política pública 8. Relação professor-aluno I. Título

CDD 333.707

"Permitida a cópia total ou parcial deste documento, desde que citada a fonte – O autor"

Errata

RITA HELENA TROPPMAIR DE ALMEIDA MOURA. A atuação do professor eventual uma contribuição para o meio ambiente.

p.	item	linha	onde se lê	leia-se
17	2.2	décima	conservação	preservação
17	2.2	décima primeira	conservação	preservação
32	2.2.3	décima nona	Carvalho 2004	Carvalho(03 nov.2004)
36	2.2.3	vigésima segunda	Sorrentino 1996	Sorrentino 1993
46	3.7	terceira	O texto de Marcos Sorrentino de 1996	O texto de Marcos Sorrentino de 1993
57	4.2.1.6	segunda	(Despresbiteres, 1998)	(Despresbiteres, 1989)
101	Referências Bibliográficas	décima sétima		DESPRESBITERIS, L. **O Desafio da avaliação da aprendizagem:**dos fundamentos a uma proposta inovadora. S. Paulo: E.P.U,1989.1v.

DEDICATÓRIA

Às minhas crianças que me fazem acreditar que vale a pena.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a participação da equipe de facilitadoras : Flávia Maria Rossi de Morais, Ana Paula Coati e Simone Portugal que abraçaram as minhas idéias e juntas as transformamos em nossas. A beleza desses resultados se revelam até hoje em nossos corações. Tenho certeza que o conceito das "cinco dimensões da ecologia" vivenciado por nós foi um fator de transformação nas nossas vidas pessoais e profissionais.

Agradeço também aos ATPs (Assistentes Técnicos de Planejamento) da Diretoria de Ensino de Piracicaba e Região responsáveis pelas Oficinas Pedagógicas de Biologia e de Geografia, respectivamente Vagner Hernandez Nicolai e Maria Regina Sampaio Mattos de Oliveira, por acreditarem nas minhas idéias e providenciarem os procedimentos necessários para a realização deste curso. Mais do que os agradecer por ter vislumbrado caminhos dentro da instituição oficial de ensino, ressalto a importância do acreditar e potencializar, que me faz pensar ter me deparado com verdadeiros educadores, que ao cumprir com dignidade sua função técnica mostravam-se profundamente envolvidos e interessados no desenvolvimento dos(as) professores(as) pelos quais eram responsáveis.

Aos(Às) professores(as) participantes do curso, eventuais ou não, gostaria não só de agradecer, mas de prestar homenagens. Pois sem o crédito inicial, nada teria acontecido. Por este motivo deixo registrado aqui seus nomes, com esperança de que em um próximo encontro, possamos trocar as experiências acumuladas desde então. Os(As) professores(as) participantes foram: Crislaine Ferreira do Nascimento, Cristiane da Silva Felipe, Débora Aparecida Machi, Dionéia Antônia Fronza, Edna Monteiro da Cruz Silva, Eriane

Aparecida Palauro, Felipe Calori, Fernanda Medinilla, Grasiela Maria Cassieri, Graziela Maria Salvador Lopes, Helen de Lima, Ivana Ap. Silvestrini, Rossi Ivete, Maria Clemente Ferraz Marquesin, Juliana Oriani, Madalena de Souza Bragaia, Maria Angélica Q. L. Mendes da Cruz, Maria Aparecida Bovi Hodas, Maria Aparecida Corrêa, Romualdo Maria Dijanira Padilha, Maria Pastora C. Lopes, Nely Bothene Augusti, Fabiana de Fátima Parolina, Zampaulo, Orielza Juliana R. Darcil, Patrícia Pistoni, Rosângela Maria da Silva Candido, Simone Davanzo e Thiago Franco.

À equipe de orientadores encabeçada pela pacienciosa Professora Dra. Maria Elisa de Paula Garavello, que me ajudou a cristalizar os meus pensamentos, transformando-os neste texto. Ao Professor Dr. e amigo Marcos Sorrentino, que apesar de estar distante por assumir funções junto ao Ministério do Meio Ambiente, sempre procurou extrair de mim as capacidades que ele via. Ao querido Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão, que de tanto me falar de seus pensamentos e filosofias, me tornou mais culta e ao mesmo tempo mais paciente e confiante com a humanidade. E finalmente agradeço de coração o reaparecimento de João Luiz Hoeffel , também Prof. Dr. e velho amigo, que trouxe alento e direção científica dentro da uma visão hermenêutica, que mudou o meu olhar para esta pesquisa de modo definitivo.

Agradeço à Prof. Dra. Ivana C. Ribeiro, por ter cruzado pelo meu caminho, pelo apoio e direcionamento nos primeiros passos desta construção e pela amizade que surgiu em torno dos ideais que partilhamos.

Agradecimento seria pouco para retribuir à tribo da Oca – os pesquisadores do Laboratório de Educação e Política Ambienta,l pelos momentos de companheirismo e de amizade, mas também pela possibilidade de crescimento e construção de conhecimento. Cito alguns nomes com os quais eu mais convivi, mas ciente que esta tribo é grande, forte e como não poderia deixar de ser, complexa. A eles(as) às minhas sinceras homenagens: Marcos, Simone, Ana Paula, Sonise, Sandra, Mário, Luciana, Amílcar, Claudia, Vitor, Claide, Val, Sissa, (Ban)^2, Alexandre, Calú, Alexandra, Raquel, Isis, Maria

Paula e Gica. Reforço aqui o meu agradecimento à Flávia, que acompanhou e contribui com esta pesquisa de muitas formas, desde as primeiras idéias até no momento de finalização do texto, sem esta presença amiga, tudo teria sido mais difícil.

Finalmente agradeço a minha família pela paciência e estímulo, ao Kehl pelos inúmeros e deliciosos almoços de domingo providenciados na solidão e pelas muitas discussões referentes às “Cinco dimensões da ecologia”, agradeço aos meus filhos pela confiança de que terei mais tempo disponível para nossos programas comuns, às minhas netas pelo carinho de cada encontro e aos meus pais pela pacienciosa espera desta conclusão.

SUMÁRIO

Página

LISTA DE FIGURAS x

RESUMO xi

SUMMARY xiii

1 INTRODUÇÃO 1

2 REVISÃO DE LITERATURA 10

2.1 Alerta geral..... 11

2.2 A educação ambiental 16

2.2.1 Educação ambiental nas escolas 21

2.2.2 Procedimento pedagógico 29

2.2.3 As cinco dimensões da ecologia 32

2.4 O(A) professor(a) eventual 37

3 METODOLOGIA 41

3.1 Parâmetros da pesquisa 41

3.2 O curso 41

3.3 O perfil da pesquisa 43

3.4 A equipe de facilitadoras 44

3.5 A intervenção educativa 44

3.6 O Conteúdo inicial 45

3.7 Uma temática teórica/prática..... 45

4 RESULTADOS..... 49
4.1 Resultados qualitativos..... 49
4.2 O caminho trilhado 53
4.2.1 Encontro 1 53
4.2.1.1Apresentação do curso e discussão dos objetivos..... 53
4.2.1.2 Palestra Interativa: "A História da educação ambiental" 54
4.2.1.3 Lanche: 54
4.2.1.4 Atividade de roda..... 55
4.2.1.5 Palestra : As cinco dimensões da ecologia 55
4.2.1.6 Avaliação escrita 56
4.2.2 Encontro 2 e 3 57
4.2.2.1 Oficina 1: Indo ao encontro da natureza 58
4.2.2.2 Oficina 2 :Olhos de ver 59
4.2.2.3 Oficina 3 : Oficina do som 61
4.2.2.4 Oficina 4 Oficina do tato, olfato e paladar 63
4.2.2.5 Pic-nic comunitário 67
4.2.2.6 Atividade em sala de aula 68
4.2.3 Estrutura dos próximos encontros..... 71
4.2.3.1 Encontro 4 73
4.2.3.1.1 Roda da descontração 73
4.2.3.1.2 Reforço do conteúdo..... 73
4.2.3.1.3 Reuniões de equipe..... 75
4.2.4 Encontro 5 75
4.2.4.1 Roda da descontração 76
4.2.4.2 Reforço do conteúdo..... 76
4.2.5 Encontro 6 79

4.2.5.1 Roda da descontração 79
4.2.5.2 Reforço de conteúdo 79
4.2.5.3 Reuniões em grupo 79
4.2.6 Encontro 7 e 8 80
4.2.6.1 Roda da descontração..... 80
4.2.6.2 Apresentação dos trabalhos 81
4.2.7 Outros instrumentos propostos 81
4.2.7.1 Caderno de Campo 81
4.2.7.2 Hora do Lanche 81
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 83
5.1 Discutindo o curso..... 84
5.2 Discutindo a metodologia..... 86
5.3 Discutindo a proposta..... 87
5.3.1 Primeira dimensão da ecológica..... 88
5.3.2 Segunda dimensão da ecologia..... 89
5.3.3 Terceira dimensão da ecologia..... 89
5.3.4 Quarta dimensão da ecologia..... 90
5.3.5 Quinta dimensão da ecologia..... 91
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 92
6.1 O curso..... 92
6.2 Novas perspectivas sobre as cinco ecologias..... 93
6.3 Algumas sugestões 95
6.4 problema apontado..... 98
REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS 99
APÊNDICES 110

LISTA DE FIGURAS

		Página
1	A cebola e as cinco dimensões da ecologia	46
2	O mundo em que vivemos	48
3	Oficina Olhos de ver em dois momentos	60
4	Oficna do som – desenhando o mapa do som	62
5	Oficina do som – ouvir os sons internos	63
6	Oficina do tato – andando na trilha cega	64
7	Oficina do tato – Trilha cega 2	65
8	Oficina do olfato – sentindo cheiros, dois momentos	66
9	Pic-nic no gramado	68
10	Grupo 1 – apresentação musical	69
11	Grupo 2 – a contadora de histórias	70
12	Grupo 3 – esquetes teatrais	70
13	Grupo 4 – o cartaz	71
14	Lavagem dos pés	77
15	Massagem com bolinha	78
16	Representação da união da cinco dimensões da ecologia	95
17	Uma novo esquema para as cinco dimensões da ecologia	96
18	Relações interpessoais	96
19	A dinâmica das cinco dimensões da ecologia	97

A ATUAÇÃO DO PROSSOR EVENTUAL
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O MEIO AMBIENTE

Autora: RITA HELENA TROPPMAIR DE ALMEIDA MOURA
Orientadora: Profa. Dra. MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO

RESUMO

O presente trabalho traz uma reflexão sobre a problemática da mundo moderno e do ponto de vista da modernidade sobre a natureza. Fala sobre a emergência de se buscar alternativas para esta situação. Aponta a Escola Pública e os professores eventuais como um possível campo de ação para intervenções educacionais voltadas para os Temas Transversais propostos pelo Parâmetros Educativos Nacionais – PCN. Propõe uma metodologia educacional dirigida para professores eventuais das Escolas Públicas Estaduais de Piracicaba e Região, aplicada a um curso de formação de professores. Esta metodologia sócio-ambiental propõe uma compreensão de conceitos da ecologia expandida, através de um convite vivencial que acontece durante o curso através de dinâmicas e palestras participativas e leitura de textos, que dialogicamente dão cadência a este caminhar. O curso com um todo foi construído dentro de uma perspectiva educacional ambiental emancipatória, e busca incentivar o professor participante a se envolver consigo mesmo, com os outros e com a natureza através de uma reflexão trazida pelas proposta reorganização da visão do mundo em que vivemos, usando como conteúdo as

“cinco dimensões da ecologia”. O aprendizado sofrido durante a pesquisa e a produção de conhecimento alcançada estão descritos dentro do intrincado processo trazido pela pesquisa hermenêutica.

THE PERFORMANCE OF THE EVENTUAL PROFESSOR
A CONTRIBUTION FOR THE ENVIRONMENT

Author: RITA HELENA TROPPMAIR DE ALMEIDA MOURA

Adviser: Profa.Dra. MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO

SUMMARY

The present work reflects about problems of the modern world about the point of view of modernity on the nature. It urges searching alternatives for this situation. It points out the State School and the substitute teachers as a possible field of activity with respect to educational interventions directed towards the Transversal Subjects, as considered by National Educative Parameters - PCN. It proposes an educational methodology directed to substitute teachers of State Schools of Piracicaba and Region, which was applied to a teacher training course. This social-environmental methodology considers an understanding of concepts of expanded ecology. This take place trough inviting teachers to rethink the world during the course through dynamic lectures where they take active participation when reading of texts, that pace to this way. The whole course was constructed within an emancipatory environmental educational perspective and searchs to stimulate the participants to get involver themselves, with others, and whit nature. This is brought trough a reflection proposing reorganizing the view of the world we live in, using the fundamentals of the "Five dimensions of ecology" The learning undergone during the research and the knowledge production that was reached are describe in the intricate process of hermeneutic research.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por finalidade analisar uma proposta de intervenção em Educação Ambiental Emancipatória que discute a relação "ser humano-meio ambiente", tendo como referência a reflexão sobre os conceitos da modernidade e de outras possibilidades de interpretação da mesma .

O Capítulo 1 apresenta a trajetória da pesquisadora e traz os objetivos do trabalho. No Capitulo 2, é apresentada a revisão de literatura, que descreve a problemática da crise do mundo moderno, apresenta os passos da Educação Ambiental, sua relação com o ensino formal e discute dentro dos conceitos ampliados da ecologia a proposta das "cinco dimensões da ecologia"(Sorrentino,1993.p.10). O Capítulo 3 aponta para a postura da pesquisadora frente a intervenção e a metodologia utilizada. Traz a descrição do curso, o perfil da pesquisa, e descreve a formação da equipe de facilitadoras. Apresenta a organização da intervenção educativa e apresenta o conteúdo inicial do curso.Descreve o perfil da pesquisa, sua estrutura e forma sua forma de aplicação. Também neste capítulo foram explicitados as metodologias de observação e de análise dos dados.

No Capítulo 4, refere-se à apresentação dos resultados qualitativos, descreve o caminho trilhado. Por questões técnicas incluímos neste capítulo a descrição das atividade e seus objetivos, e ao mesmo tempo, apresentamos os resultados da intervenção educacional. Já no capítulo 5, estes resultados são discutidos. No capítulo 6, o trabalho é finalizado com a apresentação das considerações finais da pesquisa.

1.1 Apresentação

O meu primeiro contato profissional como bióloga com uma classe de estudantes se deu quando atuei como professora substituta de biologia, em uma escola estadual do bairro do Ipiranga na cidade de São Paulo, no ano de 1978. Logo compreendi que não poderia ser "aquela" professora cujo papel me era oferecido. Na época era um sentimento de rejeição, instintivo. Viver o inverso da incoerência do ensino formal que sempre me importunou enquanto aluna, agora, como professora. Se, por um lado, esta questão solucionava o meu destino profissional, por outro me causava estranhamento.

Iniciei o mestrado em Ciências dos Alimentos na Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo, em 1981. Porém, a visão da ciência sobre a experiência com animais acabou por despertar a minha consciência crítica. Conseqüente e coerentemente, após dois anos de pesquisa, desliguei-me do programa logo após ter passado no exame de qualificação.

Desencantada com as opções de trabalho que se apresentaram dentro da minha opção profissional, voltei-me para outro campo que me encantara alguns anos antes, a técnica e a arte do tear manual. Através deste instrumento realizei vários projetos pessoais, produzi trabalhos artesanais e, aprofundei-me no desenvolvimento de métodos e simbolismo do tecer, desenvolvi trabalhos artísticos que participaram de exposições coletivas e individuais, produzi diversas oficinas de técnicas e métodos do tear manual em escolas de arte da capital paulista. O encontro com outros artistas tecelões através do Centro Paulista de Tapeçaria (CPT), estimulou-me a atuar na organização, na produção e na realização de vários projetos como as exposições coletivas itinerantes por cidades do interior do estado de São Paulo com palestras, workshops e debates contribuindo intensamente para o crescimento da arte. Dessa forma, fui me formando uma produtora cultural na prática, o que abriu oportunidade para assumir a produção da exposição "Gente de Fibra" SESC-POMPÉIA que envolvia 17 artistas da vanguarda brasileira, com os quais convivi e muito aprendi.

Tive a oportunidade de desenvolver a pesquisa histórica do vídeo "Arte da Fibra - Tradição e Modernidade", este vídeo foi ganhador de dois prêmios: o "Prêmio Estímulo Vídeo" da Secretaria Municipal de Cultura de Campinas e o "Prêmio Estímulo Vídeo" da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo no ano de 1992.

Paralelamente a estas atividades, freqüentei vários cursos de extensão universitária, fornecidos pelo Museu de Arte Moderna -MAM/USP e especializei-me em "História da Indumentária" pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo/ 1989, onde fui convidada a desenvolver o módulo de "História da Tecelagem" como docente do mesmo curso.

Porém, o sucesso profissional não foi suficiente para apagar um velho sonho, sair da cidade grande e mudar para o interior. Em 1991, saí de São Paulo com a minha família, com o objetivo de buscar uma melhor qualidade de vida. Em 1992, morando em Limeira, fui convidada a dar Monitoria de Arte-Educação na Oficina Pedagógica Municipal da Secretaria da Educação de Limeira/SP, com o objetivo de trabalhar com professores(as) do primeiro grau. A minha proposta de trabalho era desenvolver produtos "artísticos-artesanais" cuja matéria-prima deveria ser predominantemente constituída de sucata urbana (jornal, latas, garrafas pet, etc.). Estes produtos serviram como sugestões para trabalhos a serem desenvolvidos em sala de aula.

Esta experiência foi muito gratificante. A resposta obtida em relação à proposta apresentada foi positiva, proporcionando ao grupo como um todo, qualitativos momentos de contato humano. Durante as horas que passamos juntos, em conversas informais em torno da produção manual, pude perceber o incômodo sentimento de impotência que permeava as ações daqueles(as) professores(as), tornando-os(as) "pré-cansados(as)", dando muito pouco crédito à ação criativa. Naturalmente, alguns daqueles(as) professores(as) não apresentam esta "síndrome", porém a grande maioria carregava o peso da insatisfação com a profissão, com a vida, enfim, consigo próprio(a). Esta leitura

me levou a uma indagação na área da educação. Estariam aqueles(as) profissionais, que se mostram infelizes e insatisfeitos com a profissão e com a própria vida, potencializados para ensinar as nossas crianças?

Porém, as oportunidades de trabalho na área da produção cultural conduziram meu interesse profissional, afastando-me mais uma vez da área pedagógica. Em 1992, fui convidada a montar o "XXIV Salão de Arte Moderna de Piracicaba – Instalações Engenho Central" como Assessora Executiva da Secretaria de Ação Cultural em Piracicaba/SP. E, logo a seguir, em 1993, assumi o cargo de Diretora de Cultura da Secretaria de Cultura do Município de Limeira, onde desenhei um projeto de produção cultural, que se constituía na somatória de todas as minhas experiências vividas anteriormente e que priorizava a busca dos valores culturais da cidade através da Arte-Educação e da Auto Estima.

No início tudo era novo, mas a minha intuição falava forte, tive a oportunidade de devotar dois dos quatro anos que trabalhei no serviço público a esse trabalho, buscando potencializar criatividade dos artistas locais: das duplas sertanejas aos roqueiros, dos pintores primitivos e modernos aos acadêmicos; paralelamente criamos novas oficinas de arte e remodelamos as já existentes, incentivei e participei dos movimentos culturais ligados à dança, ao teatro, às artes plásticas e à música. Intensifiquei os encontros com os(as) professores(as) responsáveis por estas oficinas, com o objetivo de formar uma equipe forte e coerente, que fosse fundamentalmente criativa e capaz de apoiar os valores humanos emergentes. Estes objetivos foram parcialmente alcançados, algumas pessoas da equipe compactuavam com as minhas idéias e anseios e se esforçavam para concretizar a proposta do projeto; outras, embora concordassem não faziam nada para dar certo, e outras ainda, faziam de tudo pra dar errado. Mas aparentemente tudo funcionava muito bem.

Uma mudança de secretariado redirigiu o enfoque político dos projetos da Secretaria de Cultura e fui atender e produzir as demandas de shows, festivais de música, de teatro e dos salões de arte, além de organizar a

discussão em torno da política cultural municipal e regional. Esta oportunidade me levou a viver novas experiências no campo mais estrutural da produção cultural, porém me afastou da proposta de valorização dos artistas locais.

Com o passar do tempo, notei como fora importante aquela atenção individual, onde discutíamos com o(a) artista o seu próximo projeto, trocávamos as últimas leituras e nos deliciávamos com a produção poética de cada indivíduo. Sem a cumplicidade do olho no olho, do cafezinho amigo, o movimento acabou por esfriar. Acredito que com isso eu e a equipe da qual participava perdemos força, e, apesar de termos trazido produtos culturais com padrão nacional para o município, de termos inaugurado um belo teatro e de termos circulado peças e apresentações musicais com diversos atores de renome, afastamo-nos do "nosso povo", da "nossa gente" e conseqüentemente dos seus representantes mais criativos. Lutamos para não perder as eleições, o que foi impossível, já havíamos perdido a nossa base política. Após a mudança de governo, rapidamente as oficinas culturais municipais foram mais enfraquecidas e com elas houve a conseqüente desaceleração do movimento cultural da cidade como um todo.

No final de 2000, mudei-me para Piracicaba. Ainda intrigada com o resultado dos quatro anos voltados à produção cultural pública, buscava refletir e encontrar o porquê daqueles acontecimentos; por outro lado, procurava por um novo olhar profissional, um novo rumo que fosse tecido pelas experiências vividas e questionamentos levantados, mas nunca respondidos.

Tentando mais uma vez assumir ser professora de Ciência e Biologia, fui à Diretoria Estadual de Ensino da Região de Piracicaba, para saber como me engajar no sistema de ensino público estadual. Além de obter as informações sobre a inscrição para o ano letivo de 2001, fui informada, (na última hora do último dia) de que poderia me inscrever para a "Recuperação de Férias". Inscrevi-me. Poucos dias depois houve a atribuição das aulas e consegui algumas de Ciências em uma escola de um município vizinho, Charqueada, para crianças de 4a. a 8a. série. No fim de semana que antecedeu

ao início do período de recuperação, participei da capacitação dada pelos ATPs - Assistentes Técnicos da Oficinas Pedagógica da Diretoria de Ensino de Piracicaba

Foi grande a minha surpresa ao perceber que o que os instrutores(as) da Diretoria de Ensino queriam de nós professores(as) era uma postura mais dialógica para com os estudantes. O programa de férias era constituído por vários projetos, descritos em uma pequena publicação da Secretaria Estadual da Educação, "Em foco: a escola nas férias" (2000). Apoiada neste texto, cada escola deveria, com a participação dos docentes e da direção, escolher o projeto que melhor respondesse às suas necessidades. Neste momento percebi que havia uma abertura para projetos dentro desta instituição.

Ao me integrar aos acontecimentos, observei que muitas críticas estavam sendo feitas a esta proposta de 2000; de fato, existiam várias falhas no sistema organizacional e muitas dificuldades de aplicação, mas o que mais emperrava vinha do descrédito do professor(a) em aceitar "mais um projeto", corroborado pela falta de apoio e do desinteresse da direção das escolas. Ambos, os(as) professores(as) e a direção da escola, de um modo geral, davam a entender que preferiam uma "boa" e "segura" aula tradicional.

A idéia de desenvolver um projeto me atraía. Poderia desenvolver um projeto educativo? Lembrei-me dos ensinamentos de Otávio Roth[1] (Barbosa,1998) Uma das últimas vezes que nos encontramos, foi no MAM (Museu de Arte Moderna de São Paulo), ele queria me apresentar seu novo trabalho: uma árvore gigante, composta por milhares de pequenas folhas, em cada uma delas estudantes do mundo inteiro colocavam suas impressões. Infelizmente, este criativo artista sofreu um problema de saúde e veio subitamente a falecer, deixando essa obra inacabada.

Otávio estava muito interessado no resultado plástico, não chegamos a

---

[1] artista plástico com quem trabalhei nos anos de 87 e 88 ,produzindo para ele diversos trabalhos.

discutir sua visão pedagógica, mas certamente ele devia ter relacionado as instalações participativas com trabalho pedagógico. Instalações participativas são expressões artísticas contemporâneas que buscam sensibilizar através do espaço criado,sensações e provocações vivenciais.

O processo de entrada e de carreira dentro da profissão do professor público, baseia-se na contagem de pontos por tempo de serviço. Como a minha história de vida teve pouco a ver com escolas públicas estaduais, seria muito difícil conseguir uma vaga como professora ACT - professor em exercer serviço de caráter temporário.

Mesmo conhecendo estas condições inscrevi-me, pois havia sido informada de que aqueles(as) que não conseguiam vaga poderiam atuar como professor(a) eventual.

Éramos muitos (as), durante a distribuição de aula na sede da Diretoria Regional de Ensino de Piracicaba, esperando chegar a nossa vez, a vez de cada um, de preencher as vagas de professor(a) ACT oferecidas pelo estado. Seríamos atendidos pela ordem de uma lista classificatória de pontuação formada pelos pontos alcançados por tempo de serviço. A fila era imensa e vagarosa. Os professores(as) com poucos pontos (como eu), seriam os últimos a serem chamados.

A dificuldade de conseguir uma classe de aula era grande, pois havia mais professores do que vagas, e eu já estava direcionando a minha atenção para a possibilidade de trabalhar como professora eventual. Com essa perspectiva e inspirada pelo possível interesse da Diretoria de Educação em propostas criativas, iniciei o desenho de um projeto próprio, voltado para uma nova postura de atuação desse professor(a) eventual.

Durante todo o tempo em que permanecemos nessa espera, havia um "clima de desespero no ar", cheio de desalento e resignação entre os(as) professores(as) presentes. A cada momento via-se no olhar o cansaço, a irritação, a inveja e a insegurança.

Procurei conversar com meus/minhas colegas, indagando como se

sentiam ao atuar como professor(a) eventual, como atuavam em classe e quais as suas perspectivas. Falei sobre a minha idéia de entrar na sala de aula com um projeto próprio. Percebi que eles(as) ouviam com atenção, e viam coerência na minha fala. Quando finalmente chegou a minha vez, como era de se esperar, não havia mais vaga para professor ACT em Piracicaba. A minha única opção de fato, em relação à Escola Pública Estadual era atuar como professora eventual.

Resolvi dar um passo além e ampliei a minha intenção, de um projeto pessoal para um projeto voltado à minha atuação nessa categoria. Passei a pensar em um projeto para a atuação dos(as) professores(as) eventuais. Discuti estas idéias com o ATP de Ciências da Diretoria Regional de Ensino de Piracicaba, que sinalizou positivamente.

Abriu-se aí a oportunidade para desenvolver estas idéias. Trabalhar com o professor eventual parecia uma idéia criativa e original, trazia consigo a possibilidade de trabalhar transversalmente a escola pública através da atuação desta categoria de profissional da educação. Formar um grupo de professores eventuais conscientes da situação do mundo atual e da sua importância como educadores, que atuasse na instituição escolar era uma idéia atraente. Um grupo como este poderia criar ondas de propagação de informações sobre o ambiente, seria capaz de propiciar a discussão de conceitos através de uma ação arte educativa que poderia potencialmente envolver não só os alunos, mas toda a comunidade escolar composta por professores, funcionários, diretores, pais de alunos, vizinhos, etc.

A partir desta oportunidade desenvolvi dois cursos, o primeiro contou com o apoio não oficial, uma espécie de parceria com a Diretoria de Ensino, o segundo curso, oficial, é o que serviu de base para esta pesquisa.

1.2 Objetivos da pesquisa

1.2.1 Objetivos Gerais

- Desenvolver uma metodologia de Educação Ambiental e analisar sua viabilidade quando aplicada ao Ensino Formal, através da atuação dos(as) Professores(as) Eventuais.

1.2.2 Objetivos específicos

- Desenvolver uma intervenção de Educação Ambiental no ensino formal.
- Avaliar na intervenção educacional, elementos que a qualifiquem como propiciadora de uma visão ampliada da ecologia para os processos de educação ambiental.
- Verificar a viabilidade da metodologia proposta em relação ao professor eventual.

Desta forma, esta pesquisa poderá contribuir para o aprimoramento de métodos e técnicas de Educação Ambiental voltados a aprofundar a formação de educadores pautados pelo amadurecimento pessoal e profissional. Poderá também fornecer subsídios para o debate e direcionamento de políticas públicas de EA voltadas à sua inserção na estrutura da escola pública, apontando a entrada da do(a) Professor(a) Eventual na sala de aula como uma possibilidade de ações interdisciplinares.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A sociedade moderna vive um paradoxo: Problemas Sócio - Ambientais x Consumo. As esperanças pautadas no progresso técnico e cientifico aparentemente cumpriram-se, proporcionando produtos que facilitaram o modo de viver do ser humano moderno. Por outro lado, para que elas se realizassem, solapou-se a natureza, e para garantir a permanência do processo, criou-se um modo de vida calcado no consumo, onde a ausência destas conquistas torna a vida aparentemente inconcebível.

Ao mesmo tempo, esses acontecimentos proporcionaram uma cisão social, estratificando a sociedade entre aqueles que vão se beneficiar destes bens e aqueles que não vão ter acesso a eles. Verifica-se a cada ano que o contingente de pessoas ligadas ao "não acesso" cresce vertiginosamente, incluindo, pouco a pouco, as classes intermediarias.

Por outro lado, tem se notado que as promessas feitas pela modernidade não foram cumpridas: a promessa de paz resultou em guerras muito mais violentas e em maior número; a promessa de dominação da natureza reverteu em destruição e crise ambiental generalizada; e a promessa de liberdade aponta para violações dos direitos humanos.

Estes temas provavelmente estão no cerne de toda a insatisfação pessoal que o ser humano vive hoje. Vários autores vêem alertando e apontando para esta problemática. Não se trata de uma simples crise do mundo moderno, mas de uma grande crise da humanidade, onde se discute a emergência de um "Novo Paradigma" (Khun, 1992; Santos, 2001).

"Tanto o excesso como o deficit de cumprimento das promessas históricas explicam a nossa situação presente, que parece, à

superfície, como um período de crise, mas que, a um nível mais profundo, é o período de transição paradigmática."(Santos, 2001, p. 49)

Para Alicia Bárcena, coordenadora do Programa de Cidadania Ambiental Global PNUMA,

"A crise atual não é tão somente um crise institucional ou individual, Não se trata apenas de uma má distribuição e consumo de bens , mas de uma crise da valores e destino." (in Gutiérrez,1999.p.13)

Vivemos uma crise de civilização, onde qualquer alternativa obriga a uma reforma nos critérios da igualdade, na divisão dos benefícios e dos custos ambientais entre as sociedades humanas. Isto significa a necessidade de uma mudança em todas as esferas sociais: na economia, na cultura, na tecnologia e nos estilos de vida. Mudanças que parecem implicar na perda de confortos e privilégios com os quais a sociedade moderna se acostumou. A negociação dessa possibilidade emerge sob a forma de apatia e descrença no futuro. A humanidade parece caminhar rumo a seu destino final, cega, surda e muda, guiada por uma lembrança ainda muito presente de um mundo maravilhoso das promessas da modernidade.

2.1 Alerta geral

É possível estancar este processo? Será possível alertar a população da necessidade de se repensar a vida do ser humano sobre a Terra ? O ser humano moderno está tão "ambientado" a este modo de vida, que não consegue mais se ver dentro do processo. Quando o inevitável acontece buscam-se soluções que acima de tudo, garantam a manutenção do "indispensável" : a idéia de progresso. Quais seriam as ações que deveriam ser adotadas para alterar esta situação? Para responder a esta questão, é oportuno recorrer ao pensamento do sociólogo Boaventura de Sousa Santos em seu livro "A crítica da razão indolente" de 2001. Este autor propõe, em primeiro lugar uma reflexão sobre o que não fazer para que os conceitos geradores do progresso e do consumo não sejam reforçados em suas bases. E alerta-nos que ações contemporâneas parecem apontar mudanças, mas na verdade

buscam solucionar problemas dentro do paradigma atual. Mas, ao mesmo tempo, o mesmo autor, aponta-as como alternativa, ressaltando que os "novos modos alternativos" de soluções de problemas, devem estar apoiados na utopia. Apontando ser o único caminho para pensar no futuro.

> *"A utopia é o realismo desesperado de uma espera que se permite lutar pelo conteúdo da espera, não em geral mas no exato lugar e tempo em que se encontra . A esperança não reside em um princípio geral que providencia um futuro geral. Reside antes em criar campos de experimentação social onde seja possível resistir localmente às evidências da inevitabilidade, promovendo com êxito alternativas que parecem utópicas em todos os tempos e lugares exceto naqueles em que ocorrem efetivamente".* (Santos,2001.p.36)

Estas propostas de intervenção pontuais trazem como resultados transformações na cultura de comunidades. Podem ter conseqüências sobre a discussão de valores e de conceitos emancipatórios ,nos quais a questão ambiental está inserida. Como Alicia Bárcena relata:

> *"A questão ambiental transformou-se em questão social cidadã que convoou muitos grupos voluntários em nível local, nacional, regional e global, cuja força política conseguiu por sua vez, interessar a outros atores sociais relevantes, tais como autoridades locais, parlamentares, camponeses, trabalhadores, industriais, jovens e mulheres, entre outros. No entanto, depois de duas década [Hoje, três décadas] de ativismo ambiental, percebeu-se que a prática teve pouco, ou muito pouco, a ver com a teoria sustentada. A contradição entre os valores defendidos e o comportamento cotidiano separam-se as vidas dos indivíduos e das instituições.* (Gutiérrez,1999.p.13-14)

A necessidade seria então, não buscar apenas as causas desta contradição, mas compreender o que faz com que ela se

manifeste. Segunda a autora acima citada faltam práticas transformadoras a esta ações:

> *"Essa incoerência entre a teoria defendida e a cotidianidade vivida manifesta com clareza que a consciência cidadã e a educação referente a questão ambiental não tem sido suficientemente pedagógicas e transformadoras" (Gutiérrez,1999.p.14)*

Esta dicotomia vai acabar se configurando como um fator inicial do movimento ambientalista, choca-se contra as convicções do status-quo da modernidade. O movimento ambientalista, surgiu com suas raízes ideológicas calcadas em um movimento popular da década de 60, conhecido como contra-cultura. Segundo Isabel de Moura Carvalho, este movimento

> *"Transcendeu os limites da vida sócio-política norte-americana e marcou uma revisão crítica para a sociedade ocidental, fazendo adeptos e instituindo-se como modo de vida(...). Nesse ambiente, o pacifismo, o ecologismo e o movimento feminista são reconhecidamente herdeiros diretos desse macro-movimento e de seu traço distintivo, a luta por autonomia e emancipação (...)." (Carvalho, 2001, p. 55-6)*

Nesta época, em todo o mundo ocidental, milhares de jovens se organizaram informalmente e espontaneamente para lutar por paz e amor. A luta não era contra a miséria e a fome. As temáticas abordadas também não diziam respeito a um país ou a um possível segmento de fanáticos, mas se dirigiam a toda uma aldeia global que se instaurava. O que se contestava eram os tabus culturais e morais. Os costumes e os padrões de nossa sociedade judaico-cristã. As tradições e preconceitos impostos pela visão da modernidade.

Foi a partir dos anos 60 que percebeu-se que o ritmo do consumo dos recursos naturais levaria fatalmente o planeta ao

colapso, para prejuízo de todas as espécies vivas, inclusive o ser humano. Este fato incontestável causou uma reação cada vez mais radical das forças contrárias, com a implementação de um modelo de desenvolvimento neoliberal e o endurecimento da situação política .

> *"Ao mesmo tempo que se assiste a eclosão do pacifismo, ecologismo, movimento feminista e estudantil, vê-se o endurecimento das condições políticas na América Latina, com a instituição de governos autoritários, em resposta às exigências das organizações democráticas dos povos em busca de seus direitos à liberdade , ao trabalho, à educação, à saúde, ao lazer e à definição participativa de seus destinos.(...) Fortalecia-se o processo de implementação de modelo de desenvolvimento fortemente neoliberais, visando o maior lucro possível no menor espaço de tempo. O pretexto da industrialização acelerada, vai apropriando-se cada vez mais violentamente dos recursos naturais e humanos."* (Medina,1997.p.257)

Nos anos 70 a inquietação com a dinâmica do desenvolvimento chegou ao próprio setor industrial. A publicação de "Os Limites do Crescimento" (The Limits of Growth), um estudo publicado de 1970 do Clube de Roma, foi o sinal de alerta para a comunidade empresarial a respeito do ritmo insustentável do modelo de desenvolvimento que se tornou dominante em escala planetária, vigorando tanto no mundo capitalista como, na época, no mundo do socialismo real. O Clube de Roma reunia a nata do empresariado, de lideranças políticas dos países industriais e da intelectualidade liberal para pensar os rumos globais. Sua meta definida era:

> *"incentivar a compreensão dos componentes econômicos, políticos, naturais e sociais interdependentes do "sistema global" e encorajar a*

adoção de novas atitudes, políticas e instituições capazes de diminuir os problemas". (McCormick, 1992, p. 86)

O sinal de que os governos também passaram a se interessar pela questão ambientalista como assunto de Estado, foi a realização, em 1972, da Conferência do Ambiente Humano, em Estocolmo, Suécia. Foi a primeira grande reunião promovida pela ONU, no sentido de incentivar a comunidade internacional, e em especial no âmbito do poder público, a pensar sobre os impactos ambientais do desenvolvimento.

> "*(...) a crise ambiental não era mais silenciosa. Um novo movimento de massas tinha surgido e uma nova questão estava começando a encontrar seu caminho para as agendas de políticas públicas. Evidencias científicas confirmavam(...); a raça humana estava usando rapidamente seu estoque de recursos naturais (...).(...) nasceu um debate controverso sobre o limite do crescimento(...).* (McCormick, 1992, p. 80)

Os problemas que mais preocupavam a população moderna eram as contaminações (água e ar), os possíveis limites dos recursos naturais (principalmente o petróleo), o desaparecimento de espécies animais e a conservação de espaços naturais de grande valor ecológico. Estes dados tendiam a colocar limites ao progresso e aos riscos associados à exploração dos recursos naturais nas sociedades industriais. Ao mesmo tempo questionavam-se todas formas de autoridade e poder – o militarismo, o consumismo, o valor do trabalho, a repressão da própria sociedade moderna.

Inaugurou-se assim a via alternativa, com a recusa de valores materiais da sociedade de consumo e a volta à natureza e à vida comunitária. Evidenciaram-se as experiências com drogas e

o valor dos conhecimentos tradicionais, a valorização da subjetividade, a importância da pessoa, a busca da espiritualidade, da espontaneidade, do natural, dos instintos vitais. Após a década de 70, esta via transformou-se paulatinamente, e deu origem e sustentação às formas de pensamentos atuais que propagam a mudança comportamental na busca de novos paradigmas.

2.2 A educação ambiental

A Educação Ambiental vem se desenvolvendo em vários âmbitos sociais, pelas mais diferentes entidades e organizações que atuam numa gama incrível de temas associados à questão ambiental. Portanto, constitui uma experiência moldada num contexto extra-escolar. Ou seja, a origem da Educação Ambiental não coincide com a das disciplinas tradicionais, que têm raízes nas universidades e na cultura acadêmica, de um modo geral.

Como preocupação institucional, a Educação Ambiental surgiu quando diversos países começaram a enxergá-la como uma forma de reorganização do comportamento humano em relação ao meio ambiente. Foi no interior desse movimento que ganhou forma e que se estabeleceu que essa prática, além de ser empregada em vários âmbitos da vida social, também deveria ser introduzida no universo escolar formal dos países signatários desses acordos internacionais.

Assim, torna-se o mote de vários eventos oficiais, que agem e deliberam dentro do pensamento hegemônico (uma vez que é oficial) mas tendo como contrapeso todo o ideário ambientalista, que discute, levanta e abre em seu caminhar, possibilidades transformadoras da sociedade humana.

O evento que deu uma arrancada no movimento ambientalista e por conseqüência na educação ambiental, não foi um evento oficial e sim uma iniciativa de diversos setores da sociedade européia que acabou por formar o Clube de Roma, como descreve McCormick:

"Em 1968, reuniu um grupo informal de trinta economistas, cientistas, educadores e industriais . Desse encontro surgiu o Clube de Roma, uma associação livre de cientistas, tecnocratas e políticos. (McCormick, 1992, p. 86)

Os problemas que mais preocupavam eram as contaminações (água e ar), os possíveis limites dos recursos naturais (principalmente o petróleo), o desaparecimento de espécies animais e a conservação de espaços naturais de grande valor ecológico. Visava-se a formação de técnicos para melhorar a gestão dos recursos naturais e a conscientização da população escolar, em valores para conservação do ambiente natural. Educação Ambiental era educar para a conservação da natureza.

No entanto, desde o início da década de 70, presenciamos a emergência de um novo movimento social relacionado às questões ambientais. A Conferência de Estocolmo de 72 é considerada como o "*acontecimento isolado que mais influiu na evolução do movimento ambientalista internacional"* (McCormick,1992.p.111). Seus três principais produtos foram: A criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente; Declaração da ONU sobre o Ambiente Humano, assinada por 113 países; Recomendou-se a criação do Programa Internacional de Educação Ambiental,que só saiu do papel em 1975.

Neste ano, a UNESCO promoveu um encontro internacional de Educação Ambiental, realizado em Belgrado, marcado em "*resposta às recomendações da Conferência de Estocolmo*" e "*culminou com a formulação dos princípios e orientações para um programa internacional de Educação Ambiental*" (Dias, 1998, p. 40),

Em 1977, ocorreu um importante encontro internacional que visava provocar uma reflexão sobre, os principais problemas ambientais da sociedade contemporânea e como a educação poderia contribuir para enfrentar estes problemas. Quais seriam as estratégias para o desenvolvimento da EA a nível

nacional? Qual a cooperação regional e internacional necessária para fomentar a EA ?

Durante estas décadas, a educação ambiental visava educar para a conservação da natureza. A formação de técnicos era prioritária para melhorar a questão dos recursos naturais e conscientizar a população, especialmente a escolar, sobre os valores da conservação do ambiente. Em resumo, é especialmente na década de 70 que se estabeleceram os princípios e as bases teóricas e metodológicas da Educação Ambiental.

Já na década de 80, aconteceu em 1982, o Encontro da Educação Ambiental de Paris, que teve por objetivo examinar as questões práticas, os resultados das pesquisas e as perspectivas a respeito do desenvolvimento da consciência ambiental, das políticas educacionais e dos mecanismos de incorporação da dimensão ambiental ao currículo escolar; a preparação de um material próprio, a formação de docentes; e a pesquisa e experimentação; e a respeito das necessidades e prioridades do futuro.

Em 1987 o Congresso Internacional da UNESCO/PNUMA sobre Educação e Formação Ambientais (Moscou) , propôs promover a capacitação de Educação Ambiental Formal (escolar) e Não-Formal (extra-escolar). Reconheceu a necessidade de adotar um enfoque integrado para resolver os problemas, tanto ambientais, como da formação de recursos humanos para uma gestão racional do meio ambiente, com a perspectiva de um desenvolvimento auto-sustentado nos níveis comunitários, nacional, regional e internacional. No dizer de Dias,

> *"O congresso objetivou a discussão das dificuldades encontradas e dos progressos alcançados pelas nações, no campo da EA, e a determinação de necessidades e prioridades em relação ao seu desenvolvimento, desde a Conferência de Tbilisi" (Dias, 1998. p.80)*

Ainda em 1987 a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento lançou em seu relatório "Nosso Futuro Comum" a definição do

termo desenvolvimento sustentável[2] como sendo que é: “um processo dinâmico destinado a satisfazer as necessidades atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades” (Corson,1996.p.310).

Os anos de 80 a 90 , foram identificados ao ecologismo contestatório que se integra aos movimentos sociais. As denuncias se concretizam e se globalizam. Conforme Isabel Cristina de Moura Carvalho,no Brasil

> *“Os anos 1980 foram chamadas de “a década dos movimentos sociais” (...). Esses marcaram uma nova maneira de fazer política ao trazerem para a esfera pública novos atores sociais, a reivindicação de novos direitos culturais, expansão dos direitos de cidadania e das concepções tradicionais da ação política. A luta ecológica e a afirmação de direitos ambientais foi um fato importante nesse contexto, contribuindo para dar visibilidade e gerar novas sensibilidades para a questão ambiental.” (Carvalho,2002..p.275)*

Nesta década a Educação Ambiental é direcionada a todas as faixas etárias da população. A troca de valores e de condutas passam a ser objetivos principais para se chegar à participação cidadã na resolução de problemas.

Em 1992, acontece no Rio de Janeiro, a Rio-92; esta Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento foi um marco importante para o movimento como um todo, ela reafirmou a Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, adotada em Estocolmo 1972. Teve como objetivo estabelecer uma nova e justa parceria

---

[2] Desenvolvimento sustentável - Muitas críticas foram feitas a essa expressão., a idéia de desenvolvimento está impregnada de conceitos ligados a evolução, à dinâmica de produção e consumo, para ele os limites da natureza são indicadores que regularizam o seu uso no sentido de usufruir o mais possível prejudicando o menos possível o meio ambiente. Hoje em dia o conceito mais usado é o sociedade sustentável

global por meio do estabelecimento de novos níveis de cooperação entre os Estados, os setores chaves da sociedade e os indivíduos. Trabalhou com vistas à conclusão de acordos internacionais que respeitassem os interesses de todos e protegessem a integridade do sistema global de meio ambiente e desenvolvimento.

A Rio-92 reconheceu a natureza interdependente e integral da Terra, como nosso lar. Gerou documentos: a Agenda 21, a Declaração do Rio, a Declaração de Princípios sobre Florestas; a Convenção sobre Diversidade Biológica; e a Convenção sobre Mudanças Climáticas, entre outros. Durante o processo preparatório, organizações não-governamentais de todo o mundo decidiram utilizar o evento como uma oportunidade também para demonstrar suas propostas e compromissos em torno do ideário da sustentabilidade, isto é, de um mundo ambientalmente sustentável, social e culturalmente justo e plural, e sobretudo democrático.

Durante o Fórum Global 92, um conjunto de mais de 400 eventos paralelos à Rio-92, foi realizado o Fórum Internacional de ONGs e Movimentos Sociais, uma série de sessões de debates entre mais de 4000 representantes e integrantes de ONGs e grupos sociais, sobre temas importantes para o desenvolvimento humano. Como resultado deste processo, tais grupos e ONGs firmaram mais de 30 “Tratados das ONGs”, como forma de demonstrar que organizações da sociedade estavam prontas para estabelecer compromissos.

Dos documentos citados acima, pode-se destacar o Tratado de EA para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, como orientador para uma Educação Ambiental libertária, documento básico para o desenvolvimento desta pesquisa, que explicita o compromisso da sociedade civil para a construção de um modelo mais humano e harmônico de desenvolvimento, onde se reconhece os direitos humanos da terceira geração, a perspectiva de gênero, o direito e a importância das diferenças e o direito à vida, baseados em uma ética e no amor. Em suas próprias palavras:

"Este tratado, assim como a educação, é um processo dinâmico em permanente construção. Deve portanto propiciar a reflexão, o debate e a sua própria modificação. Nós signatários, pessoas de todas as partes do mundo, comprometidos com a proteção da vida na terra, reconhecemos o papel central da educação na formação de valores e na ação social. Nos comprometemos com o processo educativo transformador através de envolvimento pessoal, de nossas comunidades e nações para criar sociedades sustentáveis e eqüitativas. Assim, tentemos trazer novas esperanças e vida para nosso pequeno, tumultuado mas ainda belo planeta." (Fórum,1992)

A Rio 92 foi um estopim para o aumento de ações, iniciativas que se multiplicaram. Através de ONGs, associações, escolas, artistas, professores estas iniciativas têm ocorrido, tradicionalmente, por meio da execução de projetos de EA que trabalham com temas relacionados às questões ambientais mais significativas para a comunidade.

2.2 Educação ambiental nas escolas

Embora o ensino/aprendizagem da Educação Ambiental[3] tenha se tornado obrigatório com a promulgação da Política Nacional da EA, as iniciativas de Educação Ambiental no ensino formal datam da década de 50.

De lá para cá, surgiram de modo crescente projetos de educação ambiental originados ou tendo o apoio do sistema de ensino formal. O campo da educação no mundo moderno, tem sido marcado por uma tendência liberal que justifica o sistema capitalista, a competição e os interesses individuais. Para entendermos a incorporação da Educação Ambiental no contexto da educação moderna é preciso compreender o desenvolvimento histórico das tendências pedagógicas e como esta aconteceu e foi abrindo espaço em torno

[3] A Educação Ambiental apesar de obrigatória não deve ser constituída como uma disciplina, segundo acordo internacional,do qual o Brasil compactua desde 1968.

da escola.

As discussões sobre as tendências pedagógicas não são novas. Elas foram introduzidas no Brasil a partir do pensamento pedagógico liberal.

> *"A pedagogia liberal sustenta a idéia de que a escola tem por função preparar indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais.Para isso, os indivíduos precisam aprender a adaptar-se aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes,(...).* (Libâneo. 1984, p.22)

Na década de 20 as idéias da Escola Nova já eram difundidas na Europa e nos Estados Unidos e influenciaram um grupo de educadores brasileiros a denunciarem a necessidade de ampliar o atendimento social pela educação.

Em 1932, foi lançado o "*Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*" que pretendeu difundir as idéias de uma escola democrática visando ajustar a educação ao modelo de desenvolvimento urbano industrial que se implantava no país. Entre outras coisas aqueles educadores reivindicavam uma escola comum e única para todos e denunciavam a velha estrutura educacional conservadora e elitista, propondo uma escola que preparasse os alunos para a consolidação da economia capitalista.

Embora as reformas educacionais de 1930 a 1937 tenham contemplado diversos pontos do manifesto acima citado, os princípios da Escola Novista não foram apreendidos de fato, saindo privilegiada a tendência tradicional, que se caracterizava pelo ensino humanístico, de cultura geral, onde os conteúdos nada tinham a ver com o cotidiano, nem com os problemas sociais. Segundo Libâneo

> *"são os conhecimentos e valores acumulados pelas gerações adultas e repassados ao aluno como variedades. As matérias de estudo visam preparar o aluno para a vida, são determinadas pela sociedade e ordenadas na legislação. Os conteúdos são separados*

da experiência do aluno e das realidades sociais, valendo pelo valor intelectual, razão pela qual é criticada como intelectualista e, às vezes, como enciclopédia. (Libâneo. 1984. p.23/24)

A educação liberal foi uma tendência pedagógica que surgiu da necessidade de adaptação da educação tradicional ao pensamento hegemônico da burguesia, onde a cultura é ressaltada como aptidão individual e a educação como processo interno que parte das necessidades individuais para a compreensão do meio.

Este modelo de escola pública cumpria o papel de assegurar o atendimento ao capitalismo industrial, visando preparar as classes trabalhadoras para o desenvolvimento econômico e vigorou até meados dos anos 60, quando toda uma era de transformações ocorreu em todo o mundo. Como parte destas transformações em 1960, um grupo minoritário de educadores começou a postular uma educação voltada para as camadas populares, que se chamou de "Movimentos de Educação Popular" de tendência progressista libertadora.

Este movimento, nascido do pensamento social cristão, tinha o objetivo de atuar pedagogicamente na promoção da participação da população adulta na vida política do país. A educação era assim compreendida como processo de conscientização das massas, através do diálogo educador-educando, visando a transformação da sociedade e da estrutura social. Este movimento foi totalmente reprimido pelo ditadura militar de 64, só retornando após a década de 70.

A "Educação Popular", que agrupou educadores em volta da pedagogia libertadora de Paulo Freire, questionava a realidade das relações do homem com a natureza visando uma transformação. Tinha um caráter essencialmente político, voltado para a análise das realidades sociais e para propiciar uma reflexão sobre as finalidades sócio-políticas da educação, o que impediu sua prática oficial nas instituições hegemônicas.

Ao mesmo tempo, entre 60 e 75, a tendência liberal da escola novista abriu espaço dentro das escolas públicas, o que garantiu uma grande ênfase para a tendência tecnicista e propiciou a implementação das escolas experimentais. Os educadores que acreditavam na educação como transformação social, a partir da pedagogia libertadora de Paulo Freire, adaptaram essas idéias e as aplicaram em escolas de todos os níveis. Viam na Escola Novista uma possibilidade de trabalhar a visão crítica dos alunos.

Para Libâneo, estas ações se justificam:

> *"seja porque essa linha representava a teoria educacional possível dentro de um quadro político e econômico repressivo, seja pela falta de outras alternativas que permitissem avançar para uma proposta pedagógica mais adequada aos interesses da população."* (Libâneo. 1984. p.60)

A partir de 1975 começou-se a contestar a pedagogia liberal capitalista e denunciar o caráter reprodutor da escola, surgindo então a pedagogia progressista crítico social. Esta tendência incentivará a tomada de consciência da educação como ato político. Próximo aos anos 80 estudos e pesquisas sobre marginalização social das classes populares apontaram o envolvimento da escola neste processo, o que levou a uma proposta de reestruturação na qualidade do ensino.

A Constituição da República Federativa do Brasil promulgada em 1988 fundamentou o Estado Democrático, reconheceu os direitos do cidadão, introduziu o Plano Decenal de Educação.

> *"a necessidade e a obrigação de o Estado elaborar parâmetros claros no campo curricular capazes de orientar as ações educativas do ensino obrigatório, de forma a adequá-lo aos ideais democráticos e à busca da melhoria da qualidade do ensino nas escolas brasileiras (...) a educação básica, da qual o ensino fundamental é parte integrante, deve assegurar a todos "a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios*

para progredir no trabalho e em estudos posteriores". (Brasil,1998)

Neste sentido foram estabelecidas as referências dos Parâmetros Curriculares, publicados pelo MEC, e da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional, a escola passava a ter uma preocupação em formar cidadãos. Deveria procurar formar indivíduos que olhassem e vissem a realidade e que possuam capacidade para criticá-la, pessoas que se preocupassem com o destino coletivo e que soubessem se posicionar diante dos desafios do mundo. Porém, como diz Antônio Severino,

> *"Nem sempre o discurso legal expressa adequadamente a legitimidade e muito menos é eficaz na consecução de seus objetivos declarados, mas, mesmo assim, pode e deve servir de estímulo e de roteiro para a ação compromissada com a legitimidade.* (Severino ,1997)

O compromisso desta proposta estava voltado para a construção da cidadania, para a realidade social, para a prática do direito, da responsabilidade pessoal e coletiva, e para o incentivo da participação e prática política.

O texto da proposta coloca a questão nos seguintes termos:

> *"Essas exigências apontam a relevância de discussões sobre a dignidade do ser humano, a igualdade de direitos, a recusa categórica de formas de discriminação, a importância da solidariedade e do respeito. Cabe ao campo educacional propiciar aos alunos as capacidades de vivenciar as diferentes formas de inserção sociopolítica e cultural. Apresenta-se para a escola, hoje mais do que nunca, a necessidade de assumir-se como espaço social de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania. No contexto atual, a inserção no mundo do trabalho e do consumo, o cuidado com o próprio corpo e com a saúde, passando pela educação sexual, e a preservação do meio ambiente são temas que ganham um novo estatuto, num universo em que os referenciais tradicionais, a partir dos quais eram vistos como questões locais ou individuais, já não dão conta da dimensão nacional e até mesmo*

internacional que tais temas assumem, justificando, portanto, sua consideração. Nesse sentido, é papel preponderante da escola propiciar o domínio dos recursos capazes de levar à discussão dessas formas e sua utilização crítica na perspectiva da participação social e política. Desde a construção dos primeiros computadores, na metade deste século, novas relações entre conhecimento e trabalho começaram a ser delineadas. Um de seus efeitos é a exigência de um reequacionamento do papel da educação no mundo contemporâneo, que coloca para a escola um horizonte mais amplo e diversificado do que aquele que, até poucas décadas atrás, orientava a concepção e construção dos projetos educacionais. Não basta visar à capacitação dos estudantes para futuras habilitações em termos das especializações tradicionais, mas antes trata-se de ter em vista a formação dos estudantes em termos de sua capacitação para a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, em função de novos saberes que se produzem e demandam um novo tipo de profissional, preparado para poder lidar com novas tecnologias e linguagens, capaz de responder a novos ritmos e processos. Essas novas relações entre conhecimento e trabalho exigem capacidade de iniciativa e inovação e, mais do que nunca, "aprender a aprender". Isso coloca novas demandas para a escola. A educação básica tem assim a função de garantir condições para que o aluno construa instrumentos que o capacitem para um processo de educação permanente." (Brasil, 1998.)

A LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, reforçou a necessidade de se propiciar a todos a formação básica comum, o que pressupunha a formulação de um conjunto de diretrizes capaz de nortear os currículos e seus conteúdos mínimos. Esse amplo objetivo consolidou-se em uma organização curricular voltada a dar uma maior flexibilidade no trato dos componentes curriculares, reafirmando desse

modo os princípios da interdisciplinaridade presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

> *Com a interdisciplinaridade questiona-se essa segmentação dos diferentes campos de conhecimento. Busca-se, os possíveis pontos de convergência entre as várias áreas e a sua abordagem conjunta, propiciando uma relação epistemológica entre as disciplinas (...). As interconexões que acontecem nas disciplinas são causa e efeito da interdisciplinaridade.* (Garcia,2002.p.83)

A interdisciplinaridade aproxima-se mais do mundo em que vivemos onde a vida acontece no tempo real, no mundo da complexidade

> *"os fenômenos naturais e sociais, que são normalmente complexos e irredutíveis ao conhecimento obtido quando são estudados por meio de uma única disciplina.(...) Ela traz temas que envolvem um aprender sobre a realidade, na realidade e da realidade, destinando-se também a um intervir na realidade para transformá-la."* (Garcia,2002.p.83).

Alguns destes temas foram inseridos nos parâmetros curriculares nacionais e denominados Temas Transversais. O modo mais adequado para o tratamento destes é a transversalidade.

> *"Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental prevêem seis Temas Transversais a serem trabalhados durante todo o processo de ensino / aprendizagem: ética, meio ambiente, saúde, trabalho e consumo, orientação sexual e pluralidade cultural."* (Garcia,2002.p.83).

Para os PCN's estes conceitos são coincidentes quanto à crÍtica ao conhecimento produzido a partir de uma realidade estática do mundo e por apontarem para a necessidade uma leitura mais complexa .Porém ressalta uma diferença fundamental:

"a interdisciplinaridade[4] *refere-se a uma abordagem epistemológica dos objetos do conhecimento, enquanto a transversalidade diz respeito principalmente à dimensão da didática."* (Brasil,1998. p.30) .

Para concluir a relação dos dois conceitos a Interdisciplinaridade e a Transversalidade que alimentam-se mutuamente a Dra. Lenise Aparecida Martins Garcia coloca:

A transversalidade e a interdisciplinaridade são modos de se trabalhar o conhecimento que buscam uma reintegração de aspectos que ficaram isolados uns dos outros pelo tratamento disciplinar. Com isso, busca-se conseguir uma visão mais ampla e adequada da realidade, que tantas vezes aparece fragmentada pelos meios de que dispomos para conhecê-la e não porque o seja em si mesma. (Garcia, 2002. p.82-84)

A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais se constitui em um excelente campo de atuação da Educação Ambiental na escola, por meio da transversalização dos Temas Transversais, como forma de contribuir para práticas de uma concepção de educação, na qual a própria educação é tratada como um valor social. A educação assim pensada é de fato um instrumento imprescindível de constituição da cidadania

Assim, a problemática social e a questão educacional aparecem integradas na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Os Temas Transversais. não constituem novas áreas, mas são temas que aparecem transversalizados nas áreas definidas, permeando a concepção, os objetivos, os conteúdos e as orientações didáticas de cada área, no decorrer de toda a escolaridade obrigatória.

---

[4] Um interessante apanhado histórico de Ivani Fazenda sobre a interdisciplinaridade nos remete aos anos 60, onde se encontra seu início junto com outros movimentos abordados por nós e que corroboram para um mesmo fim, formar as primeiras luzes de um novo paradigma.

A nova LDB deve ser tomada como instrumento não só de trabalho pedagógico mas também de trabalho político para os educadores, para quem o compromisso com a construção da cidadania é, no meu entender, uma redobrada exigência. Infelizmente, pode-se afirmar que o universo e o momento escolar não têm cumprido a contento essa finalidade. Mais uma vez voltamos a diferença entre a palavra e o gesto.

> *"As qualidades da lei são as qualidades dessa nova perspectiva político-social, mas as suas limitações são igualmente os defeitos do vagalhão neoliberal, mais uma vez uma suposta boa idéia fora de seu lugar. Querendo atender os interesses de gregos e troianos ao mesmo tempo, ou seja, atender as necessidades da massa da população carente mas sem sacrificar em nada os egoísticos interesses das elites hegemônicas, o texto da lei ecoa ideologia em excesso. Como tal perde muito de sua força transformadora que dela seria legítimo esperar."* (Severino, *1997).*

2.2.2 Procedimento pedagógico

Levando em consideração que "ensinar não é transmitir conhecimento" (Freire,2002. p.52), então, o que seria ensinar? Este questionamento levou-me a buscar caminhos dentro do sistema escolar, ciente que dentro dele existem

> *"os que defendem a idéia de que a educação deve simplesmente transmitir cultura, ou seja, levar as novas gerações a assumirem as normas e costumes vigentes na sociedade, de maneira a garantir-lhes Mas também é possível partir da posição contrária e entender a educação como algo extremante crítico e inovador, tendo por objetivo o domínio racional (humano) de todo o processo social." (Goergen,1979,p.27)*

As práticas e as técnicas usadas nas intervenções educacionais, objetivando contextualizar o sujeito nas dimensões histórica, social e natural são bastante antigas. O estudo do meio, o trabalho de campo, as aulas ao ar

livre não são atividades inéditas na educação, já existindo inúmeras experiências como por exemplo as metodologias de Educação Popular desenvolvidas por Paulo Freire, no construtivismo de Piaget entre outras. Marcos Sorrentino ressalta:

> *A natureza e o meio como recursos educativos já eram mencionados por antepassados ilustres como Rousseau (1712-1778) e Freinet (1896-1966) e diversas correntes pedagógicas têm insistido, ao longo do tempo, sobre a necessidade de recorrer à experiências e ao estudo do meio como estratégia de aprendizagem e de preparação do indivíduo para a vida – o meio como fonte educativa! Atividades e reflexões voltadas à melhoria do meio e da qualidade de vida, também são bastante antigas, e foram promovidas por diferentes setores sociais, individual e coletivamente, abordando distintos conceitos, através de diversificados métodos e instrumentos – educar para o meio.* (Sorrentino, 1993. p.7)

Porém não era apenas a prática que era necessária para abraçar toda a possibilidade educativa, pois.

> *"Sendo a educação um objeto intimamente ligado às situações histórico-culturais e sendo, ao mesmo tempo, alvo constante do jogo de interesses de grupos sociais, facilmente podemos entender que a teoria se distancia da prática e, na negação do existente projeta uma nova realidade e encontra muitas dificuldades de retornar à prática.."* (Goergen,1979. p.27)

O pesquisador Jorge Larrosa Bondía, aprentou uma proposta interessante, que contrapõe o ponto de vista de uma educação voltada para a relação existente entre a "teoria e a técnica". Esta visão traz para a discussão uma a experiência educativa produzida pela relação existente entre "experiência e sentido", e propõe

> *"uma outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a*

educação a partir do par experiência/sentido" (Bondia,2002.p.20)

Com relação a palavra experiência, Larossa esclarece que

"a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.(op. cit)"

A temática trazida pelo Professor Marcos Sorrentino, no texto "*Educação ambiental: avaliação de experiências recentes e perspectivas*" (Sorrentino,1993) trouxe informações sobre a história da Educação Ambiental, propôs observações e apontou para o fato que a popularização alcançada pelo termo ecologia também foi devido a um grau de conscientização que se inicia na década de 70. No texto Sorrentino afirma:

> *"desde o início da década de 70, presenciamos a emergência de um novo movimento social relacionado às questões ambientais"* (Sorrentino, 1993. p.9)

O autor explica que foram as diferentes demandas causadas por este processo que acabaram por gerar diversos procedimentos e que abriram uma grande gama de possibilidades de atuações:

> *"Diferentes caminhos da sensibilização e engajamento das pessoas na questão ambiental/ecológica implicaram e implicam ampla diversidade de interpretações e propostas de processos educacionais voltados para ela. Começam nas diferentes adjetivações da palavra educação (ambiental, ecológica, integral, holística, conservacionista, etc.) passam por diferentes objetivos , concepções filosófica e metodológica e ficam mais evidentes na escolha dos conteúdos e métodos da trabalho na área." (Sorrentino, 1993. p.10)*

E cita a possibilidade do conceito de dimensões da ecologias ser capaz de contribuir com a questão educacional da Educação Ambiental na escola.

> *"Na compreensão das diversas dimensões que o termo ecologia evoca e na formulação de procedimentos pedagógicos capazes de*

desenvolvê-los, reside uma grande possibilidade da questão ecológica contribuir para o resgate e o fortalecimento da questão ambiental, especialmente nas escolas, revitalizando-a através da sua maior inserção na comunidade e motivação dos alunos por estudarem o seu próprio cotidiano, a sua própria realidade." (Sorrentino,1993. p.10)

2.2.3 As cinco dimensões da ecologia

A discussão dos conceitos trazidos pelas "dimensões da ecologia" passam necessariamente pela revisão histórica da construção do termo. Ecologia é uma palavra grega, formada pela palavra OIKOS (ϖxϱϖ, = *casa, moradia*) e o sufixo LOGIA (ϛϖεx'Y = *estudo, conhecimento*), e corresponde no universo grego à esfera doméstica privada, à casa, o lugar onde se habita.

"Se examinarmos o percurso das transformações sofridas pelo radical grego OIKOS, que será a raiz da palavra ecologia, e os sentidos que esta idéia foi adquirindo historicamente, veremos como a mesma palavra é portadora, hoje de um sentido que contradiz sua concepção inicial. OIKOS designa originalmente, no universo grego, a esfera doméstica, privada , a casa, o lugar onde se habita, em oposição a ÁGORA (ϋεϖ''Y), espaço público onde os cidadãos livres reunião para para discutir os assuntos da POLIS (Carvalho, 2004)

O mesmo termo redefinido por Hernst Haedel no ano de 1869, que associou OIKOS a LOGOS e usou o termo ecologia para designar *"o estudo das relações de um organismo com seu ambiente inorgânico ou orgânico, em particular o estudo das relações do tipo positivo ou amistoso e do tipo negativo (inimigos) com as plantas e animais.(Haedel,1869"*[5]*)*

Com o tempo o conceito evoluiu para ser uma *"parte da biologia que*

---

[5] *"Generelle Morphologie des Organismen"* Hernst Haedel 1869

estuda as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como suas recíprocas influências." (Ferreira,1975. p.500). Na atualidade a visão da Ecologia transcende este conceito, é também considerada uma ciência que busca saídas possíveis, na reflexão de seus conteúdos e na projeção de suas ações. Para Sanches,

> *"A ecologia é hoje não só uma ciência biológica que nos esclarece a respeito da natureza, seus ciclos e a estreita relação entre todos esses componentes, mas é também um convite à discussão, procurando respostas que visem garantir a sobrevivência da espécie humana e das outras espécies e efetiva melhora na qualidade de vida de cada homem de todas as sociedades." (in SORRENTINO,1991. p.47.)*

Durante os últimos anos, o desenvolvimento técnico da Ecologia provocou e confirmou uma ampliação nos horizontes desta Ciência, principalmente no que se refere a diversidade e multiplicidade de aspectos que devem ser considerados com relação ao ambiente. Desta forma, o conceito original de Ecologia, foi sofrendo modificações através dos tempos. Partiu da disciplina Biologia - área específica do conhecimento humano que trata do estudo das relações dos organismos uns com os outros; para abarcar nos dias de hoje, a compreensão de uma relação que se estende a todos os demais fatores naturais e sociais que envolvem o ambiente, incluindo o ser humano articulado às diversas dimensões da Natureza.

Esse novo modo de ver a ecologia, que busca recolocar o ser humano na composição da Natureza, acabou por evidenciar os problemas sócio-ambientais e deu inicio a uma preocupação até então irrelevante: como os fatores ambientais afetarão as gerações futuras? Esta questão impõe uma mudança de atitude, pede uma nova forma de relação entre a humanidade e a natureza em suas várias dimensões.

> *"Possivelmente, essa mudança na forma de relacionamento entre si e com sua natureza, seja a que Guatttari define, como dimensão*

biológica, social e subjetiva (...) que agirá como ciência do ecossistemas, como objeto de regeneração política, mas, também, como engajamento ético, estético, analítico, na iminência de criar novos sistemas de valoração de subjetividades inusitadas, um novo gosto pela vida. (...) Guatarri, nesta idéia, aponta para outro relacionamento entre pessoas, o *que necessitaria uma transformação social muito grande e uma ruptura com as formas tradicionais de convivência na família, no trabalho e na política."* (in Noal, 2001. p.379.)

Diante das várias propostas de se classificar a ecologia como um conceito expandido trazidas por Lago e Pádua, Huber e Guatarri, Marcos Sorrentino propôs mais uma classificação, uma versão com cinco divisões. Reflete Marcos Sorrentino:

"Recentemente, Lago e Pádua (1984) classificam quatro ecologias: natural, social, conservacionismo e ecologismo. Logo depois, Huber (1985) distingue 18 correntes do movimento, que podem identificar a questão ecológica; 1990, foi lançado no Brasil o *livro "As três ecologias" de Guatarri – a do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana. Diante desta diversidade de interpretações, pode-se emitir uma outra opinião de que são cinco as* ecologias , ou melhor, as dimensões da questão ecológica." (Sorrentino,1993.p.10)

Entre as inúmeras leituras que o termo ecologia possa merecer, nesta concepção, a ecologia vista por dimensões que se interrelacionam, tenta compreender os complexos laços existentes entre a relação "corpo&alma e ambiente."(Ribeiro,1998.p.43)

"Enfim, esta ecologia preocupada com a alma e o *corpo, com as relações pessoais e institucionais, com a natureza e* o *meio ambiente humano, implica em uma educação voltada a essa totalidade ou aspectos fragmentados da mesma."*(Sorrentino,1993. p.11)

A classificação das Cinco Dimensões da Ecologia, sugeridas por Marcos Sorrentino, aponta para diferentes abordagens da questão ecológica, relaciona-as entre si, lembrando sempre que o ser humano esta inserido na natureza. A partir desse pensamento, fica impossível não considerar as relações com o ser humano.como sendo inerentes ao processo.

Sorrentino também aponta estas dimensões como possíveis entradas para ações de Educação Ambiental , constituindo-se em áreas de interesses e de estudo.

> *"Para cada abrigo da nossa existência podemos encontrar uma ciência, ou uma vertente da ecologia preocupada em estudá-lo." (Sorrentino, 1993. p.10)*

O interesse por esta classificação proporcionou vários desenvolvimentos, que vão do material didático criado para a intervenção educacional à concepção da intervenção propriamente dita.

Desta forma, adotou-se no presente trabalho, a classificação dada às cinco dimensões da ecologia de Sorrentino,

1a Dimensão Ecológica: Se refere ao menor habitat do homem é sua casa interior.Seria o ponto mais próximo da essência do ser humano.A porta para o Ser.

> *"Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexidade, com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda."* (Capra, in Morin, 2000)

2ª Dimensão da Ecologia: Fala do e ao nosso Corpo Físico, aquele que contém a nossa vida.Cabe a essa dimensão o estudo da preservação e conservação desta casa. A necessidade de cuidar da nossa saúde pessoal, da alimentação, da respiração. Através do nosso corpo percebemos o mundo a

nossa volta e nos relacionamos com ele.

> *"A segunda delas trata do nosso corpo físico, o qual abriga nossa alma, nossa vida. Cabe a essa Segunda dimensão ecológica o estudo da preservação/conservação dessa casa; alimentação, respiração, movimentação."*(Ribeiro,1998. p.44)

A 3a Dimensão da Ecologia: é a dimensão das relações do ser humano com os outros indivíduos. Para Sorrentino, *"é dentro dessa instância que incluímos os estudos sobre dinâmicas de grupo e a proliferação dos trabalhos sobre as relações interpessoais e transpessoais e que abrange as questões dos relacionamentos afetivo-amorosos, a família, a AIDS."* (Sorrentino 1998, p.10).

A 4ª Dimensão da Ecologia: Esta dimensão irá tratar das relações dos indivíduos com a natureza e o ambiente construído pelo próprio homem. Nesta dimensão se encontra a noção de ecologia que aprendemos na escola, onde todos os seres animados e inanimados estão incluídos, mas também estão presentes os produtos das ações antrópicas, objetos de consumo e seus derivados, o lixo, a poluição, etc. Sorrentino destaca a dimensão ecológica desde o ...

> *"distanciamento e a necessidade de aproximação da natureza por motivos de sobrevivência psicológica e física, até questões de insalubridade no ambiente de trabalho, passando por questões como a impermeabilidade dos solos, erosão, enchentes e o direito de todos ao ar limpo... e não estímulo ao consumismo e aos descartáveis, a questão da reciclagem, etc.",* (Sorrentino,1998. p.10).

A 5ª.dimensão da Ecologia: É a dimensão Política – "forma de gestão do espaço comum - as legislações e políticas públicas; as instituições para implantar essas políticas" (Sorrentino,1998.p.10), a legislação e os equipamentos sociais, esforços dispensados para conscientizar e racionalizar as ações humanas sobre as demais dimensões. Aqui também se situam as ações de cidadania. A busca por uma democracia libertária.

Esta classificação será a base teórica que dará o desenho da intervenção proposta.

2.4 O(A) professor(a) eventual

O Professor(a) eventual é o profissional da educação que tem por função substituir os professores(as) titulares na ocasião de suas faltas. O perfil deste profissional é bastante variado, formado na maioria das vezes por ingressantes no magistério público; jovens em formação (estudantes universitários), professores(as) recém-formados(as) e formados(as) que iniciam –se na profissão mas, pelo pouco tempo de serviço, não conseguiram pontuação suficiente no processo de atribuição de aulas.

> *"O perfil deste professor parece variar bastante. Segundo os dados levantados encotram-se entre os professores eventuais estudantes universitários (tanto os que iniciaram o primeiro semestre num curso superior como alunos em fase de conclusão de curso), professores formados que não conseguiram assumir aulas no processo de atribuição, professores aposentados e profissionais que não são ligados à área da educação (sem curso de licenciatura)." (Trindade, 2001)*

Dentro da hierarquia do sistema escolar estadual, a categoria de professor(a) eventual, está em último lugar. Na maioria das vezes, não tem o afeto e admiração dos alunos(as), são vistos como "passageiros(as)", "tapa buracos"; são desconsiderados pela classe, sem horário ou local fixo de trabalho, com uma remuneração mínima, sem direitos adicionais.

Antonio Alberto Trindade (Trindade, 2001), autor/orientador de uma investigação sobre o assunto, onde seus colaboradores/alunos exerciam esta função, revela que o professor eventual vive uma realidade bastante complicada.

> *"Segundo os dados levantados, na visão dos diretores e dos professores titulares, os professores eventuais são pessoas ainda*

despreparadas e inexperientes que não têm condição de assumir uma sala de aula com a mesma propriedade de um professor formado. Poucos professores titulares demonstraram considerar o professor eventual como um "braço de apoio" necessário com o qual podem realizar um trabalho integrado. "As atividades desenvolvidas pelos professores eventuais parecem se dividir em "educativas" e "prestação de serviços gerais". Assumem o comando de uma sala de aula na falta de um professor titular e são requisitados para outras atividades quando ociosos: inspeção de alunos; serviços de secretaria; limpeza; atendimento na cantina; serviços externos entre outros. Parece ser freqüente a ocorrência de desvio de função que é suportada por estes profissionais em função da necessidade de permanecerem na escola para adquirir pontos - algo que melhora sua classificação para o processo de atribuição de aulas que ocorre no início de cada ano." (Trindade, 2001)

O professor(a) eventual é chamado(a) quando o professor(a) "habitual" avisa à direção da escola que irá se ausentar da classe em determinado dia e horário. A direção da escola entra em contato com o(a) professor(a) eventual, para que este possa "cobrir" o horário, de modo que os alunos(as), não permaneçam desacompanhados(as) durante este período.

"As opiniões dos alunos quanto a este profissional se diferenciaram conforme o grau de escolaridade destes. Para os alunos do ensino fundamental, o professor eventual parece ser considerado uma espécie de animador" cujo trabalho não representa uma continuidade do trabalho do professor titular; muitos observaram que, quando sabem que o titular vai faltar, não vão à escola. Os alunos do ensino médio expressaram uma visão positiva do professor eventual e do trabalho que este realiza; a possibilidade de discutir temas com o professor eventual foi apontada como algo "muito importante" e motivador" (Trindade, 2001)

Por ocasião da pesquisa, o(a) Professor(a) Eventual podia ser chamado(a) para substituir um(a) professor(a) de qualquer matéria. Assim, no ensino médio, o(a) professor(a) de Ciências podia estar substituindo o(a) professor(a) de Português, o(a) professor(a) de Matemática podia substituir o(a) professor(a) de História, o(a) professor(a) de Educação Física substituir o(a) de Química. Algumas vezes, o professor(a) faltante deixa textos e exercícios para que o(a) professor(a) eventual desenvolva durante as aulas; outras vezes, este fica à mercê de seu próprio estímulo e criatividade, sem ter nenhum vínculo com os alunos ou com a escola. Este profissional, na maioria dos casos, apenas preenche o espaço vago do(a) professor(a) faltoso(a), sem ter uma proposta educacional. A visão dos pais de alunos parece não destoar muito da visão dos filhos; muitos consideram que o professor eventual apenas "preenche o espaço" da aula, não reconhecendo o trabalho destes profissionais como importante.

Foi para estes profissionais que foi dirigida a intervenção educativa proposta buscando a integração e a interação de conceitos e proporcionar através da experiência vivencial a produzir uma "curiosidade epistemológica" (Freire,2002.p.27) de instigar uma reconceituação do ser humano, instrumentalizando-o para ser um editor deste conhecimento, trabalhando com os estudantes, durantes suas horas/aula, conteúdos diferenciados sem interferir na programação formal da escola pública, mas usando deste espaço vago.

> *"É preciso que se criem estratégias, que se encontrem brechas como possibilidades estratégicas que venham a ser ocupadas e alargadas por pais, professores e alunos e assim reafirmar a contradição, a negação da ordem instituída.".* (Sansolo e Manzochi,1995)

Após observar o sistema de ensino das Escolas Públicas Estaduais de São Paulo, detectamos uma brecha existente na sua rígida estrutura. Um olhar mais aprofundado sobre o grupo de profissionais que atuam nesta instituição, nos traz a figura do(a) Professor(a) Eventual.

Em um levantamento feito nas Escolas Púbicas Estaduais do Município de Piracicaba em 2001, sobre a necessidade da presença de um professor substituto, concluímos que a média da necessidade da atuação do professor eventual nesta função é de 30 professor/dia. Existiam na época, em Piracicaba cerca de 437 salas de aula de 1ª a 4ª séries - Ciclo II, com 14500 crianças.

Desta forma, surgiu a estratégia de se integrar estas duas possibilidades, incentivar e instrumentalizar o Professor(a) Eventual para uma ação vivencial onde ele(a) teria possibilidade de reeditá-la para suas próprias necessidades e utilizando-as na criação de suas intervenções. Ao mesmo tempo, dava a este(a) profissional uma qualificação e uma significação na estrutura escolar, estimulando o interesse do professorado por esta possibilidade de atuação.

3 METODOLOGIA

3.1 Parâmetros da pesquisa

Para ser coerente com o referencial teórico apresentado, reafirmo o meu ponto de vista crítico apontando o cego caminhar do mundo moderno para uma crise sócio ambiental sem precedentes. O perguntar reside na indignação e o fazer, na urgência da resposta.

> *"Estamos no fim de um ciclo de hegemonia de uma ordem científica. As condições epistemológicas das nossas perguntas estão inscritas no avesso dos conceitos que utilizamos para lhes dar resposta. É necessário um esforço de desvendamento conduzido sobre um fio de navalha entre a lucidez e a inintegibilidade da resposta. São igualmente diferentes e muito mais complexas as condições sociológicas e psicológicas do nosso perguntar."* (Santos, 1987. p. 8)

3.2 O Curso

O curso a ser descrito foi a conseqüência de um convite feito à pesquisadora pelos ATPs de Geografia e Ciências, técnicos da Diretoria de Ensino de Piracicaba e Região. Desde o começo constatei um grande incentivo e interesse destes profissionais na proposta de trabalhar educação ambiental com os (as) professores(as) eventuais. Para eles esta via de acesso à produção de conhecimento era clara e visualizavam a intervenção como uma resposta à crescente demanda em relação à necessidade do(a) professor(a) eventual, e desejavam realizar uma ação oficial nesta direção.

A proposta do curso foi aprovada pela Portaria da Coordenadoria de

Cursos da Secretaria de Educação do Estado, em 17/08/2001, nos termos da Resolução SE-121/90, como Curso de Extensão Cultural, com o título: Professor eventual- temas transversais. Foi dirigido para PEB (Professor de Educação Básica) I e II da Região de Piracicaba com data de realizado entre os dias 20/10 a 08/12/2001.

Por orientação superior, os técnicos da Diretoria de Ensino, abriram inscrição para todo o professorado da Rede Pública Estadual – Região Piracicaba, tivemos que insistir junto à Diretoria de Ensino pela preferência pelo Professor(a) Eventual.

O curso foi divulgado nas escolas pela diretoria de ensino por uma carta convite. A resposta obtida foi uma grande procura, mais de 60 professores(as), extrapolando o desejo de trabalhar pequenos grupos de no máximo 20 participantes, em todo caso o número de vagas a pedido da coordenadoria de cursos foi expandido para 40. Este interesse pode estar super estimado ter sido estar camuflando o pelo reconhecimento oficial do curso, que garantiria alguns créditos na carreira profissional do participante e por um erro na carta de divulgação que alterou o nome do curso, de Temas Transversais para Recursos Hídricos. Este erro gerou uma certa insatisfação no público presente do primeiro encontro e acabou por causar desinteresse de alguns dos pretendentes, que não retornaram mais. Apesar disso, o curso transcorreu sem problemas do princípio ao fim, iniciou com 38 professores, e teve 29 concludentes. Estes dados conferem aos indicadores de participação e permanê ncia do curso valores positivos. A baixa desistência revela que foi bem aceito.

A intenção da intervenção era originalmente trabalhar exclusivamente com professore(as) eventuais, mas por ordens das hierarquias superiores da Diretoria de Ensino as inscrições foram abertas para PEB I e PEB II. Desta forma no grupo de participantes continha 8 professores(as) efetivos(as), 1 coordenador, 10 professores(as) ACT e 12 professores(as) que trabalhavam na época como eventuais: Na realidade os professores ACTs tem seu tempo de

atuação em uma escola determinado pela ausência de um(a) professor(a) efetivo(a). Normalmente esta ausência está ligada a um afastamento mais longo, provenientes de licenças de saúde , maternidade entre outras, o que faz o professor(a) ACT também um(a) professor(a) substituto(a) em uma escala diferente do caso do(a) professor(a) eventual

As atividades do curso foram desenvolvidas em uma sala cedida pela Diretoria de Ensino de Piracicaba, e as atividades práticas que aconteceram, no encontro 2 e 3, e no encontro 7 e 8 foram sediadas no Parque da Escola de Agricultura Luiz de Queiroz – ESALQ/USP, e nas salas de aulas cedidas pelo Departamento de Ciências Florestais, com o apoio da Oca - Laboratório de Educação e Políticas Ambientais.

3.3 O perfil da pesquisa

A pesquisa em si, destinou-se a avaliar o método usado na intervenção educional. Tal método leva os participantes a percorrerem um "processo de campo", que sustenta "*a reformulação dos caminhos da pesquisa, através das descoberta de novas pistas.*" (Cruz Neto,1993.p.62). Desta forma os(as) professores(as) inscritos no curso foram convidados(as) a "participar da experiência" como se referiu Bondía (2002, p.28). A conseqüência do enfrentamento entre o planejamento inicial e o acontecimento real neste tipo de intervenção educacional é o caminhar que se desenrola, que se define e se redefine, que se constrói e se reconstrói a cada passo. Este método foi chamado por Minayo (in Gomes,1998. p.77) de método hermenêutico dialético.

A metodologia utilizada no levantamento de dados da pesquisa foi a análise de conteúdo (Richardson,1999.p.220), e o material utilizado para análise foram os documentos educacionais gerados durante o curso e também cadernos de campo, relatos e outros produtos produzidos pelos(as) professores(as) participantes e pela equipe de facilitadoras.

Para a interpretação de dados utilizou-se a metodologia de Roberto Lefreve, chamada de "Discurso do sujeito coletivo" (Lefreve,2003), "que

consiste numa forma qualitativa de representar o pensamento de uma coletividade"(op.cit.) usando como categorias as "cinco dimensões da ecologia" (Sorrentino,1993. p.10). Por este motivo, por considerar que a nossa leitura busca a compreensão da voz do conjunto não citamos os nomes do(as) professores(as) envolvidos.

3.4 A equipe de facilitadoras

O desenvolvimento e avaliação da metodologia educacional, contou para sua realização, de um corpo de docente de quatro professoras, no qual eu me incluo. A meu convite integraram-se à proposta mais três pesquisadoras da Oca - Laboratório de Educação Ambiental do Departamento de Ciências Florestais – ESALQ/USP, todas com experiência no campo da arte educação e da educação ambiental, compondo um grupo de formação interdisciplinar: a Profa. Flávia Rossi de Morais, comunicóloga, a Profa. Simone Portugal, musicóloga e a Profa. Ana Paula Coati, Psicóloga, e eu, bióloga.

Esta equipe trabalhou de forma integrada e democrática, participou da criação dos planos de aula, do monitoramento dos encontros e das avaliações do curso. Juntas formamos a equipe de facilitadoras do curso que desempenhou um papel importante como "sujeitos-atores" do processo da práxis, onde o enfrentamento da proposta e objetivos iniciais da capacitação se confrontavam com as necessidades de um novo apoio que iam sendo desenvolvidos durante o próprio curso. Deste enfrentamento nasceu o caminho, que se redefinia e reconstruía a cada encontro.

3.5 A intervenção educativa

O curso foi delineado num total de 8 encontros e buscou dentro dos PCN's os objetivos e as metas voltados para ao meio ambiente e à arte. O curso foi organizado em 3 fases:

1) Do primeiro ao quarto encontro,

- apresentação e discussão do conteúdo iniciais do projeto;

2) Do quinto e o sexto encontros

- desenvolvimento da intervenção educativa de cada professor(a) participante

3) Do sétimo e oitavo encontros

- apresentação e avaliação dos projetos propostos pelos participantes.

3.6 O Conteúdo inicial

O conteúdo inicial foi um convite. Um convite vivencial feito por nós , a equipe de facilitadoras, aos(às) professores(as) eventuais. O suporte teórico era o conceito de ecologia expandida em cinco dimensões proposto por Marcos Sorrentino. Em nenhum momento este convite foi explicitado em palavras, ele foi apenas sugerido através das atividades propostas. Este convite está na percepção e na aceitação da vivência da temática teórico prática abaixo descrita, apresentada em forma de uma palestra participativa.

Como este processo acontece de forma integrada, onde a programação acaba por se confundir com os resultados, optei por uma questão de organização por descrever o curso de forma integral no item 4.2 Caminho trilhado.

3.7 Uma temática teórica/prática

> *"É preciso encontrar o caminho de um pensamento multidimensional que, é lógico, integre e desenvolva formalização e quantificação, mas não se restrinja a isso. A realidade antropossocial é multidimensional; ela contém, sempre, uma dimensão individual, uma dimensão social e uma dimensão biológica."* (Morin,2001.p.189)

Um tema que abarque estes requisitos e que tenha as qualidades teóricas e práticas necessárias para a realização de uma experiência/vivencial, precisa recorrer á uma visão complexa e multidimencional do mundo. O trabalho desenvolvido por Ivana de Campos Ribeiro (Ribeiro, 1998),

demonstrou ser possível encontrar nas práticas emancipatórias, reflexões e posicionamentos que delas decorrem e que vieram auxiliar a concepção deste tema. O texto de Marcos Sorrentino de 1996 "As Cinco Dimensões da Ecologia evidencia "o estudo da relação do homem, com a sua moradia, seu ambiente" (Sorrentino,1993. p.10), traz nessa reflexão cinco diferentes abordagem para a questão ecológica, cinco dimensões que estabelecem relações do ser humano com suas casas, ambientes e moradas.

> "*Para cada abrigo da nossa existência podemos encontrar uma ciência, ou uma vertente da ecologia preocupada em estudá-lo.*" (Sorrentino,1993. p.10)

Usando uma analogia, comparo esta concepção de dimensões humanas da ecologia a uma cebola (Figura 6), desenhando estas dimensões como partes da casa, a morada do ser humano, podemos imaginá-la com sendo o próprio ser humano potencialmente organizado e agindo dentro destas dimensões.

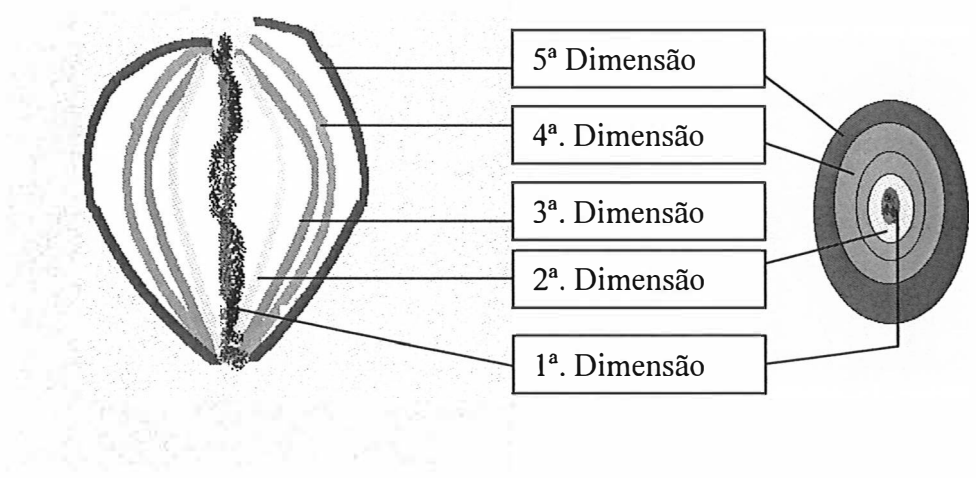


Figura 1 - A cebola e as cinco dimensões da ecologia

Também de acordo com a filosofia védica, o ser humano se assemelha, esquematicamente, a um corte transversal numa cebola, dando para ver os koshas (invólucros) como camadas concêntricas. É no íntimo de tal

configuração que se encontra Atma (a alma universal).

O interesse por esta classificação proporcionou vários desdobramentos, que vão do material didático criado para a intervenção educacional à concepção da intervenção propriamente dita.

A classificação parte da reorganização da concepção sobre o "mundo em que vivemos". Para tanto foi criada uma imagem que contém tudo o que pertence a este mundo: o homem, animais, vegetais, elementos da natureza e os produtos antrópicos: carro, avião, lixo, poluição atmosférica e sonora. Esta imagem vai paulatinamente sendo construída, em meio às intervenções participativas dos ouvintes.

Desta forma o conceito de ecologia tradicional é paulatinamente desconstruído, enquanto que um conceito de ecologia expandida é apresentado. A proposta era vivenciar essa desconstrução e buscar uma nova compreensão através de um novo olhar para este mesmo mundo em que vivemos do qual nós fazemos parte, colocando-nos, como seres humanos que permeiam todas as dimensões.

Este modo de ver o ser humano, na busca de integrar as dimensões humanas às dimensões da natureza, acabou por fornecer o instrumento e a teoria necessária para desenvolver uma proposta de intervenção educacional. Ela convidava o participante a exercitar os conceitos propostos, a partir da experiência vivencial, na busca de se colocar dentro de cada uma das dimensões, ampliando assim suas possibilidades de interação com o pensamento complexo, convidando o participante a pensar na própria postura e no seu modo de agir no tempo e no mundo, no seu cotidiano.

As figuras 1, apresentada acima, e a figura 2 fazem parte da Palestra interativa " As cinco dimensões da ecologia" e foram criadas para esta intervenção e apresentada no encontro 1. os demais slides pertencentes a esta palestra se encontram no Apêndice 2.

Figura 2 – O mundo em que vivemos

4 RESULTADOS

4.1 Resultados qualitativos

Os resultados foram obtidos através da avaliação de 2 momentos do curso, dos relatos feitos pelos professores participantes e pela equipe de facilitadoras, durante o desenrolar do mesmo. Da análise dos momentos revelados acima, destaco dois grupos de resultados, um obtido no início do curso e outro por ocasião de seu encerramento. Estes resultados servirão como guias para esta discussão.

Nesta perspectiva de análise, os primeiros dados foram obtidos durante o Encontro 1, foi logo no início da palestra participativa o "Histórico da Educação Ambiental" (Apêndice 1). Era pedido aos(às) professores(as) que escrevessem de forma individual qual o conceito que cada um(a) tinha da Educação Ambiental.

Após este momento, a equipe de facilitadoras iniciou a dinâmica do cochicho pedindo a todos que formassem duplas, na qual cada um era convidado a expor e defender a sua opinião e que possibilitou que cada um(a) dos(as) integrantes das duplas defendessem o seu ponto de vista, ouvisse o ponto de vista do outro e compusesse junto com o outro um terceiro ponto de vista. Estes conceitos foram posteriormente discutidos em grupos de 4 pessoas e apresentados à classe. Estas frases foram consideradas resultados que traduziam um abrangente conceito sobre o que representa a Educação Ambiental para estes professores(as).

Os dados assim obtidos foram analisados como referido na metodologia, no item 3.3 *O perfil da pesquisa*. As categorias utilizadas para esta

interpretação foram “as cinco dimensões da ecologia” proposta de classificação trazida por Sorrentino (1993.p.10), descrita no item *2.2.3 As cinco dimensões da ecologia*.. Para que esta leitura pudesse se proceder foram estabelecidos parâmetros, com o objetivo “delimitar espaços” nas cinco categorias. Porém para ser coerente com a questão da historicidade a definição de cada uma delas estabelece sincronia com os conceitos usados na *Palestra: “As cinco dimensões da ecologia*“ (Apêndice 2)

Abaixo é exemplificado o procedimento adotado com algumas das respostas à pergunta: “O que é Educação Ambiental para você?”

Analisando as respostas, temos que:

“Educação Ambiental é:

“É o ato de informar as pessoas como utilizar nosso ambiente e respeitá-lo!”

O ato de informar pertence à terceira dimensão, utilizar nosso ambiente está na quarta dimensão, e respeitar o meio ambiente, dependendo da qualidade empregada na palavra respeito poderia ser colocado na segunda dimensão, respeito como um valor pessoal, ou “se dar ao respeito”, mas neste caso, respeitar a natureza, pertence à quarta terceira dimensão, porque se respeita a ela como a outra entidade, como uma relação interpessoal, uma entidade separa do ser.

“Amor pela natureza. Respeito ao ambiente em que vive.”

O *amor pela natureza* e o *respeito ao ambiente*, sofrem a mesma interpretação da resposta anterior, e por isso foram localizados na terceira dimensão.

“Identidade – ligação com a natureza – desafio – luta – transformação”

A palavra *identidade* está ligada à segunda dimensão, enquanto que a *ligação com a Natureza* está na quarta e *desafio, luta e transformação* pertencem à quinta dimensão.

A leitura das onze respostas obtidas e todas as respostas foram assim analisadas e os dados resultantes organizados na tabela abaixo.

Tabela 1 Resultados da questão: O que é Educação Ambiental ?

Dimensões/frases	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	total
1ª.												0
2ª.											1	1
3ª.	1		1	1	1	1	1	1	1	1		9
4ª.	1	1				1	1	1			1	6
5ª.											1	1

Assim foi possível deduzir que o entendimento do conceito de Educação Ambiental para a grande maioria dos(as) professores(as) participantes, era dirigida para a terceira dimensão, ou seja as relações inter-pessoais, e a seguir para a quarta dimensão , o mundo com o qual nos relacionamos fisicamente.

Porém estes resultados devem ser analisados lembrando que eles não são provenientes de pessoas que *"experenciaram a proposta do curso"*, eles ainda não tinham tido contato com o seu conteúdo. Por este motivo a análise destes dados deve levar em consideração estes fatores, então pode-se considerar que embora a dimensão das interrelações pessoais tenha se destacado mais, ela indica que os professores(as) vêem a natureza como algo afastado de si mesmo, como outro ser, destacado de si. A natureza como algo exterior a nós que se deve *"conhecer, respeitar e amar. .."*

Com relação à quarta dimensão, onde é explicitada a relação com a natureza, o verbo usar aparece, indicando um pensamento desenvolvimentista embutido. E, quando se referem a ações aparecem os termos conservação e preservação como indicativos de necessidade de haver ações, não necessariamente próximas a ele(a).

Já durante o encerramento do curso, o temas escolhido pelo grupo e os tema dos trabalhos foram analisados com a mesmo procedimento descrito acima. Porém, analisados dentro dos conceitos das cinco ecologias. Neste caso a segunda dimensão, foi a mais contemplada, mostrou um evidente aumento do interesse pelos assuntos sobre aspectos da individualidade. Abaixo apresentamos alguns dos temas escolhidos:

" Identidade – A conquista do eu"

"Valorização do ser humano, auto estima"

"Identidade, auto estima e respeito"

Esta preferência indica que os professores participantes reconheceram a importância e a existência de um caminho possível para trabalhar esta temática com seus alunos.

A terceira e a quarta dimensões continuaram a ser prestigiadas, porém não trouxeram apenas um caráter imediatista e superficial, como as inúmeras campanhas de latas recicláveis. A construção deste temas estão baseados em valores e na construção do "ser", como podemos observar:

"Formando consumidores responsáveis"

"Meio Ambiente Escolar"

"Lixo"

"Biodiversidade - todos os seres vivos são importantes

A quinta dimensão parece ter sido descoberta pelos(as) professores(as)que trouxeram projetos com temas importantes voltados a políticas públicas, tais como:

"Preservação ambiental em bairros"

"Estatuto da criança e do adolescente"

"Vamos acabar com a dengue"

A importância de estabelecer estes resultados se deu, pelas características metodológicas do curso, pelo estabelecimento da temporalidade na discussão do desenvolvimento de cada uma das dimensões e de suas interações com os resultados a medida que iam sendo produzidos.

Assim foram determinados dois horizontes, um de partida e outro de chegada, e entre eles o caminho trilhado. Neste caminho procurou-se evidenciar as principais características de causa e efeito, que relacionamos no item abaixo:

4.2 O caminho trilhado

Como já foi justificado no item *3.6 O Conteúdo inicial,* pelo caráter hermenêutico dialógico da pesquisa, abaixo descrevemos as atividades propostas e vividas pelo curso como um todo. Os encontros são descritos os seqüencialmente, onde atividades e objetivo estão intrinsecamente ligados aos resultados e vice versa.

4.2.1 Encontro 1

Abaixo estão relacionadas as atividade do encontro 1, de forma cronológica em relação a sua realização.

4.2.1.1 Apresentação do curso e discussão dos objetivos do curso

Atividades:

- Apresentação e pequeno relato de vida da equipe facilitadora.
- Apresentação dos(as) professores(as) inscritos(as).

Objetivos:

- Conhecer e discutir as expectativas dos(as) professores(as) inscritos(as).
- Divulgar e discutir os objetivos da proposta.
- Aproximar a equipe de facilitadores do grupo de professores(as) inscritos(as).
- Trabalhar com transparência e aproximar a equipe facilitadoras com os(as) professores(as) inscritos(as).

Resultados:

Os professores escritos gostaram da iniciativa. A receptividade foi grande, acostumados a outro tipo de tratamento exclamaram:

"Este curso, não é como os outros , não é como um funil enfiado na cabeça da gente."

A proposta promoveu uma situação onde os(as) professores, especialmente os(as) professores(as) eventuais se sentiram acolhidos(as), e felizes por conhecer um projeto específico para eles(as) .

4.2.1.2 Palestra Interativa: "A História da educação ambiental" (Apêndice 1)

Atividades:

- dinâmica cochicho
- apresentação em slides de dados sobre educação ambiental, seu histórico, conceitos e objetivos.

Objetivos:

- provocar participação e envolvimento.
- produziu a primeira resposta da pesquisa sobre a questão: "O que é Educação Ambiental para você?".
- Construir uma alicerce mínimo de conhecimento com as informações sobre educação ambiental.

Resultados: a técnica do cochicho, relatada no item 4.1 Resultados qualitativos, provocando o enfrentamento entre duplas, fazendo com que cada participante se posicionasse, e discutisse sobre o conceito de Educação Ambiental, deflagrou uma movimentação surtindo entre os professores, um interesse sobre o tema..

4.2.1.3 Lanche:

Atividades:

- O primeiro lanche foi oferecido e produzido pela equipe de facilitadoras.

Objetivos:

- introduzir o conceito de um lanche natural (Hirschi,1996).

- valorizar atitudes: fazer o que se come, pensar no que vai comer e dedicar tempo para esse processo.
- trocar receitas de doces e salgados e de chás medicinais.

Resultados:

Aparentemente a proposta teve aceitação. Foi combinado o almoço comunitário do próximo encontro que aconteceria no Parque da ESALQ.

4.2.1.4. Atividade em roda

Esta dinâmica proporcionou uma gama de possibilidades de aprendizagem, que vão da atividade interior de transformar o seu pensamento em uma frase musical, à atividade da exteriorização e expressão deste pensamento

Atividades:

- Dinâmica das vogais (Apêndice 3)

Objetivos:

- Informar as intenções desta roda.
- Proporcionar ao(a) professor(a) participante um trabalho com o corpo e com a mente.
- Vivenciar momentos de encontro consigo mesmo e com o grupo.

Resultados:

A resposta dada à proposta pareceu positiva, resultando em um conjunto sonoro, que cantava e dança vogais dentro de uma certa organização. Relata a equipe facilitadora;

"Ao final do exercício todos aplaudiram e se abraçaram, pareciam felizes por terem participado da proposta"

A análise deste exercício propõe vivências na Segunda, terceira e quarta dimensões.

4.2.1.5 Palestra : As cinco dimensões da ecologia "(Apêndice 2)

Esta palestra foi realizada em forma de apresentação de slides com

uma dinâmica de apresentação interativa, que procura convidar o ouvinte a se colocar na proposta teórica. Como esta temática é de fundamental importância para a compreensão da experiência/vivencial proposta ela será descrita no item:3.7 *Uma proposta teórico prática.*

Atividades:

- Palestra participativa

Objetivos:

- Oferecer a base teórica da pesquisa
- Incentivar o a participar da experiência

Resultados:

O resultado desta prática foi positiva. Os participantes se interessaram por compreender-se em relação a este modo de interpretar o mundo. Uma professora de educação física perguntou:

"Quando dou aula, então estou na terceira dimensão, certo?"

"E o amor professora? Aonde fica?"

4.2.1.6 Avaliação escrita

A Equipe de facilitadoras tinha consciência da importância das avaliações, que eram encaradas como uma ferramenta importante para o processo do método hermenêutico dialético que desejávamos deflagrar no desenrolar do curso.

Atividade:

A proposta: *"Escreva em uma frase a manhã de hoje"*

Objetivo:

Para explicarmos melhor o significado destas avaliações para o processo recorremos às palavras da pesquisadora Lea Depresbiteris:

"A avaliação , na educação ambiental , não pode ser encarada de modo tradicional, isto é, buscando detectar a aprendizagem de conteúdos, mas tem que ser um processo contínuo de acompanhamento da integração dos conhecimentos na prática diária, E para isso temos observar o

processo e os produtos da gerados pela educação ambiental" (Depresbiteris, 1998)

Resultados:

Os relatos colhidos revelam preocupação com o tempo e com o futuro. Estes resultados estão focados dentro da quarta dimensão da ecologia que é a relação do ser humano com o mundo em que vivemos.

"Viva a cada dia esse momento."

"Hoje foi muito bom, tive uma compreensão entre a relação homem-natureza, o quanto podemos fazer para melhorar o meio que vivemos. – Viva o hoje, pois o ontem já se foi e o amanhã talvez virá."

"Refletir sobre a prática de ontem e construir a prática de amanhã. Isto é planejar o futuro em bases sólidas e consistentes."

"O amanhã pertence a deus, só que depende de nós."

4.2.2 Encontro 2 e 3

Os encontros 2 e 3, foram reunidos em um só encontro, com 8 horas de duração e aconteceu no gramado central do Parque da ESALQ. Para este encontro foram programadas quatro oficinas temáticas. Se por um lado, o encontro 1, trouxe uma grande carga teórica através das palestras apresentadas, o encontro 2 se propôs a experimentar dinâmicas e oficinas que possibilitassem a vivência desse conteúdo.

Estas oficinas, com exceção da primeira, aconteceram em forma de rodízio, de modo que todos os(as) professores(as) perderam participar de todas as propostas.

objetivos comuns a todas as oficinas:

- contextualizar, "praticamente", elementos ressaltados durante a apresentação da palestra "As cinco dimensões da ecologia".
- Provocar reações e posturas pessoais através da práticas de sensibilização dos órgãos dos sentidos.
- Apresentar uma metodologia educativa vivenciada

A primeira oficina, por ordem cronológica dos acontecimentos, era uma proposta interativa, que propunha um passeio dirigido pelo parque buscando reflexões sobre a vida do ser humano sobre a Terra.

4.2.2.1 Oficina 1: Indo ao encontro da natureza (Apêndice 4)

Atividades:

- Trilha dirigida
- Material didático: guia interativo(Anexo)
- Local Passeio: gramado central e caminhos do Parque da ESALQ

Objetivos:

- buscar reflexões sobre o ser humano sobre a Terra e sua interação com "o mundo em que vivemos".
- exercitar a possibilidade de se ver e se relacionar com "o mundo em que vivemos" de formas diferentes, diversa do pensamento hegemônico.

Resultados:

Nos relatos da equipe de facilitadoras foi encontrado:

"A primeira parte [das atividades da manhã] *consistia em um convite de apreciação à natureza. Antes de estarem sensibilizados* [os professores]*, com toscos dados sobre orientação geográfica,como o uso de uma bússola, indicações de passarinhos e de algumas árvores convidamos os professores a olhar a sua volta. Onde nasce o sol? Prá que lado é o leste? Qual é aquele pássaro? E as maravilhosas cores das flores do Flamboyant? Um simples sentir, com seus ouvidos, bocas, olhos e pele."*

A atividade foi iniciada em frente ao prédio principal da ESALQ, uma praça gramada, de grande extensão, local este que foi escolhido intencionalmente, para possibilitar uma vivência do participante na Natureza.

A intenção da equipe de facilitadoras era proporcionar uma experiência vivencial real e acreditávamos que esta vivência poderia contribuir para

produção de conhecimento ou ao menos estimular a *"curiosidade epistemológica"*, como já se referiu Paulo Freire (Freire,2002.p.27).

A proposta propriamente dita, pode ser interpretada como uma forma ingênua de Estudo do Meio. Todo o proceder da atividade, constava de uma cartilha (Apêndice 4), distribuída às equipes. Cada grupo recebeu instruções e instrumentos necessários para seguir a atividade proposta.

A equipe de facilitadoras tinha a intenção de chamar a atenção dos(as) participantes para duas questões:

1.quanto ao posicionamento do ser humano sobre a Terra.

2. quanto à observação da diversidade da Natureza.

A atividade proposta tinha a intenção de trazer aos participantes uma oportunidade de vivência de espaço, levando o sujeito a se posicionar como centro, proporcionando a vivência dos conceitos relativos às "Cinco Dimensões da Ecologia" Nos relatos da equipe de facilitadoras estava escrito:

> *"Queriamos demonstrar que podemos medir e quantificar a natureza de fora para dentro com método e técnica, mas temos que ser parte dela para senti-la".*

Este exercício foi desenhado no sentido de colocar o indivíduo como um eixo, sobre um plano (a Terra), e fazer com que ele se sinta uma referência de si mesmo para dar a sensação de imensidão do espaço, trabalhando a segunda dimensão da ecologia.

Colhemos algumas anotações nos cadernos de campo dos(as) participantes:

> *" Consigo me sentir fazendo parte do todo."*
>
> *" Sensação de liberdade e segurança. Parte desse meio."*
>
> *"A beleza da árvore representa a beleza de Deus, ... a vida.*"

4.2.2.2 Oficina 2 :Olhos de ver

A proposta era o silêncio e o uso de diferentes formas de "usar" o olhar, de "ver" as coisas, sem o auxílio da fala, a trilha sonora deveria ser o

murmúrio do rio e da proximidade da cachoeira.

Atividades:

- Fazer o que o mestre mandar. O primeiro passo foi a leitura individual e em silêncio. Colocar mordaças
- Visitar a exposição de fotos de flores e feitas com câmara de furo de agulha.
- Participar de uma mini-trilha, anotando os animais, vegetais e minerais encontrados na área.

"A oficina "Olhos de Ver" foi realizada com o intuito de estimular a visão de várias formas, tentando suprimir o sentido da audição, o silêncio ajudaria a não afugentar os bichos. O espaço escolhido foi a florestinha do Piracicamirim.

Figura 3 - Oficina Olhos de ver em dois momentos

Um texto do Rubens Alves (Anexo 09), foi colocado no meio do caminho. Um convite à reflexão.

"Tudo que eu precisava falar , eu fazia gestos ou pequenos bilhetes, tentando me comunicar o mínimo possível." Explicava a facilitadora.*"Expus várias fotos, de flores e feitas com câmara de furo*

de agulha, deixei à disposição deles váriosa parelhos para estimular a visão:binóculos, óculos coloridos, caleidoscópio, câmara furo de agulha, lupas,etc. Sugeri a observação, com binóculo, de pássaros, borboletas e outros insetos e animais que pudessem existir na área. Propus fazer uma fotografia com a câmara furo de agulha e foi meio complicado, pois ninguém conhecia e ficaram achando que era brincadeira...Mas acabamos fazendo e o resultado foi interessante"

Resultados:

A respeito desta oficina foi encontrado entre os cadernos de campo dos(as) professores(as) o relato abaixo:

"*Achei super interessante, os instrumentos com os quais observamos detalhes da Natureza e principalmente o fato de só utilizarmos a visão e a audição para observar e nos comunicar, como isso é difícil! Mas percebi a grande importância de cada um. Ah! Adorei a historinha.*"(ou seja o texto de Rubem Alves – Anexo).

Concluindo é descrito o relato da facilitadora responsável:

"A sensação que tive é que estavam fazendo as atividades por obrigação, estranhado muito as proposições. Senti que para todos era muito difícil manter o silêncio. A todo tempo era como se fossem crianças brincando Uma senhora que passou por ali, se integrou no grupo e adorou as atividades, executando todas as atividades com a maior seriedade.

Na avaliação final os(as) professores(as) participante afirmaram que gostaram da atividade, mas não gostaram colocar as vendas na boca.

4.2.2.3. Oficina 3 : Oficina do som

Buscou-se um lugar silencioso onde se pudesse distinguir sons exteriores de sons interiores. Esta atividade aconteceu no meio de um seringal experimental, nos campos da ESALQ.

Atividades:

- sons internos ao corpo:
- Sons externos ao corpo:
- Mapa do som (Cornell,1997,p.82)
- Instrumento vocal: ginástica facial/aquecimento da voz/trava língua
- Roda cantada

Resultados:

O resultado foi positivo, todos(as) os(as) participantes ficaram

Figura 4 - Oficina do som – ouvir os sons internos

felizes e entusiasmados. A facilitadora responsável por esta oficina relata:

> "*O fato deles(as)* [os professores(as)] *terem caminhado bastante até chegar ao local da oficina, contribuiu para que elas aprovassem inteiramente a primeira atividade que foi deitar e ouvir os sons externos, o que elas fizeram com grande alegria.*"

Figura 5 – Oficina do som – desenhando o mapa do som

Outro ponto percebido pela facilitadora foi:

"a dificuldade de algumas pessoas para criarem uma frase rítmica e repeti-la; muitas percutiram os instrumentos aleatoriamente sem a compreensão do que foi solicitado." E continua observando que "*na atividade denominada "mapa do som", algumas pessoas optaram por representar o som escrevendo o nome do que ouvia(passarinho, buzina, vozes), outras representaram através de signos ou desenhos."* Como observação final diz: "*Foi também com alegria que elas aprenderam a música proposta."*

4.2.2.4 Oficina 4 Oficina do tato, olfato e paladar

Realizada em uma sala de aula do Departamento de Ciências Florestais, foi adaptada para este fim. Antes de entrarem na sala preparada para esta atividade os(as) professores(as) participantes foram vendados.

Atividades:

Os professores participantes são convidados(as) a entrar em uma trilha cega, sensibilizante do tato, através de uma corda guia.

- São provocados(as) a interagir com diferentes materiais.
- Perceber a diversidade de cheiros e sabores
- Refletir sobre como nós retemos estas informações na memória.
- Leitura de Texto: Lídia de Fernando Pessoa.

Esta oficina ofereceu aos participantes a oportunidade da participar de uma trilha cega. Foram colocadas em uma fila de cadeiras, e sobre elas bacias de plástico.

Figura 6 – Oficina do Tato – andando na trilha cega

Dentro das bacias os seguintes itens foram colocados: Pedras, terra, conchas do mar, lacre de lata de pipa, água, massa de pão, etc.

Uma corda foi colocada para que as pessoas pudessem se guiar, uma vez que estavam com os olhos vendados. Desta forma, uma a uma, foram passando e tateando cada um dos itens, ao final retiravam a venda e eram incentivados a escrever sobre as sensações que tiveram.

"A maior dificuldade foi a massa por ser fria, meio pegajosa. Não consegui "trabalhar" muito bem com ela, por nojo mesmo, desconforto.

"De qualquer forma é bem louco pegar o que você não vê e não sabe, apesar de achar que não haveria um animal"

Figura 7 –Oficina do Tato – Trilha cega 2

"Cada objeto trouxe uma sensação diferente: O papel picado é liso e com impacto leve; o metal da latinha é duro e faz com que percebamos vários detalhes : buraco, algo pontudinho, etc.; o palito nos causa curiosidade, através de saber o seu tamanho"

Em um segundo momento, sentados(as) em círculo, de olhos fechados, foi pedido que cheirassem o que continham outras pequenas vasilhas: terra, Jasmim, lavando, hortelã, capim limão, citronela. (Fig. 8)

E por fim, ainda de olhos fechados, testar sabores: sal,açúcar,hortelã e doce de leite com ameixa.(Fig.8)

"Conforme fui sentindo o cheiro de cada coisa, fui tentando adivinhar o que era. Fiquei em dúvida de várias coisas"

Figura 8 –Oficina do Olfato – sentindo cheiros, dois momentos

A oficina encerrou com a leitura do poema "Lídia" de Fernando Pessoa, lido pela facilitadora responsável.

Resultados:

Dos relatos colhidos, apresentamos:

"Sem o órgão da visão, a dificuldade é bem maior, agora sei como os meus alunos "cegos " se sentem. Cada objeto trouxe-me uma sensação diferente: a concha possui listrinhas e coçam na mão; a lixa já é bem áspera, na a apertamos muito; a massa, o primeiro impacto é de nojo, mas depois apertando-a dá uma espécie de relaxamento."

"A primeira sensação foi boa, mas a partir da segunda fiquei com muito medo de bicho. Fiquei parada de frente para o recipiente com gravetos

com medo de bicho. Depois, fui me soltando. O fato de eu não ver me causa um certo desconforto e curiosidade.

"Conforme fui sentindo o cheiro de cada coisa, fui tentando adivinhar o que era. Fiquei em dúvida de várias coisas. Paladar – Eu acho que é um dos melhores órgãos dos sentidos.

A facilitadora responsável por esta oficina colocou:

"O comentário geral foi, que se sentiram muito inseguras, as vezes com a sensação de prazer e as vezes com a sensação de desconforto, medo, nojo, alívio... Alguns toques trouxeram lembranças boas, outros ruins. Mais de qualquer forma todas passaram e participaram de todos os itens citados acima, somente uma das participantes relatou sentir muito desconforto e medo do que não podia ver."

4.2.2.5 Pic-nic comunitário

Após encerradas as oficinas, a classe toda se dirigiu para o gramado para o almoço comunitário.

Atividades:

- trazer sua melhor receita para a ocasião.

Objetivos: (idem 4.2.1.3 Lanche)

Resultados:

A proposta de usar o período de alimentação como recurso didático não foi compreendida pelos professores(as). A equipe facilitadora acreditava que este momento poderia constituir-se em uma oportunidade de aprendizado, uma ocasião de convívio humano que tem sido pouco aproveitada pela modernidade.

Figura 9 – Pic-nic no gramado

O Pic-nic, constituiu-se no melhor resultado obtido na nossa proposta de lanche comunitário. Neste dia várias pessoas levaram quitutes feitos por elas mesmo, discutimos sobre a alimentação e a importância de partilhar .

4.2.2.6 Atividade em sala de aula

Reunidos em sala de aula. Os professores(as) participantes são convidados(as) a se dividirem em grupos de interesse para a realização final do encontro. Esta seria uma apresentação deveria ter a arte como forma de expressão. As sugestões da equipe de facilitadoras foram: esquetes teatrais, músicas, poemas, pinturas, etc:

Atividades:

- reagruparam-se em grupos de trabalho em torno de temas de interesse.
- incentivar a recriação dos conceitos vistos, através da produção de expressões artísticas (cartazes, adaptações de músicas, poemas, história contadas e esquetes teatrais.)

Resultados

O resultado refletinu energia e criatividade. Os(as) professores(as) responderam à proposta discutindo o conteúdo apresentado em diversas modalidades de arte educação. As atividades desenvolvidas são destacadas abaixo:

Grupo 1 adaptação da música "Dormir na praça" como "Protestos da Natureza". O grupo fez uma versão para a música e a apresentou para a classe: (Fig.10)

Grupo 2 Contadores de História: "A história de um rapaz com leucemia" e "História da montanha na mata". Embora tenha sido apresentado por apenas uma professora, o qrupo era formado por mais 2 pessoas. Estas professoras relataram que são entusiastas da técnica de contar história, e que este curso abriram para elas a oportunidade de realizar esta prática como professor(a) eventual.(Fig. 11)

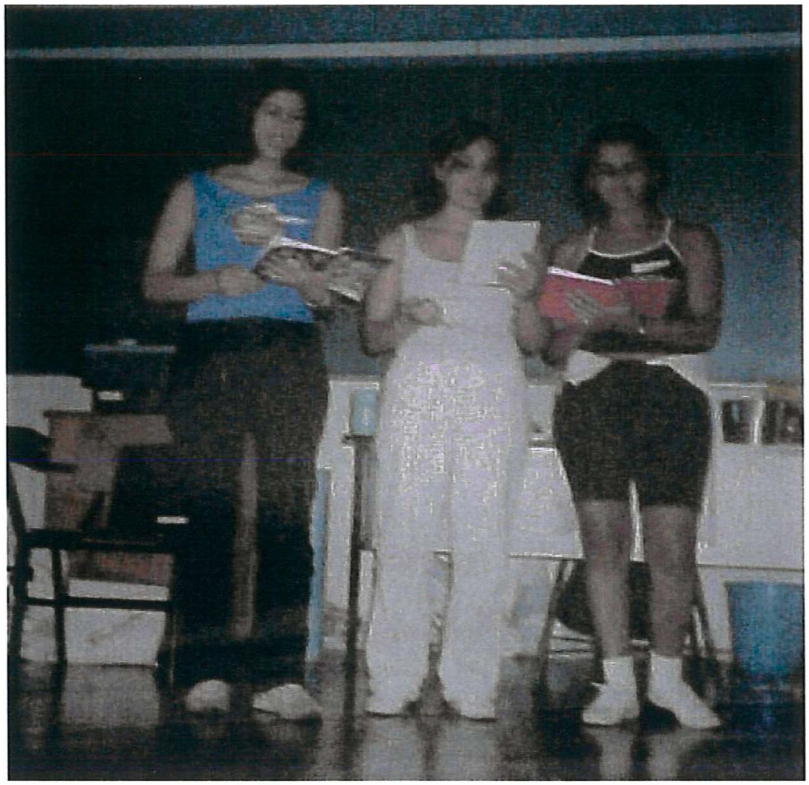


Figura 10 – Grupo 1 – apresentação musical

Figura 11 – Grupo 2 – a contadora de histórias

Grupo 3 Dramatização: A velha que jogava sementes ao solo e os alunos de uma escola achavam que ela jogava lixo,até o dia em que surgiu da semente a bela árvore celeiro de pássaros.

Figura 12 - Grupo 3 – esquetes teatrais

Grupo 4 Realização de cartazes alusivos à natureza. Trabalharam dois tipos de cartazes, um bastante comum com recortes de revistas e colagem em cartolina, não satisfeitas o grupo saiu para o exterior da sala e buscou nos canteiros do Parque da ESALQ material natural, sementes, folhas, galhos etc. e a partir desta matéria prima "construíram" uma árvore no cartaz, mesclando este material coletado com recortes de revistas, produzindo o cartaz abaixo:.

Figura 14 - Grupo 4 – produto final

4.2.3 Estrutura dos próximos encontros

O encontro 4, apesar de ser o marco de referência quanto a estrutura

do planejamento inicial, apresentou-se também como um momento de transição entre a proposta até aqui estruturada e a reestruturação do curso. O planejamento deste encontro já havia recebido algumas influências dos anteriores, tais como, a oficina dos pés e massagem nos pés atendendo a pedidos de um maior contato com conceitos da medicina chinesa; outro pedido dos(as) professores(as) foi reler um trecho do texto do Rubem Alves (Apêndice 5), que eles(as) haviam lido no encontro 2 e 3 na oficina "Olhos de ver."

Entre as atividades planejadas do encontro 4, pela equipe de facilitadoras, estava um convite para que assistissem uma proposta de aula. Através desse convite, pretendíamos reafirmar a metodologia proposta e exemplificar uma intervenção educacional. Vale ressaltar que neste encontro terminava o planejamento inicial do curso, e que a partir dele, o planejamento dos outros encontros seriam feitos a partir das avaliações e impressões coletadas no processo.

Para tanto firmou–se uma dinâmica de aula independente dos encontros anteriores, onde a aula.foi dividido em três partes distintas, que possibilitavam o desenvolvimento de uma série de atividades.

1)Roda da descontração(atividade apresentada no encontro 1)

- atividades de relaxamento, de concentração e de
- estudos de auto-massagem do Do-in (Langre 1973),
- técnicas de Tai-chi Chuan (Despeux,1995).
- Discussões sobre a importância da alimentação
- Simbolismo dos pés

2) Reforço do conteúdo

- leitura e discussão de texto
- dinâmicas.

3) Reuniões de equipe

- Troca de idéias
- Pesquisa em grupo

- Apresentação dos trabalhos
- Avaliação do curso.

4.2.3.1 Encontro 4

A descrição do encontro 4 respeita a cronologia das atividades.

4.2.3.1.1 Roda da descontração

Atividades:

- Os pontos da acupuntura nos pés (Apêndice 6)
- dinâmica do andar

Objetivos:

- Auto estima
- Auto conhecimento
- Relação com o próximo
- Equilíbrio

Resultados:

A Roda da Descontração trabalhou técnicas de massagem e de alimentação. Com relação à massagem corporal, foi trabalhada a auto-massagem (Do-In), o conhecimento do próprio corpo, motivando os(as) participantes a aprender a cuidar e a gostar dele. O mesmo aconteceu com o tema alimentação, colocado como uma fonte de energia vital para as nossas vidas, que estimulou a importância de saber os valores dos alimentos e conscientizar que é preciso ver, escolher e saber o que comemos.

4.2.3.1.2 Reforço do conteúdo

Atividades:

- Leitura de texto (Apêndice 5)

A leitura coletiva e a discussão de textos foi uma atividade de grande importância no contexto do curso. Nelas buscamos o apoio teórico para os conteúdos que desejávamos discutir através das oficinas.

- Fita de Vídeo

Entrevista do programa Globo Ecologia com a prof. Ivana de Campos Ribeiro sobre a sua metodologia de aula. Discutir.

- Relato de vida (Cornell,1995.p.126)

O relato de vida escolhido seria o meu, pesquisadora e facilitadora da proposta, e falaria a respeito do que foi o meu envolvimento e a criação deste projeto, relatando possíveis desdobramentos.

> "Coloquei a minha trajetória, a minha intuição em relação ao professor eventual e do meu projeto de arte-educação eventual."

- Um modelo de aula- Vamos voltar a ser crianças?

Este modelo era uma intervenção preparada para crianças do ensino fundamental. Os professores participantes foram convidados a participar da atividade, interpretando os estudantes que irão receber o professor eventual.

A atividade de exemplificar uma intervenção na prática, fazia parte dos conteúdos iniciais do curso. Mas a questão de utilizar um módulo e testar sua validade foi proposta trazida para a discussão por uma das integrante da equipe. Ela informou entusiasmada:

> *"Lendo a revista Nova Escola do mês de fevereiro de 2002 encontrei uma entrevista com o educador e filósofo colombiano Bernardo Toro, em que ele defende a necessidade das secretarias de ensino disponibilizarem modelos de aulas, testados e aprovados em várias comunidades, para serem utilizados pelos professores em salas de aulas."*

Para não perder a oportunidade escolhemos como modelo uma intervenção que chamamos de "*Cosmologia Guarani*" (incluso no Apêndice 7).

A equipe relata :

> *"Depois do lanche, convidamos a todas para assistir ao módulo. Foi apresentada a dinâmica da bola e contada a história da cosmologia guarani. Terminamos cantando a música de Tupã:"*
>
> *"Foi Tupã foi Tupã*

Sou tabajara, sou tabajara lá da terra de Tupã
Tem papagaio, arara, maracanã, todas as aves do céu
Quem nos deu foi tupã."

A equipe continua o seu relato:

"Estávamos nervosas e embaraçamo-nos na história; não sei se ficou clara pra ele(as) a dinâmica de como pensamos uma intervenção."

Resultados:

A equipe não ficou satisfeita com os resultados desta apresentação, entendemos que a insegurança das apresentadoras foi gerada pela dificuldade de transmitir um modelo fechado. Sem uma participação real na criação deste exemplo. Estes dados foram determinantes para que se redirecionasse o proceder dos encontros, como era a proposta desta intervenção educativa.

4.2.3.1.3. Reuniões de equipe

Atividades:

- apresentação da proposta de trabalho final do curso
- Material didático : Guia de montagem de projetos (Apêndice 8)

Objetivos:

- Propiciar ao participantes uma oportunidade de aplicar a reflexão da proposta.

Resultados:

Houve interesse pela proposta, o que provocou uma parada para leitura do guia apresentado. Após os esclarecimentos, as equipes formaram-se por assunto de interesse.

4.2.4 Encontro 5

No encontro 5 o enfoque foi direcionado, por dados levantados no encontro anterior, para a temática do pé. Foi trabalhada a Dinâmica do Andar – A importância do pé. Os nossos pés nos levam para onde queremos ir. Caminhar em roda e em linha reta. Caminhar rapidamente, e depois, vagarosamente; pra

frente; para trás; movimentos que se repetem alternadamente e que se juntam à reflexão sobre a importância dos pés.

4.2.4.1 Roda da descontração

Atividades:

- massagem
- dinâmica dos pés

Objetivos:

- trabalhar auto estima

Resultados:

Direcionamos as nossas atenções para os pés pois concluímos que falar sobre "as bases" seria dignificante. Entusiasmadas com os ensinamentos sobre a medicina chinesa, os professores participantes sentaram-se de pernas cruzadas e seguindo o mapa dos pés (Apêndice 6), massagearam-se lenta e cuidadosamente reconhecendo em cada ponto os órgãos correspondentes.

4.2.4.2 Reforço do conteúdo

Atividades:

- Leitura e discussão de texto ; O Simbolismo dos pés (Apêndice 9).

  O texto fala da importância dos pés o liga a várias mitologias.
- Dinâmica: Lavagem dos pés.(Apêndice 10)

  Esta dinâmica foi embasada, quanto aos seus significados e simbolismo no texto de Jean – Yves Leloup (anexo 9), constituiu um exercício de forte impacto físico e simbólico. Foi desenvolvida no Encontro 5, como a intenção de estimular os professores a entrar na proposta de uma ação educativa participativa, através da vivência da lavagem dos pés retomamos estes simbolismos na busca de trazê-los para experiência de cada dia.

"Com essa vivência tínhamos a intenção de impactar os(as) participantes, proporcionar uma vivencia cuja a experiência física e humana que tivesse uma carga simbólica forte mas de fácil entendimento. "

Após a lavagem dos pés, ainda foi oferecida uma Massagem com bolinha, e um mapa dos pontos de acumpuntura dos pés – Medicina Chinesa.(Apêndice 6).

Objetivos:

- Exercitar a humildade , o desprendimento.
- Experimentar a sensação de "molhar os pés" como "mergulhar" em alguma coisa.

Resultados:

Figura 14 – Lavagem dos pés

"Lavamos os pés, eu lavei da minha parceira e ela lavou a minha e novamente dividimos os grupos para falar sobre os temas sugeridos.

Figura 15 – Massagem com bolinha

"Hoje o que eu mais gostei foi o momento de lavar os pés, foi muito relaxante e ao mesmo tempo estimulante"

"O toque humano é fundamental para a nossa sobrevivência"

"Momentos de deixar os receios da lado e aceitar o carinho de outros, que só se tornaram nosso colega aqui, mas que certamente ficarão para sempre".

Os resultado obtido, foi sentido pelo entusiasmo dos professores participantes durante a reunião de equipe, que aconteceu em seguida. Acharam muito interessante o guia de projeto que propusemos, queriam saber mais..

"Aonde vamos conseguir mais bibliografia?

"Quero falar para o grupo sobre as idéias que eu tive..."

"Posso desenvolver um jogo?"

A partir daquele momento a equipe de facilitadoras acreditava que o indivíduo professor/participante já teria condições de caminhar sozinho. A dinâmica apresentada atingiu todas as dimensões.

4.2.5 Encontro 6

4.2.5.1 Roda da descontração

A pedido do grupo não houve "roda da descontração". A justificativa para este pedido foi o mau tempo. Apesar de utilizarmos um pátio coberto, dentro no recinto da Diretoria de Ensino, o chão estava molhado e ventava muito. A manhã estava de fato muito fria e úmida.

4.2.5.2 Reforço do conteúdo

Atividades:

- Leitura e discussão de texto (Apêndice 11)

A leitura e discussão do Texto: "*Desenvolvimento Sustentável e Participação*". de Marcos Sorrentino ,

- Reflexão sobre a proposta do curso

Objetivos:

- Discutir a importância do envolvimento pessoal naquilo que se faz.

Resultado:

O texto lido e discutido era um convite à participação. Representou a nossa última investida na conscientização da importância de tomar a própria vida nas mãos. A partir deste ponto os resultados seriam expressos pela qualidade dos temas que estavam sendo desenvolvidos.

4.2.5.3 Reuniões em grupo

Os grupos foram liberados para trabalhar nos projetos

4.2.6 Encontro 7e 8

4.2.6.1 Roda da descontração

No início do Encontro 7 e 8, a pedido dos(as) professores(as), voltamos a fazer uma roda da descontração, aonde eles(as) mesmos(as) sugeriram as atividades: auto massagem e massagem no companheiro.

4.2.6.2 Apresentação dos trabalhos

Os trabalhos foram apresentados oralmente e entregues por escrito. Durante a manhã e boa parte da tarde os(as) professore(as) falaram dos temas escolhido e dos trabalhos decorrentes.Todos os participantes avaliaram todos as propostas quanto a proposta, a faixa etária programada, materiais e técnicas utilizadas, participação do estudante. Abaixo apresentamos a relação completa dos temas (discutidos em grupo), e dos trabalhos individuais entregues como produtos deste curso.

Tema 1: " Identidade – A conquista do eu"

- *Trabalho 1:Identidade auto estima e respeito*
- *Trabalho 2:Valorização do ser humano auto estima*

Tema 2: Vamos acabar com a Dengue

Tema 3 Meio Ambiente: Corpo, mente e universo.

- *Trabalho 3:Meio ambiente*

Tema 4 :Lixo; formando consumidores responsáveis

Tema 5: Violência

Tema 6: Meio Ambiente Escolar

- *Trabalho 10 :Auto estima e drogas*
- *Trabalho 11 Preservação ambiental em bairros*

Tema 7: Biodiversidade- todos os seres vivos são importantes

Tema 8: E.C.A – estatuto da criança e do adolescente

Tema 9: Vivendo valores na escola.

- *Trabalho 14: Fábulas e parábolas*
- *Trabalho 15: Responsabilidade*

- *Trabalho 16: Respeito*
- *Trabalho 18: Valores*
- *Trabalho 20: Valores*
- *Trabalho 21: Organização*
- *Trabalho 22: O respeito*
- *Trabalho 23: Solidariedade*

4.2.7 Outros instrumentos propostos

4.2.7.1 Caderno de Campo

A construção de um caderno de campo foi uma proposta da equipe de facilitadoras fez aos professores participantes. O hábito de escrever pensamentos, desejos e vontades, dia após dia , pode auxiliar as pessoas na sua organização interna, possibilitando uma reflexão e um mergulho no conhecimento de si.

Esta atividade não foi dada como obrigatória , recebemos no final do curso 6 cadernos de campo, de participantes que aderiram a proposta, deles retiramos interessantes relatos sobre as vivências e atividades propostas, os outros professores, justificaram a ausência deste caderno pela dificuldade de se organizar em torno deste objetivo. Para a equipe Oca esta proposta trabalha a segunda dimensão da ecologia.

4.2.7.2 Hora do Lanche

Sugerimos desenvolver na hora do lanche como um momento de aprendizagem coletiva, pois este horário costuma ser uma hora de descontração, onde as pessoas estão receptivas à informações diferenciadas. A idéia gerava em torno de desenvolver o hábito de fazer a própria alimentação e buscando diminuir o consumo alimentos industrializados, por ex. bolachas, bolos e pães industriais. Atividades como troca de receitas e degustação de especialidades foram propostas. Porém, o resultado não foi o que

esperávamos, só teve repercussão no Encontro 2 e 3. A negativa a esta iniciativa se justificava, segundo os(as) professores(as) participantes , pela dinâmica da vida moderna que os(as) obrigava a usar o mais prático.

"nós não temos tempo, tem que ser uma coisa prática para o lanche"

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A característica do pensamento hermenêutico é apresentada por Hans George Gadamer, autor de "Verdade e Método" (2002), obra em que as questões técnicas e as perspectivas filosóficas da hermenêutica fundem-se em um todo coerente. Para este autor, a interpretação é claramente apresentada como uma tarefa infinita, pela razão de uma interpretação estar sempre, aonde serão sempre possíveis novas e melhores interpretações.

A explicação interpretativa não concentrou-se apenas na relação dos resultados obtidos pelos dois momentos determinados da pesquisa (explicitado no item:4.1 A intervenção). Mas também e principalmente no caminho percorrido entre eles. Interessado em compreender o que se passou entre o início, e o fim.

Por este motivo os resultados coletados nos documentos, nas imagens, nos relatos e nos depoimentos de todos(as) os(as) participantes da pesquisa foram interpretados e descritos em três diferentes aspectos: a avaliação do curso,da proposta e da metodologia. Obviamente, tratam-se de leituras que não tem a pretensão de esgotar o assunto ou apresentar uma posição cristalizada acerca do tema.

5.1 Discutindo o curso

A operalização do curso, atendeu às expectativas. Utilizou a proposta dos Temas Transversais, trazida pelos PCNs, trabalhando não só a construção do conhecimento, como também das atitudes. O convite se extendia a todos(as).

Na proposta estava explícito uma reflexão sobre posicionamento e relacionamento do ser humano com o mundo. Ao mesmo tempo eram incentivados(as) a criar uma intervenção educativa própria.

O curso, visto de uma forma prática, propôs ao professor eventual explorar seu potencial de ação na sala de aula. Desenvolver um programa de aula próprio, adaptável à série e à escola que for atuar, através do desenvolvimento de um tema de interesse genuíno do professor. Paralelamente pretendeu-se trabalhar o lúdico e o afetivo dos professores, através de oficinas e vivências de sensibilização do órgãos dos sentidos (olhos, nariz, língua, mãos, pele, ouvidos) aliadas aos exercícios corporais (auto - massagem e tai-chi- chuan) à atividades lúdicas (músicas, danças, teatro e arte plásticas).

Durante o curso, foram feitos vários depoimentos dos(as) professores(as) participantes sobre a importância de se desenvolver em cursos como estes, onde não só o conteúdo, mas também, o lado pessoal é valorizado e buscando-se responder às necessidades do(a) professor(a). Foram feitos relatos sobre mudanças de atitudes que revelaram uma melhoria na qualidade de vida do professor e de sua família, depois do começo do curso, tais como:

"Faz tempo que eu sei e até ensino para as minhas crianças....mas , só agora que eu comecei a separar o lixo em casa. È difícil começar...."

"Comer comida mais balanceada e pelo menos ver o que se está comendo é importante"

O desenvolvimento da auto – estima se deu pela compreensão do conceito trabalhado. A reflexão trazida pela vivência "das cinco dimensões da ecologia", onde o indivíduo passava a "perceber-se" e a "perceber" o ambiente de um outro ponto de vista, onde ele, ser humano é central em relação à Natureza. E por isso mesmo, parte integrante de uma organização maior. Essa visão trouxe importância ao(à) professor(a) dando a ele(a) uma visão positiva sobre si mesmo, sobre sua relação com o outro e com a natureza. Alguns relatos relacionam estes fatos com a segunda dimensão da ecologia, cuja fronteira é o corpo do indivíduo.

“o curso valoriza o "eu" interior”.

“Tive uma sensação de liberdade e segurança. Faço parte desse meio.”

Uma dimensão muito valorizada pelo professor(a) em geral, é a terceira dimensão, o espaço das relações interpessoais, este é o espaço das comunicações entre pessoas na qual se encaixam o ensino formal. No caso da intervenção educacional proposta, às relações interpessoais deveriam se dar entre o grupo de professoras e entre o grupo de professoras e a equipe de facilitadoras. Os resultados nos dois casos foram positivos. Sendo muito intenso com relação ao contato físico, durante a roda de descontração, as massagens

“Foi bom o contato entre as pessoas”

“Fazer e receber massagem é uma coisa que a gente devia fazer todos os dias”

“Os encontros tem sido gratificantes. O que mais gosto é do toque humano entre as pessoas. Esse contato tem sido muito bom”

Desta forma foi notada a diminuição na resistência geral e um aumento da participação de todo o grupo, foto ocorrido já no encontro 1, logo após a primeira roda da descontração, onde a dinâmica das vogais (Apêndice 3) foi desenvolvida com grande entusiasmo.Destacamos abaixo o relato da equipe de facilitadoras:

“Abraçados em roda, batendo os pé em cadência, cada um de nós cantava as vogais de seu nome, e todos repetiam. Compomos assim uma energética melodia”

Com relação a intenção de contribuir para o debate e direcionamento de políticas públicas de Educação Ambiental voltadas à sua inserção na estrutura da escola pública, apontando para uma possível entrada, que possibilite um fluxo de ações interdisciplinares no âmbito dos temas transversais. Não foi possível um grande avanço nesta proposição. A constatação de que o ensino é organizado em função das disciplinas, acaba por derrotar os professores interessados em aplicar propostas interdisciplinares. A instituição acaba por reforçar o “capitalismo epistemológico” (Fazenda,2004) determinadas pelas disciplinas. Reforça o modo de pensar usual, confirmando

os conceitos do paradigma atual.

Os projetos são muitos, mas, de modo geral, são estabelecidos pelas hierarquias superiores da instituição educacional, longe de se preocupar com sua execução. Sobre este assunto, Ivani Fazenda revela:

> "*Uma análise de instituições com propostas interdisciplinares, revela movimentos de "cima para baixo", melhor explicando, quando o projeto existe os educadores que irão executá-lo, muitas vezes desconhecem o real significado do mesmo.* "(Fazenda,2004)

Essa situação provoca no profissional da educação uma insatisfação, abrindo alas para o desinteresse e afastamento.

> "*O desconhecimento, o não envolvimento acarreta nos educadores certo medo de perder prestígio pessoal, medo de ver seu saber dividido entre outros e medo de perder seu lugar na instituição. "(op.cit)*

5.2 Discutindo a metodologia

Trabalhar com o professor eventual parecia uma idéia criativa e original, trazia consigo a possibilidade de trabalhar transversalmente a escola pública através da atuação desta categoria de profissional da educação. Formar um grupo de professores eventuais conscientes da situação do mundo atual e da sua importância como educadores, que atuasse na instituição escolar era uma idéia atraente. Um grupo como este poderia criar ondas de propagação de informações sobre o ambiente, de propiciar a discussão de conceitos através de uma ação arte educativa que poderia potencialmente envolver não só os alunos, mas toda a comunidade escolar composta por professores, funcionários, diretores, pais de alunos, vizinhos, etc. Foi no decorrer dos acontecimentos que percebi a complexidade da proposta. Esta descoberta me fez parar para pensar! Alguma coisa me fugia do meu controle. Ficou claro para mim que precisava fortalecer a relação entre a prática e a teoria.

O resultados trazidos por esta intervenção educacional foram positivos. Os professores participantes especialmente os eventuais investiram

na metodologia proposta. Em alguns relatos, comentaram que o curso respondia a questionamentos e idéias que surgiram durante a prática do ensino. Alguns dos(as) professoras trouxeram idéias que gostariam de trabalhar e que por um motivo ou por outro, até aquele momento ficaram engavetadas. Assim, informalmente eles(as) trouxeram textos e poesias voltados para assuntos de interesse, muitos já trabalhados com interpretação e entonação de voz, também mostraram para a equipe de facilitadoras, materiais didáticos elaborados por eles(as) mesmos(as), tais como o "Bingo do amor", um jogo de palavras que trabalhava valores e os "jogos de matemática", uma proposta que mistura e o lúdico.com o aprendizado da matemática.

A metodológica e o convite de "viver a experiência" (Bomdía, 2002. p.20) foram aceitas. No final do curso os(as) professores(as) se diziam satisfeitos e dispostos a dar continuidade à qualificação da ação do(a), professor(a) eventual, este fato pode ser comprovado pela qualidade dos trabalhos apresentados, que constataram um investimento na direção proposta, demonstrando que os(as) participantes se sentiram potencializados(as) e interessados(a) em reeditá-la ao criar suas próprias intervenções.

5.3 Discutindo a proposta

Os resultados obtidos pela metodologia de Lefrevre (2004) , afirma que os professores participantes modificaram seu conceito geral sobre Educação Ambiental, alcançando no final do curso uma maior interação e compreensão dos conceitos avançados da ecologia. Mas como isso se sucedeu?

A necessidade de uma transformação social é nítida, ela aponta para a escola pública como uma das ferramenta possíveis para ações com estas metas, esta intervenção convidou os(as) professores(as), em especial os(as) professores(as) eventuais, para uma reflexão sobre conceitos hegemônicos da modernidade e apresentou uma das muitas metodologias capazes de auxiliar o ser humano nesta difícil e necessária transformação.

Deste ponto de vista, esta transformação social necessária, só pode iniciar-se a partir do indivíduo, da compreensão que ele tem de si mesmo, e a partir daí do seu entorno, como uma expansão de sua individualidade e não do seu individualismo. Assim descreveremos abaixo, a seqüência das atividades propostas.

5.3.1 Primeira dimensão da ecologia

Por pertencer à subjetividade, esta dimensão é muito difícil mensurar. Do meu ponto de vista, esta dimensão está relacionada com o simbolismo da porta, uma passagem humana para uma outra compreensão de realização pessoal, cada dia mais distante do entendimento da maioria das pessoas modernas.

Apesar destas dificuldades, podemos perceber que esta dimensão foi contemplada nos encontros planejados. No encontro 1, quando convidamos os(as) professores(as) a "viver a experiência"(Bondía,2002.p.20), através da Palestra Participativa : "As cinco dimensões da ecologia"(Apêndice 2).

No encontro 2 e 3, esta dimensão foi contemplada na oficina: "*Indo ao encontro da natureza"* que colocou o indivíduo no centro de um extenso gramado convidando-o através de exercício de localização espacial, um introspecção a respeito do conceito ampliado da ecologia.

Durante o encontro 4, a roda da descontração trouxe alguns exercícios em que se trabalhou as técnicas de Tai-Chi-Chuan, conhecida arte marcial que tem na sua concepção a busca de uma realização.interior. Naturalmente que não foi considerado que estes exercícios, principalmente pela quantidade e pelo tempo de aplicação, tenham surtido algum efeito ou modificaram alguma coisa a respeito dos conceitos já concebidos dos(as) professores(as) participantes, mas certamente os fez pensar a respeito e propôs possibilidades.

No encontro 5, certamente a dinâmica da "Lavagem dos pés" , tocou nesta dimensão, como também os momentos de reflexão trazidos pela discussão do texto.

No encontro 6, o mesmo aconteceu em relação à leitura do texto. Os outros resultados não indicaram presença nesta dimensão, confirmando a dificuldade de exercitá-la isoladamente, mas ao mesmo tempo intuindo a sua presença no interior de cada ser humano.

5.3.2 Segunda dimensão da ecologia

Esta dimensão fala do nosso corpo físico e todas as suas possibilidade de interação com o mundo em que vivemos. A interpretação destes resultados nos levou a colocar aqui, os sentimentos, o imaginário e as paixões discordando de Sorrentino que os coloca na primeira dimensão. Acredito que estas sensações pertencem à mente humana, onde estes pensamentos são produzidos, uma vez que estão ligados ao tempo e à história do indivíduo que pensa. Assim apresentamos alguns depoimentos:

"Qual a sensaçãp que tive neste momento?
(exercício do gramado da oficina "Indo ao encontro da natureza)
Paz, tranqüilidade, a imensidão do céu azul e ar puro da manhã."
"Passamos grande parte de nossa vidas absorvidas por esta dimensão,
perdidas nos sonhos e nos amores."

5.3.3 Terceira dimensão da ecologia

Esta dimensão envolve as relações interpessoais, as relações entre professor(a)/professor(a) e professor(a)/facilitador estão incluídas. Dentro da pratica do professor esta dimensão está inserida no seu cotidiano, uma vez que a sua principal função é se relacionar com os estudantes.

No curso apresentado, esta dimensão, pela sua própria situação é contemplada em todos os encontros e em todas as falas. Porém a equipe facilitadora levou como proposta vários exercícios que se relacionavam diretamente com ela. Assim, no encontro 1, as relações interpessoais foram trabalhadas desde a apresentação da proposta e da equipe facilitadora, passando pela Roda da Descontração, que proporcionou momentos de grande

intensidade na vivência desta dimensão, onde era oferecido a oportunidade de se ter contato físico com o outro, através das seções de massagens no companheiro(a), que propiciaram pequenas conversas paralelas e trocas de sensações. Em seus relatos os(as) professores(as) participantes se manifestaram:

"Os encontros tem sido gratificantes. O que mais gosto é do toque humano entre as pessoas. Esse contato tem sido muito bom"

" No começo eu tinha vergonha, mas logo achei bom... agora eu sinto falta e quero mais."

No encontro 2 e 3, esta dimensão também se revelou presente em todos os momentos, com especial atenção à Oficina "Indo ao encontro da natureza" que por ser uma atividade em grupo e planejada para proporcionar situações que necessitem da integração da equipe.

O encontro 4, foi voltado a exemplificar a metodologia proposta. Os(as) professores(as), acostumados(as) a serem o centro das atenções e organizadores das atividades escolares, foram convidados a participar da proposta no "papel" de estudantes. O resultado desta atividade foi muito interessante com relação à terceira dimensão, pois uma vez assumida esta troca de papeis, os professores(as) passaram a se comportar da mesma forma que seus alunos, falando muito e não querendo prestar atenção. Neste encontro trabalhamos com a apresentação de uma entrevista em vídeo, com discussão de texto, a apresentação de um exemplo de aula e ainda finalizando com reunião das equipes Todas atividades ligadas a terceira dimensão.

O quinto encontro, também foi impregnado desta dimensão uma vez que lemos e discutimos um texto e houve reunião das equipes para discutir o tema do trabalho final.

5.3.4 Quarta dimensão da ecologia

A esta dimensão corresponde o mundo em que vivemos e principalmente as ações que depreendemos sobre ele. Ela compreende o

conceito tradicional da ecologia, àquele que até hoje é divulgado nas escolas. Durante os encontros esta dimensão apareceu intrincada dentro das intervenções propostas compondo com outras o seu campo de ação. Esta dimensão especialmente foi contemplada durante as oficinas temáticas que aconteceram durante o encontro 2 e 3. Nesta ocasião, o conhecimento trazido pela experiência vivencial destas oficinas, foram considerados como conteúdos capazes de se transformar em conhecimento.

5.3.5 Quinta dimensão da ecologia

Esta dimensão na realidade não foi abarcada pelas atividades oferecidas, a não ser dentro das discussões dos textos quando se falou em abraçar e a vida e fazer algo pelo mundo, pela comunidade e por si mesmo. Porém enquanto resultado , se manifestou nos temas e proposta de trabalho, tais como :

"Vamos acabar com a dengue"

"E.C.A – estatuto da criança e do adolescente"

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 O curso

O alarmante processo que o mundo passa hoje em relação aos emergentes problemas sócio-ambientais, causados pelo estabelecimento de uma mentalidade cada vez mais consumista, que vem tomando conta do pensamento do ser humano moderno, foi uma das fortes razões que levou esta pesquisa a ser idealizada.

A opção por uma ação dirigida à escola pública, deveu-se ao importante papel que esta exerce na sociedade moderna, sendo um importante canal de informação e de propagação de idéias. O fator funcionalidade, foi importante nesta escolha, uma vez que ela é um local para onde alunos e professores se dirigem cotidianamente, o que revela uma possibilidade de expansão e continuidade, constituindo um público organizado e pronto para ser trabalhado.

A metodologia proposta, foi desenvolvida apoiada nos conceitos expandidos da ecologia, na Educação Ambiental emancipatória e nos PCN's. Teve uma intenção interdisciplinar e convidou os(as) professores(as) participantes a interagir com estes novos conceitos, através de vivências e dinâmicas de grupo, buscando valorizar a relação entre educadores e educandos

> *"É somente na troca, numa atitude conjunta entre educadores e educantes visando um conhecer mais e melhor, que a interdisciplinaridade no ensino ocorrerá como meio de conseguir uma melhor formação geral, como meio de atingir uma formação*

profissional, como incentivo à formação de pesquisadores e pesquisas, como condição para uma educação permanente, como superação da dicotomia ensino/pesquisa e como forma de compreender e modificar o mundo." (Fazenda, 2004)

A intervenção educacional aponta para resultados que confirmam a proposta. A maioria dos(as) professores(as) da Rede Pública presentes na apresentação do curso, aderiu à proposta entusiasticamente, principalmente àqueles(as) exerciam a função de eventual. O desdobramento da metodologia não foi alcançado. Entretanto não alcançamos o desdobramento da metodologia, não conseguimos envolver a direção das escolas, tampouco os funcionários, vizinhos, pais dos estudantes, etc. Esta ação acabou por ser estancada pelos(as) próprios(as) professores(as) que não se entusiasmaram o suficiente para levar a proposta para a escola. De modo geral eles(as) achavam que a proposta tinha valor, trazendo liberdade de criação e de ação, acreditavam poder desenvolver trabalho ligados a segunda, terceira e quarta dimensão, mas recusava-se a envolver-se com a comunidade escolar, não deixando fluir a quinta dimensão

Algumas professoras concordaram em conversar com a direção das escolas que trabalhavam, mas nunca o faziam. Apenas uma relatou que conversou com a diretora, mas esta não se mostrou muito entusiasmada.

Desta forma o estudo da ação do eventual sobre a comunidade escolar não foi desenvolvida nesta pesquisa, ficando como sugestão para uma possível continuidade deste trabalho.

6.2 Novas perspectivas a respeito das 5 ecologias

As propostas e as vivências trabalhadas foram na direção de relacionar o aprendizado, trazido pela compreensão vivenciada das "cinco dimensões da ecologia". É importante reforçar a visão da ecologia como um pensamento complexo, composta por dimensões, planos que se interpenetram e que ao mesmo tempo indicam caminhos de entrada para a ação de uma educação

ambiental emancipatória, que tem por objetivo ampliar a compreensão da relação entre o ser humano e o seu entorno.

Ao trabalhar os resultados obtidos, foi observada a ausência de dados na primeira dimensão. Isso possivelmente se deu por não encontrar estas qualidades refletidas no ambiente. Este fato indica que a primeira dimensão abriga um conteúdo impossível de ser avaliado por pertencer a conceitos da subjetividade. Corroborado pelos preceitos da filosofia védica (Bhaktiivedanta,1993), entendo que todo o ser humano vivente está contemplado com esta dimensão. O grau de evolução do ser humano sobre estes conhecimentos estão transcritos em diversas tradições e através da prática e do estudo destes princípios, seres humanos buscam há milhares de anos os caminhos para a realização do Ser. Assim, o que chamo de primeira dimensão simboliza apenas a porta de entrada de um caminho complexo e de difícil entendimento para a sociedade moderna.

Observei esta dificuldade desde o primeiro momento, quando fiz a explanação da palestra interativa : *"As cinco dimensões da ecologia"* (Apêndice 2). Apesar de ser a última dimensão a ser apresentada é a mais difícil de se falar a respeito. Mesmo considerando o apoio da literatura védica e autores tradicionais, constatei na prática a dificuldade de se transmitir o conceito.

Outro ponto que considerei de difícil entendimento foi o conceito da quinta dimensão da ecologia. Embora ela seja bem mais palpável que a primeira dimensão, ela não tem realidade em si, diferente da segunda, terceira e quarta dimensão, que correspondem respectivamente a corpo físico, às relações interpessoais e à Natureza. As respostas apontam para uma compreensão da quinta dimensão voltada para uma perspectiva da modernidade, como uma dimensão que está se organizando para responder utopicamente às ações predatórias que o ser humano tem depreendido contra ele mesmo.

Por isso é natural que se empreendam ações para priorizar estas dificuldades, ações organizadoras e saneadoras em relação aos problemas

causados à natureza. Mas, porque as dificuldades encontradas na implantação de políticas públicas? Estas dificuldades, acredito venham da ausência da compreensão do ser humano integrado à Natureza, a falta de conhecimento sobre sua real situação em relação ao mundo em que vivemos, e principalmente da falta de compreensão da relação entre as diferentes dimensões.

Com a intenção de contribuir com este campo de pesquisa, apresentaremos as reflexões feitas a respeito da configuração destas dimensões e das sugestões que visam melhorar a sua compreensão.

6.3 Algumas sugestões

Por este motivo, para que haja uma maior compreensão em relação a primeira dimensão, sugiro que esta seja reunida à segunda dimensão. Passando a representá-las como uma unidade composta destas dimensões, não como uma somatória de seus conceitos e definições no sentidos de amalgamá-las, mas pela interpenetração delas, onde a primeira está intrinsecamente dentro da segunda, sendo que ambas mantém as suas características e trocam possibilidades. Como exemplo desta união, o corpo humano se mostra como excelente referencial, quando este se movimenta, se alimenta, etc, dizemos que ele representa a segunda dimensão, porém a manifestação da vida, àquilo que o faz viver, pode ser representado simbolicamente pela primeira dimensão.

Assim foi modificada a proposta inicial de representação, e passo a representar a primeira e a segunda dimensão ligadas e interdependentes.(Fig 16)

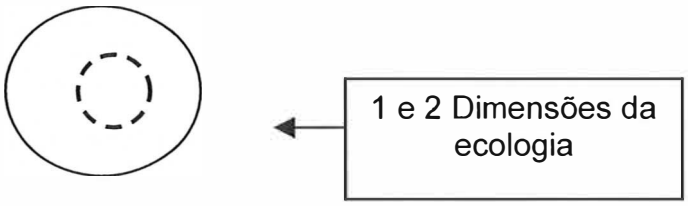


Figura 16 - Representação da primeira e da segunda dimensão da ecologia-

Desta forma o esquema da representação que mostra as cinco dimensões da ecologia ao mesmo tempo pode ser representado como na figura abaixo.

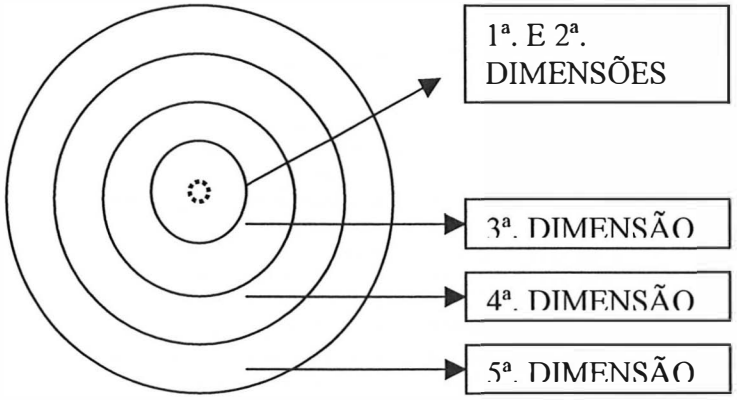


Figura 17 – Uma nova representação das Cinco cinco dimensões da ecologia

Vale a pena , rever o conceito de interdisciplinaridade, pertencente a terceira dimensão. Para a compreenção deste conceito é preciso que se tenha claro o papel e a função das duas primeiras dimensões. A fig.18 representa esquematicamente a relação primária entre às individualidades do ser humano. Chamo estas relações de primárias por representarem relações duais, isto é, onde se relacionam dois indivíduos de cada vez. e a terceira dimensão se apresenta pela simples interpenetração destas dimensões. No esquema abaixo estas interpenetrações foram marcadas com a letra X.

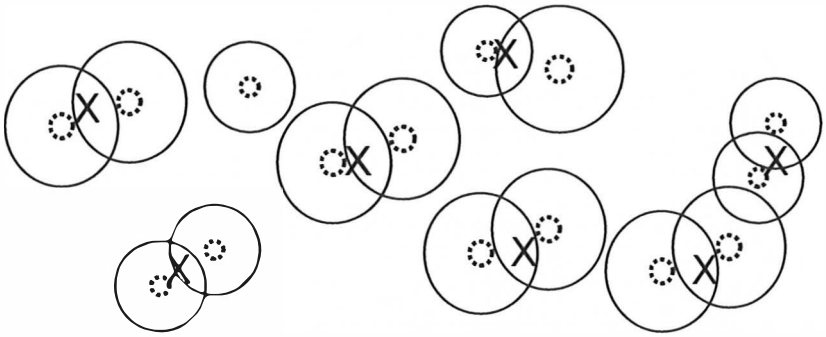


Figura 18 - Relações interpessoais primárias

Porém, é importante ter em mente que se trata de uma realidade complexa, composta pela interação com outros indivíduos, que por sua vez, interagem entre si. Mas sua compreensão é facilitada pois seus conceitos estão muito próximos do cotidiano. São as relações familiares, escolares e do trabalho. Exemplos fáceis de serem absorvidos. Faz sentido que estas relações interpessoais, que passam-se na terceira dimensão da ecologia, sejam fortalecidas quando constituídas por pessoas que tenham a primeira e a segunda dimensão bem constituída. E que formem através das interações interpessoais a constituir a organização, o conhecimento técnico-filosófico suficiente e necessário "viver" à Natureza

O campo de relação interpessoal pode ser composto, se extendendo a dois ou mais indivíduos, como no exemplo abaixo:

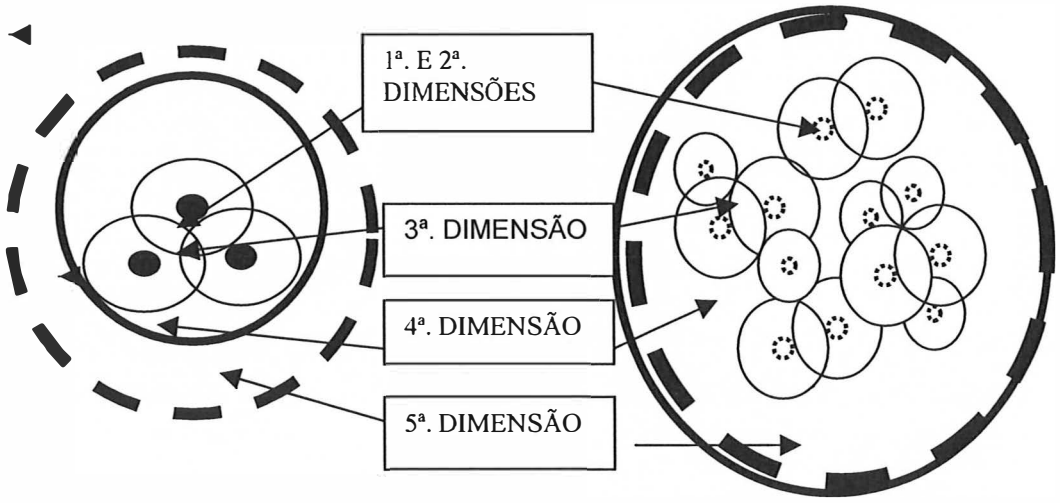


Figura 19 – Dinâmica das cinco dimensões da ecologia

Na figura acima encontramos também representada a quarta dimensão, que abarca toda a Natureza e também os produtos antrópicos, produzidos pelas ações diretas sobre o meio ambiente, e a quinta dimensão em pontilhado, representa a ação política e de cidadania.

Outra sugestão em termos de possibilidade de investigação, é o estudo da relação destas duas últimas dimensões. A quinta dimensão parece ser uma

dimensão emergente, por esse motivo a representei pontilhada, ela se constituindo pela imperiosa necessidade de se reagir a ação antrópica da quarta dimensão, muito mais veloz e poderosa que a capacidade de recuperação da natureza.

6.4 O problema apontado

O único problema apontado foi sobre a carga horária do curso, que não foi suficiente para atender a grande ansiedade do grupo. Ao longo das aulas, surgiram novos anseios e necessidades que poderiam dar seqüência a outros encontros. Mesmo assim, foi satisfatório, uma vez que foram notadas mudanças de atitudes e posturas de professores(as) diante do mundo em que vivemos.

O poema abaixo, usado para terminar esta dissertação, foi escrito por uma da integrantes da equipe facilitadora, Com ele desejo demonstrar o entrosamento de pensamentos e de inteções, que com certeza, representaram um aspecto qualitativo deste trabalho. Ele fala de permitir-se , deixar sentir....

Antes de tudo
Exatamente tudo...
é preciso permitir-se

Fechar os olhos e tocar...
Algo
Outro ou,
Si mesmo....

Tatear o mundo da várias
formas
com as mãos
com a língua
com o nariz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, M .L .N. **Espaço Social, Campo Social, *Habitus* e Conceito de Classe Social em Pierre Bourdieu**. http://www.espacoacademico.com.br/024/24cneves.htm# (03 nov. 2004.).

BARBOSA, A. M. **Tópicos Utópicos – Arte como cultura e expressão**. Belo Horizonte: Com arte,1998.

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação Jan/Fev/Mar/Abr 2002. p.20-28.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** : III e IV ciclos: apresentação dos temas transversais MEC/SEF, 1998. 436p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997. 146p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: meio ambiente e saúde. Brasília: MEC/SEF, 1997. 128p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos humanas/educacao/pcns/fundamental/introducao.html#0 (03 nov.2004.).

DIEGUES, A.C. **Desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis:** da crítica dos modelos aos novos paradigmas. São Paulo em Perspectiva, 06(1-2: 22- 29, Janeiro/junho,1992)

CARVALHO, I. C. M. As transformações na cultura e o desgaste ecológico: desafios políticos para a educação ambiental. In: PÁDUA, S.M.; TABANEZ,M.F. **Educação ambiental**: caminhos trilhados no Brasil. Brasília: Ipê, 1997. 283 p.

CARVALHO, I.C.M. - **A invenção ecológica**: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. 2.ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002. 229p.

CARVALHO, I.C.M. **Qualificação ambiental?** Elementos para um debate sobre educação ambiental popular e extensão rural. p. 83 a 90. I Simpósio Sul Brasileiro de EA 09 a 12 de Setembro de 2002.

CARVALHO, I.C.M. **Educação, meio ambiente e ação política**. http://www.intelecto.net/cidadania/meio-6.html (03 nov.2004.)

CORNELL, J. **A alegria de aprender com a natureza**: atividades na natureza para todas as idades: São Paulo: SENAC Companhia Melhoramento, 1997.186p.

CORSON, W.H. **Manual global de ecologia**: o que você pode fazer a respeito da crise do meio ambiente. 2 ed., São Paulo : AUGUSTUS, 1996. p.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R.; MINAYO,M.C. (Org.) **Pesquisa Social :** Teoria, método e criatividade. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes,1998. 80p.

DESPEUX, C. **Tai-chi-chuan**: arte marcial, técnica da longa vida. São Paulo: Pensamento. 1995. 186 p.

DIAS, G. F. **Educação ambiental:** princípios e práticas. 5.ed. São Paulo: Global, 1998. v.

FAZENDA, I.C.A. **A questão da interdisciplinaridade no ensino**. http://www.ensinofernandomota.hpg.ig.com.br/textos/arquivo (30out.2004.).

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia** – saberes necessários à prática educativa. 21.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 168p

FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 1517p.

FÓRUM INTERNACIONAL DE ONGs E MOVIMENTOS SOCIAIS, 1., Rio de Janeiro, 1992. **Tratado de Educação Ambiental Para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global.** www.mec.gov.br/se/educacaoambiental/tratad01.shtm - 12k -

GARCIA,L.A.M.**Transversalidade e Interdisciplinaridade**. http://uvnt.universidadevirtual.br/ciencias/artigos/artigos_transversalidadeeint.htm (8 nov.2004.)

GADAMER, H.G. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma experiência filosófica. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 621p. v.1 e 2.

GEORGEN, P. Teoria e prática: problema básico da educação. In Rezende, L.(Org),– **Iniciação Teórica e Prática às Ciências da Educação** –Petrópolis : Vozes, 1979. 220p.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 13.ed. Campinas-SP: Papirus, 2002. 56p.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária.** São Paulo: Cortez / Instituto Paulo Freire 1999. 128p.

HUNG, C. T. **Exercícios chineses para a saúde** - a antiga arte do tsa fu pei, São Paulo: Pensamento, 1975. 184p.

HIRSCHI, S. **Manual do Herói** ou a filosofia chinesa da cozinha. 5.ed: Rio de Janeiro: Caixa Postal 410004, 1995 . 166p.

KHUN, T. S. **A Estrutura das revoluções científicas**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1975. 257p.

LANGRE, J. **Do-in** – técnica oriental de auto-massagem. Rio de Janeiro: Ground Informação. 1973. 67p.

LEFEVRE, F. **O pensamento coletivo como soma qualitativa.** http://hygeia.fsp.usp.br/quali-saude/soma (16/04/04)

LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1984. 149p.

MCCORMICK, J. **Rumo ao paraíso**: a história do movimento ambientalista. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992. 224 p.

MEDINA, N. M. Breve histórico da educação ambiental. In: PADUA, S. M.; TABANEZ, M. F. (Org.). **Educação ambiental**: caminhos trilhados no Brasil. Brasília: Ipê, 1997. 283p.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo** – Lisboa: Instituto Piaget, 1990. 177p.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Brasília, DF: Cortez, UNESCO, 2000. 118p.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 334p.

MORIN, E. **Complexidade e liberdade**. http://www.pluriverso.org (5 out.2003.).

MORIN, E.; CUIRAMA, E.; MOTTA, R. **Educar na era planetária**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003. 111p.

NOAL, F.O. A temática ambiental e a educação: uma aproximação necessária. In: NOAL, F.O.; REIGOTA, M.; BARCELOS,V.H.L. (Org.). **Tendências da educação ambiental brasileira**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998. 261p.

NOAL, F.O.; REIGOTA, M.; BARCELOS,V.H.L. (Org.) **Tendências da educação ambiental brasileira**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998. 261p.

ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu -** sociologia. São Paulo: Ática, 1983 191p.

PADUA, S. M.; TABANEZ, M. F. (Org.). **Educação ambiental**: caminhos trilhados no Brasil. Brasília: Ipê, 1997. 283p.

PEREIRA, I.S.J. **Dicionário grego-português e português-grego** 5.ed. Porto: Apostulado da Imprensa, 1976. 310p.

RIBEIRO, I. C. **Ecologia de CORPO&ALMA e Transdisciplinaridade em Educação Ambiental**. Rio Claro, 1998. Dissertação (Mestrado) Ciências da Motricidade, Universidade Estadual Paulista.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 336p.

SANTOS, B.S. **Um discurso sobre as ciências.** 12.ed. Porto: Edições Afrontamento, 2001. 59p.

SANTOS, B.S. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 3.ed. – São Paulo: Cortez, 2001. v.1: A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.

SEVERINO, A.J. **Sobre a nova lei de diretrizes e bases da educação nacional**. www.cefetsp.br/edu/eso/ldbseverino.html - (15 out. 2004.).

SORRENTINO, M. Educação ambiental: avaliação e experiências recentes e perspectivas. In: PAGNOCCHESCHI, B. (Coord.). **Educação ambiental**: experiências e perspectivas. Brasília: MEC/ INEP, 1993. v.

SANSOLO, D. G.; MANZOCHI, L. H.; **Educação escola e meio ambiente**.- In: Fórum de Educação Ambiental. São Paulo, 1992, Cadernos Local: Editora,1992. p.152.

SECRETARIA ESTADUAL DA EDUCAÇÃO. **Em foco**: a escola nas férias. São Paulo: CENP-SP, 2000. 68p.

TRINDADE, A.A. **Professor Eventual**: cotidiano e problemas de um profissional "fora da lei". www.prociencia.com.br.(04mar. 2004.).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ACOT. P. **História da Ecologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

BHAKTIVEDANTA, S. **O livro de Krsna** – estudo resumido do décimo canto do Srimad-Bhagavatam de Srila Vyasadeva. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1977. 723p.

BRANDÃO, C.R (Org.) **Pesquisa participante** – São Paulo: Ed. Brasiliense, 2001a. 211p.

BRANDÃO, C.R (Org.) **Repensando a pesquisa participante** – São Paulo: Ed. Brasiliense, 2001b. 252p.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação** – 24.ed. - São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989 117p. Coleção Primeiros Passos.

BAUER,M.W.;Gaskell,G.& Allum,N. 2002 Qualidade, quantidade e interesse do conhecimento. Evitando confusões. In : BAUER,M. W.; GASKELL,G. (Ed). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.515p.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. v.

BOURDIEU,G. **A economia das trocas simbólicas**. In: MICELLI, **Bourdieu.** São Paulo: Perspectiva, 1987. v.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental - **PCN** http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro01.pdf

CARVALHO, I.C. de M. **A invenção ecológica**: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. Porto Alegre : Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

CASCINO. F. **Educação Ambiental**: princípios, história, formação de professores. São Paulo : Editora SENAC, 1999.

CZAPSKI, S. **A implantação da Educação Ambiental no Brasil**. Brasília – DF: Coordenação de Educação Ambiental do Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

FERREIRA, L.C. **A questão ambiental**: sustentabilidade e políticas públicas no Brasil. São Paulo : Jinking Editores, 1998.

GAUDIANO, E. G. "**Otra lectura a la historia de la educación ambiental en América Latina y el Caribe**" In: Tópicos de Educación Ambiental, 1 (1), 9-26p., 1999.

GILL, R. Análise de Discurso. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (ed). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 515p.

GOODLAND, R.J.A. **A selva amazônica: do inferno verde ao deserto vermelho?** São Paulo: Itatiaia; EDUSP, 1975.

GUÈNON, R. **O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos**. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1989. v.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas**.** São Paulo: E. P. U., 2001. 100 p.

MORAIS, F.M.R. **Educação e Fotografia**: Contribuições à Percepção de Problemas Ambientais. Piracicaba, 2004. 309p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Florestais – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo.

ROSA, A.V. **Abordando as relações agricultura e meio ambiente no ensino formal, através da educação ambiental** – considerações a partir de um caso. Piracicaba, 2001. 260p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Florestais – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo.

APÊNDICE

APÊNDICE 1

1.Palestra – Oficina "Histórico da Educação Ambiental"

1.1 Parte 1 Atividade Coxixo

A professora (Flavia Rossi) iniciou a sua fala sugerindo um relaxamento:

- "Fechem os olhos e pensem em um lugar muito bonito e agradável....., agora pensem que vocês estão neste lugar e fazem parte dele....."

Depois de alguns minutos , ela pede a atenção dos participantes, pede que retornem vagarosamente à sala de aula e respondam:

-"Pense e descreva com uma frase pequena ou uma palavra que significa educação ambiental para você?"

Tempo 1.

Foi concedido um período de dez minutos para que os participantes escrevessem suas frases. Todos participaram. Após este períodos todos foram convidados a se reunir em duplas e estimulados a contarem um(a) para o outro(a) as frase escrita.

Tempo 2

Após um período de 15 minutos foi proposto a formação de grupos de 4 pessoas e continuar a discussão.

Tempo 3

Mais 15 minutos, e os grupos deveriam escrever sua conclusão em uma tira de papel e apresentar suas conclusões.

1.2 Parte 2 Apresentação de slides em power point

Histórico

"Cada um abrindo picada para a humanidade inteira."
Hitoshi Sato

Década de 50:

Primeiros desastres ecológicos.
- "smog" em Londres (1952)
- crianças sem cérebro no Japão (1953)

Lei do Ar puro (Inglaterra -1956)

Década de 60:

Surgimento do ambientalismo (1960 - EUA)
Pacifismo X armamentos nucleares
Movimento hippie
Livro: Primavera Silenciosa - Rachel Carson
Conferência de Educação da Universidade de Keele, (Inglaterra 1965)
Criado o Conselho de Educação Ambiental (Inglaterra -1968)

- Clube de Roma - abril de 1968
  (10 países - multidisciplinar)
  "Os limites do Crescimento"

Década de 70:

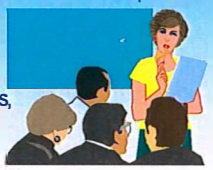
- Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano - Estocolmo 1972
(5 de junho - se tomou o dia mundial do meio ambiente)
113 países assinaram " Declaração da ONU sobre o Ambiente Humano" - inclusive o Brasil

Artigo 19:

"É indispensável um trabalho de educação em questões ambientais, visando tanto as gerações jovens, como os adultos, dispensando a devida atenção aos setores menos privilegiados, para assentar as bases de uma opinião pública bem informada e de uma conduta responsável dos indivíduos, das empresas e das comunidades, inspirada no sentido de sua responsabilidade, relativamente à proteção e melhoramento do meio ambiente em toda a sua dimensão humana."

Programa Internacional de Educação Ambiental
Um trecho da carta da Conferência de Belgrado (1975)

" Governantes e planejadores podem ordenar mudanças e novas abordagens de desenvolvimento que possam melhorar as condições do mundo, mas tudo isto não se constituirá em soluções de curto prazo, se a juventude não receber um novo tipo de educação.
Isto vai requerer um novo e produtivo relacionamento entre estudantes e professores, entre escola e comunidade, entre o sistema educacional e a sociedade.



" É nesse sentido que devem ser lançadas as fundações para um programa mundial de Educação Ambiental que torne possível o desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades, valores e atitudes, visando a melhoria da qualidade ambiental e, efetivamente, à elevação da qualidade de vida para as gerações presentes e futuras"

As Bases Internacionais para a Educação Ambiental

"[illegible] Edgar Morin

Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental de Tbilisi (1977) - (Geórgia - ex- União Soviética)

Definições, objetivos, princípios e estratégias:

1- Processo Dinâmico Integrativo
2- Transformadora
3- Participativa
4- Abrangente
5- Globalizadora
6- Permanente
7- Contextualizadora

Década de 80:

- Mais desastres ambientais :
Bhopal - Índia (gás venenoso - 1984)
Chernobyl - (acidente nuclear - 1986)

Brasil: Constituição Federal (1988)
Leis ambientais avançadas
E. A. obrigatória - mas não é disciplina

- **Comissão Brundtland**: 22 notáveis de vários países -» nos 5 continentes p/ ouvir milhares de pessoas: líderes, cientistas, agricultores, favelados,etc
Objetivo: avaliação da situação ambiental do mundo
Relatório "Nosso Futuro Comum"

Trechos do documento:

"... ramos e todo ... com o meio ambiente..."

" As mudanças que desejamos nas atitudes humanas dependem de uma campanha de educação, debates e participação pública..."

- Diz que as ambições humanas são insustentáveis
- Grande impacto no mundo todo.
- A partir dele se definiu a Conferência da ONU sobre meio ambiente e desenvolvimento - RIO-92

Década de 90:

Rio - 92
Compromissos
- Agenda 21
- Carta da Terra
- Convenção das mudanças climáticas
- Convenção da biodiversidade
- Declaração das Florestas
- Tratado de E.A. para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global

"No final, nosso sucesso em salvar o Planeta dependerá fundamentalmente da ação das pessoas, e isto, por sua vez, vai se basear nas suas mais profundas motivações pessoais"
Maurice Strong (Secretário Geral da Rio-92)

Após a Rio-92 (um mês) : Criação dos Núcleos de E.A. (NEAs)

1994 - Criação do PRONEA - Programa Nacional de E A
Lei Nacional

1997 - 1ª Conferência Nacional de Educação Ambiental

Parâmetros Curriculares Nacionais (P C N`s) E.A.

Educação Ambiental - interdisciplinar e multidisciplinar
Transdisciplinar

e continua...

Ed[illegible]ador ambiente

"To[illegible] indiv[illegible] e coloca[illegible] para si o [illegible] fio de implementar a mudança de comportamento, essencial para que o Planeta Terra possa sobreviver e oferecer condições de vida para as pessoas que ainda não nasceram, ou que já nasceram mas estão excluídas de qualquer benefício"

Portas que levam à Educação Ambiental:

- motivação inicial

- defesa de uma espécie animal ou outro elemento da natureza

- passeios ou atividades na natureza

- solução de problemas ambientais gerando renda e empregos

3 ÁREAS:

Formal	Não formal	Informal
Escolas	Comunidade	Jornal
não como	Associações	Rádio, TV
disciplina	Sindicatos e Empresas	Trabalhos artísticos

5 menos que significam 5 mais

1- economia de energia elétrica

2- combate ao desperdício de matéria prima
os 3 "R s " - reduzir, reutilizar, reciclar

3- economia de água

4- redução da poluição do ar e sonora

5- coleta seletiva e reciclagem do lixo

Essa é nossa
mãe, nossa casa

Qual o seu
projeto de
vida?

APÊNDICE 2

As Cinco dimensões da Ecologia:
Animação feita em Power Point

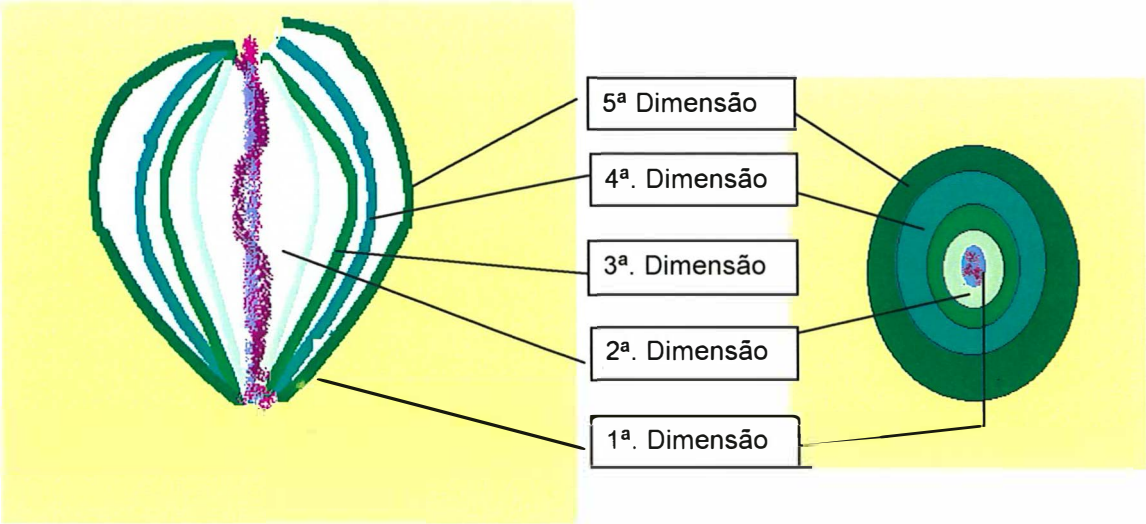
Essa palestra se baseou em uma viagem interior, onde propus a discussão se conceitos que relacionem a ecologia, o meio ambiente e o ser humano. Após exercícios de relaxamento e discussão em grupos, foi apresentado para os espectadores, na forma de uma animação interativa, um "novo" modo de se definir ecologia. Este ponto de vista está na vanguarda dos movimentos ecológicos e das políticas ambientais, sua compreensão é de fundamental importância para nos tornarmos pessoas mais felizes, tendo como meta a realização pessoal e o conseqüente estado de melhor qualidade de vida pessoal e da comunidade planetária.

A animação é interativa e inicia discutindo a etimologia da palavra ecologia (do grego OIKOS = casa + Logo = estudo), o estudo da casa. Parte-se desta idéia, Uma casa, que tem a o lado de dentro e o lado de fora de dentro e de fora. Então ecologia pode ser compreendida de outras maneiras diferentes daquelas que estamos acostumados.

Neste ponto recorre-se a história da educação ambiental e da ecologia e apresenta-se as "Cinco dimensões da ecologia" como uma proposta interessante a ser trabalhada.

Para compreender a estrutura destes conceitos é proposto uma analogia, entre o ser humano e a Cebola (ver figura abaixo). Sendo que esta é formada por 5 coroas de pétalas. E cada pétula corresponde a uma dimensão. O homem cebola , também é assim estruturado no centro o seu cerne, seguido de outras estâncias definidas de relacionamento com o mundo.

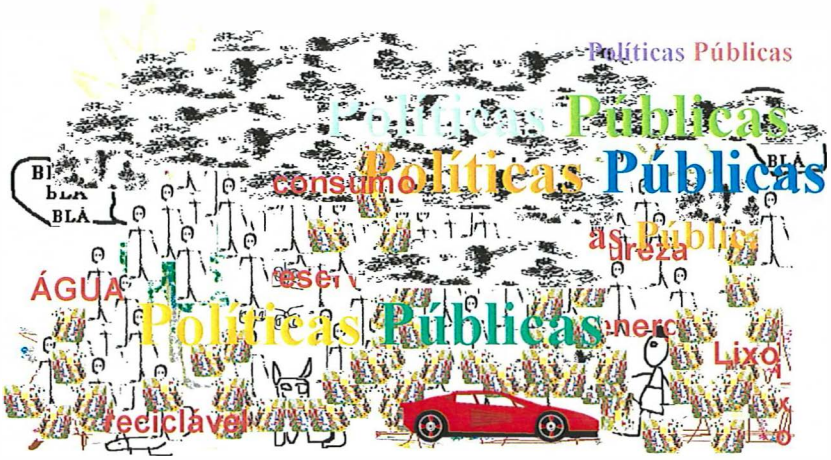
Relacionamento com o mundo através do ponto de vista destas dimensões pode ser percebido pelo ser humano uma vez, que do seu ponto de vista é ele que está no cerne da cebola.



E é deste ponto de vista que convidamos os participantes a viver esta proposta .Compreender qual o mundo em que vivemos.

Assim é iniciada a montagem de um quadro, um slide de apresentação em Power-point, e através de imagens com movimento, vai se compondo na tela "o mundo em que vivemos". Iniciamos pela natureza: o chão, o sol, uma árvore, alguns pássaros, borboletas, cachorros, gatos e homens, muitos homens. E também seus produtos antrópicos: carro, avião, lixo e poluição.

O MUNDO QUE VIVEMOS



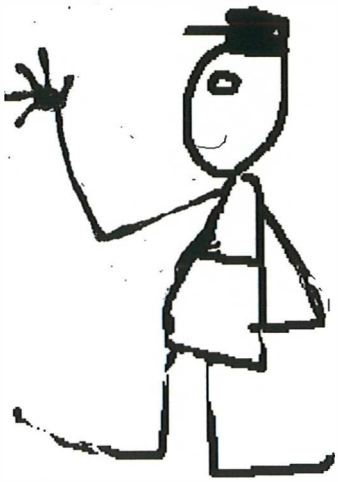
Assim vamos descrevendo de maneira dialógica as "Cinco Dimensões da Ecologia" (op.cit).

- 5ª Dimensão Ecológica: é a dimensão Política – a forma de gestão de espaço comum, são as legislações e políticas públicas; as instituições para compartilhar estas políticas.

- 4ª Dimensão Ecológica : Relação do Seres com a Natureza - esta dimensão irá tratar das relações dos indivíduos com a natureza e com o ambiente construído pelo próprio homem. Nesta dimensão se encontra a noção de ecologia que aprendemos na escola, todos os seres animados e inanimados estão incluídos, mas também estão presentes os produtos das ações antrópicas, o lixo e a poluição que essas ações produziram.

- 3ª Dimensão Ecológica : Relação do Ser com os outros indivíduos. È dentro desta instância que incluímos os relacionamentos interpessoais e transpessoais, relacionamentos afetivo-amoroso e familiar.

- 2ª Dimensão Ecológica : Nosso Corpo Físico, o qual abriga nossas almas, contém a nossa vida.Cabe a essa dimensão o estudo da preservação e conservação desta casa. Nos dá a importância de cuidar da nossa saúde



pessoal, cuidar da alimentação, da respiração, da sua movimentação.é através do nosso corpo que percebemos o mundo a nossa volta e nos relacionamos com ele.

E finalmente a

- 1ª Dimensão Ecológica : O menor habitat do homem é sua casa interior.Contém nossa alma, nosso espírito, nosso imaginário. Seria a própria essência do ser humano,com seus valores. Enfim a nossa personalidade.

APÊNDICE 3

3.Dinâmica : Cantar as Vogais do Nome

Descrição da atividade:

Sílabas com dança indígena:

- formar uma roda com todos os participantes
- instrutor inicia falando as sílabas do seu primeiro nome, e na seqüência os participantes vão falando as sílabas com o nome de cada um até chegar novamente no instrutor.
- repetir
- ainda em roda abraçando uns aos outros, iniciar uma cadência com o passo indígena e repetir a seqüência
- repetir mais uma vez e outra se quiser

1ª Roda: o nome cantado

2ª Roda: as vogais do nome , e o coro repete

3ª Roda: idem , mais abraço e a dançando

4ª Roda: repete

Apendice 4

JOGO: TRILHA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Vocês estão sendo convidados a participarem de uma gostosa e divertida trilha de educação ambiental em um parque urbano, da Escola de Agronomia Luiz de Queiroz – USP/ Piracicaba, onde irão entrar em contato com curiosidades sobre temas como: a fauna, a flora, o ar, a água, além de trabalhar a orientação geográfica.

Vocês são o: GRUPO A

Escreva abaixo os nomes dos integrantes da equipe:

1
2
3

As duas páginas seguintes contém preciosas informações sobre alguns dos métodos que podemos usar para nos relacionarmos com o planeta Terra.
O grupo deve sentar-se em círculo, um dos integrantes deve ler o texto abaixo,em voz alta para que todos ouçam.
As informações oferecidas são necessário para o desenvolvimento da Trilha.

1. MÉTODOS DE ORIENTAÇÃO NO ESPAÇO

1.1. Orientação pelo Sol
Em virtude da rotação da terra ,que produz os dias e as noites, o Sol aparece pela manhã a Leste, atravessa o céu descrevendo um semi-círculo e se esconde, à tardinha , do lado oposto, à Oeste. Assim, para nos orientarmos , se for de manhã, basta estendermos o braço direito para o lado que o sol vem nascendo que é leste, e teremos: oeste para a esquerda, norte na frente e sul nas costas.

1.2. Orientação pela Bússola
A bússola é um instrumento que permite nos orientarmos a qualquer momento. é constituída por uma caixinha de metal ou outro material, tendo no fundo, colado, um papel circular onde está desenhada a rosa dos ventos e no centro uma pequena agulha apoiada em um estilete.
Esta agulha é imantada, apontando sempre para o Norte da terra, ficando a outra extremidade para o sul.

Logo que se começa a manipular a bússola, pelos movimentos bruscos que fazemos, a agulha gira loucamente, depois passa a oscilar para um e outro lado, vai parando cada vez mais até ficar firme. O ponto que ela indica é o norte da terra. Girando a caixa da bússola, leva-se o Norte da Rosa dos Ventos a coincidir com a indicação da agulha. Para se seguir em uma direção ,é preciso determiná-la, marcando o prolongamento desta direção desejada, em um ponto distante como uma pedra, uma árvore, etc.

1.3. Orientações Noturnas

Orientação pelas Estrelas /Orientação pela Lua.

1.4. Orientação Pela ação da Natureza

1.5.1 pela ação dos raios solares – As plantas se desenvolvem mais do lado que apanham mais sol.

1.5.2 pela abertura de ninhos e formigueiro –Muitos pássaros, para se protegerem das chuvas, fazem a abertura das suas casas sempre para o lado contrário ao vento. Conhecendo-se a direção do vento, podemos facilmente deduzir as direções.

2. OBSERVANDO O MEIO AMBIENTE

2.1.Nuvens

As nuvens apresentam aspectos muito diversos, de acordo com as condições atmosférica do momento.

Os quatro tipos de nuvens mais encontrados são:

2.5.1 Círrus – São nuvens diáfanas, muito altas, filamentosas. Apresentam-se, às vezes como que esfarrapadas, dilaceradas, chamadas " rabo de galo" prenuncio certo de ventos fortes.

2.5.2 Cumulus – São grandes nuvens que se apresentam como massas densas, brancas, nítidas semelhando um punhado de algodão. Em geral tem a parte superior arredondada e a inferior plana.

São formadas quase sempre durante o dia, pelo movimento ascensional dos vapores resultantes da grande evaporação produzida pelos raios solares.

Combinadas com Ninbus sÃo nuvens de aguaceiro e trovoada.

1.1.3. Stratus – São nuvens em forma de faixas longas e baixas, dispostas em camadas contínuas e horizontais. Aparecem ao anoitecer, dissipando-se ao calor do dia. São elas que formam os nevoeiros.

1.1.4. Nimbus – São nuvens espessas,escuras, sem forma definida , e que geralmente se desfazem em chuva.

Muitas vezes estas nuvens se combinam entre si, formando: cirrus-stratus, cirrus-cumulus, stratus-cumulus, cumulus-nimbus, etc.

2.2.Ventos

A Terra sendo desigualmente aquecida pelo Sol apresenta regiões de temperaturas bastante diferentes. O ar, mais aquecido na zona próxima ao

equador, torna-se por isso mais rarefeito, mais leve, e sobe deixando como que um espaço vazio, o ar das regiões frias , mais denso, corre para ocupar esse espaço deixado por aquele. Forma-se desse modo uma corrente aérea – é o vento. Toda corrente aérea tem a mesma origem - diferença de aquecimento de duas regiões.

2.2.1. Expressões Relativas à Intensidade do Vento.
Calmaria – Ausência total de vento.
Aragem – Vento muito brando.
Vento Fraco
Vento Fresco
Vento Forte
Vento Duro
Vento Tempestuoso
Furacão

3. Observando Pássaros (Xerox em anexo)
Todos devem ter à mão, durante toda manhã, o seu caderno individual. Caneta ou lápis.
Inicie-o, com um cabeçalho: nome, data, nome da atividade etc.
Cole a sua foto na primeira página
Neste caderno você pode escrever o que quiser, e quando quiser.
Nas oficinas que acontecerão durante a manhã de hoje, será pedido que você escreva algumas frases ou que desenhe. Use o caderno sempre que a proposta for individual.
Este caderno será o nosso veículo de comunicação, através dele escreveremos um para o outro. E teremos a oportunidade de nos conhecer melhor.
O horário deve ser comprido, por isso preste atenção no relógio.

(Obs: as fotos dos pássaros foram ofercidas em maior número e mais ampliada do que a apresentada acima)

ATENÇÃO: AQUI A TRILHA SE INICIA.

Agora são exatamente:

__:__

Marque o horário

Orientar-se é determinar o local onde se está, em relação aos pontos cardeais: norte, sul, leste ou oeste. É intuitivo que, conhecendo qualquer um deles, qualquer dos outros será determinado. Há indivíduos que têm de tal maneira desenvolvida a capacidade de orientação, que são capazes de se orientar de qualquer local onde se achem. Tem alguém assim entre vocês? Se tiver, escreva o nome dele(s) ou dela(s) no campo a seguir:

Como vocês sabem estamos no planeta Terra, na América do Sul, em um país chamado Brasil, no estado de São Paulo, no município de Piracicaba. Dentro da cidade de Piracicaba nos localizamos no parque da ESALQ. (mapa anexo)

Vamos primeiro examinar esta praça, o Parque da ESALQ é o único no estilo inglês de paisagismo existente no Brasil.

Quando chegamos, hoje bem cedinho, você observou o sol? Observou de onde ele surgiu?

Marque o local no mapa do parque. Projete as outras direções.

Fiquem de pé.

Olhem em volta de vocês, se afastem um pouco um do outro para sentir a enormidade do ambiente dessa praça, podemos explorar a noção de distância, de perto e longe.
Agora , olhem para cima, tenham a noção da abóbada celeste. Contemplem! Vocês representam neste momento o eixo que liga o Céu à Terra.. Era assim que pensavam os antigos.
Qual a sensação que você teve neste momento ? Escreva no caderno.

E o céu? Tem nuvens?

De que tipo são ?

Prenunciam chuva ?

Durante esta caminhada é possível que vocês se deparem com algumas espécies de pássaros, se for possível identifíque-os. Utilize as tabelas de pássaros em enexo.

Pássaro	quantidade	local	horário

Com o auxílio da bússola, saiam do gramado pelo NORTE, andem até chegar à Alameda Principal. Virar na direção LESTE e andar até chegar na altura do Prédio Central. ã sua direita se encontra uma bela e conhecido árvore em flor. Veja os reflexos do espelho d'água.

Qual é seu nome? E sua cor?

O que te chamou mais atenção nesta árvore?

Se esta visão deixou você emocionado, ou te trouxe uma lembrança, registre tudo no caderno. Se alguém do grupo quiser, pode relatar em voz alta as suas experiências.
Continuem andando . Controlem o tempo.
Passe na frente do Prédio Central , e vire a esquerda. Siga em direção a LESTE até passar em frente da bica d'água. (A água é potável)
Sigam pela direção Nordeste.
Contornem o Lago e observem a diversidade da vegetação.
De frente ao prédio da Botânica , olhe na bússola e construa uma rosa dos ventos

desenhe uma rosa dos ventos

Siga para o Norte, no fim do prédio contorne-o e siga para o leste até o fim da rua.
Vire a esquerda, até alcançar uma estrada , entre nela na direção Leste.
Siga por esta estrada , ultrapasse a ponte e suba o morro até o primeiro bosque à direita. Neste local a Instrutora da Oficina : OUVIDOS PARA OUVIR (Simone) estará esperando por vocês .

Indo Para Oficina :OLHOS PARA OLHAR

Descer o Morro é mais fácil.
Prá baixo todo Santo Ajuda

Parem na ponte e observe o curso e as margens do rio? Olhe pelos dois lados da ponte, são diferentes?
Este é o Ribeirão Piracicamirim , que vai se juntar ao Rio Piracicaba. Neste ponto este ribeirão já passou pelo tratamento de esgoto.

Qual a diferença de um ou do outro lado do rio.

APÊNDICE 5

O Olhar Adulto

Lá vão pelo caminho a mãe e a criança, que vai sendo arrastada pelo braço segurar pelo braço é mais eficiente que segurar pela mão. Vão os dois pelo mesmo caminho, mas não vão pelo mesmo caminho. Blake dizia que a árvore que o tolo vê não é a mesma árvore que o sábio vê . Pois eu digo que o caminho porque anda a mãe não é o mesmo caminho por que anda a criança..

Os olhos da criança vão como borboletas, pulando de coisa em coisa, para cima, para baixo, para os lados, é uma casca de cigarra num tronco de árvore, quer parar para pegar, a mãe lhe dá um puxão, a criança continua, logo adiante vê o curiosíssimo espetáculo de dois cachorros num estranho brinquedo, um cavalgando o outro, quer que a mãe também veja, com certeza ela vai achar divertido, mas ela, ao invés de rir, fica brava e dá um puxão mais forte: aí a criança vê uma mosca azul flutuando inexplicavelmente no ar, que coisa mais estranha, que cor mais bonita. Tenta pegar a mosca, mas ela foge, seus olhos batem então numa amêndoa no chão e a criança vai jogando futebol, vai chutando a amêndoa, depois é uma vagem seca de flamboyant pedindo para ser chacoalhada: assim vai a criança, à procura dos que moram em todas os caminhos , que divertido é andar, pena que a mãe não saiba andar por não ter os olhos que saibam brincar, ela tem muita pressa, é preciso chegar, há coisas urgentes a fazer, seu pensamento está nas obrigações de dona de casa, por isso vai dando safanões nervosos na criança, se ela conseguisse ver e brincar com os brinquedos que moram no caminho, ela não precisaria fazer análise...

A mãe caminha com passos resolutos, adultos, de quem sabe o que quer, olhando para frente e para o chão. Olhando para o chão ela procura pedras no meio do caminho, não por amor a Drummond, mas para não dar topadas, e procura também as poças d'água, não porque tenha se comovido com o lindo desenho do Escher de nome Poça d'água, uma poça de água suja na qual se reflete o céu azul e os ramos verdes dos pinheiros. Ela procura as

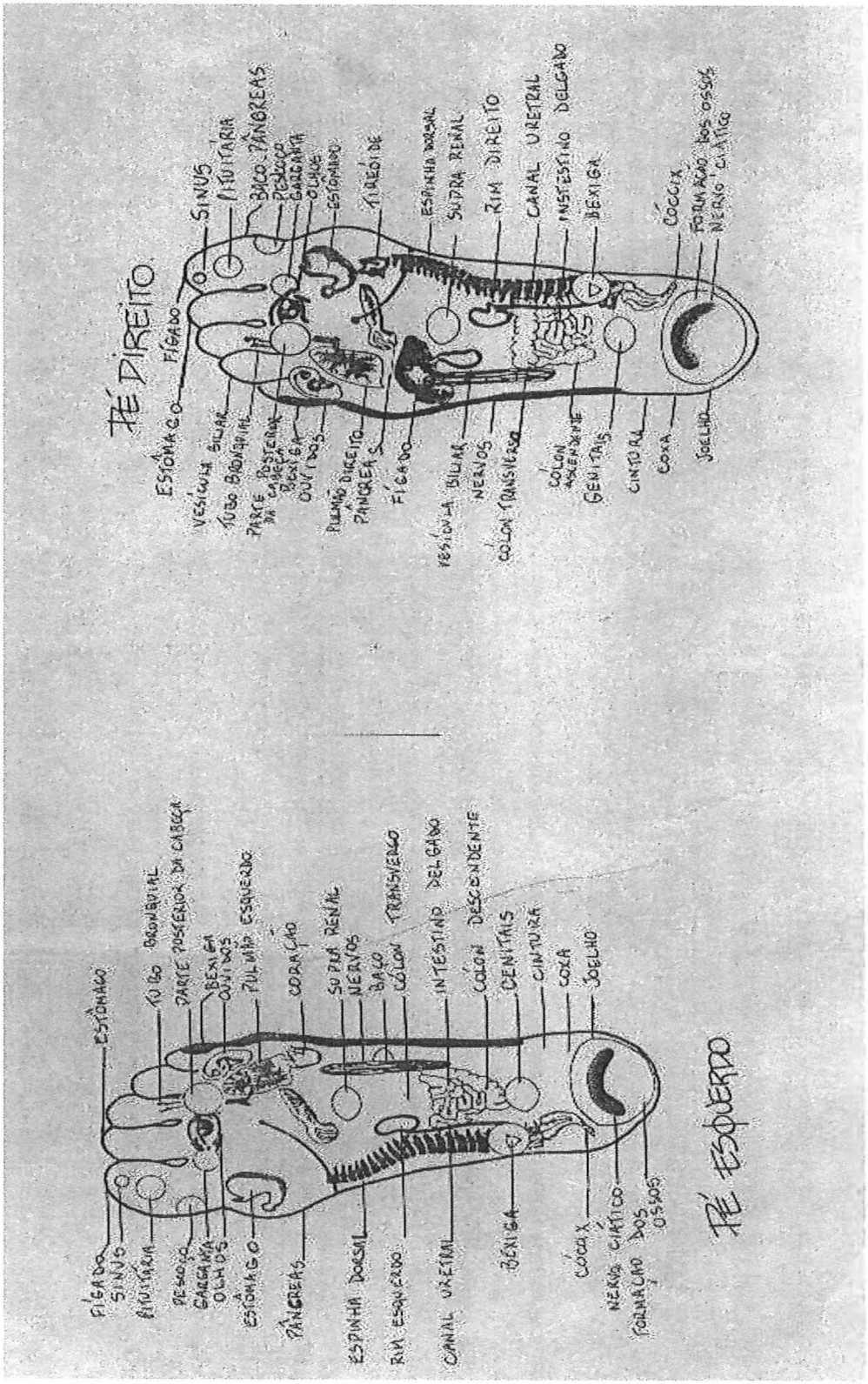
poças para não sujar o sapato. A pedra do Drummond e a poça do Escher os adultos não vêem, só as crianças e os artistas...

A mãe não nasceu assim. Pequenina, seus olhos eram iguais aos do filho que ela arrasta agora. Eram olhos vagabundos brincalhões, que olhavam as coisas para brincar com elas. As coisas vistas são gostosas para ser brincadas. E é isso que os nenezinhos têm esse estranho costume de botar na boca tudo o que vêem, dizendo que tudo é gostoso, tudo é para ser comido, tudo é para ser colocado dentro do corpo. O que os olhos desejam, realmente, é comer o que vêem. Assim dizia Neruda, que confessa ser capaz de comer as montanhas e beber os mares. Os olhos nascem brincalhões e vagabundos, vêem pelo prazer de ver, coisas que vez por outra, aparece ainda nos adultos no prazer de ver figuras. Mas aí a mãe vai sendo educada, numa caminhada igual a essa, sua mãe também a arrastava pelo braço, e quando ela tropeçava numa pedra ou pisava numa poça d'água, por que seus olhos estavam vagabundeando por moscas azuis e cachorros sem-vergonha, sua mãe lhe dava um safanão e dizia: "Olha para a frente, menina!"

"olha para a frente!" Assim são os olhos dos adultos. Olhos não são brinquedos, são limpa-trilhos. Servem para abrir caminhos na direção do que se deve fazer. Assim eram os olhos daquela minha amiga que os usava para cortar cebola sem cortar o dedo, até que um dia, o olho que morava dentro dos seus olhos se abriu e ela viu a beleza maravilhosa do vitral translúcido que mora nas rodelas de todas as cebolas, e ela tanto se espantou com o que via que pensou que estava ficando louca...

Coitados dos adultos! Arrancaram os olhos vagabundos e brincalhões de crianças e os substituíram por olhos ferramentas de trabalho, limpa-trilhos, escravos do dever. Eles não percebem que as coisas ao seu redor são brinquedos que pedem aos seus olhos: "Brinquem comigo! É tão divertido! Se vocês brincarem comigo, eu ficarei feliz, e vocês ficarão felizes..."

APÊNDICE 6


PÉ DIREITO
ESTÔMAGO
FÍGADO
SINUS
PITUITÁRIA
BAÇO PÂNGREAS
PESCOÇO
GARGANTA
OLHOS
ESTÔMAGO
TIRÉOIDE
ESPINHA DORSAL
SUPRA RENAL
RIM DIREITO
CANAL URETRAL
INTESTINO DELGADO
BEXIGA
CÓCCIX
FORMAÇÃO DOS OSSOS
NERVO CIÁTICO
VESÍCULA BILIAR
TUBO BRONQUIAL
PARTE POSTERIOR DA CABEÇA
BEXIGA
OUVIDOS
PULMÃO DIREITO
PÂNGREAS
FÍGADO
VESÍCULA BILIAR
NERVOS
CÓLON TRANSVERSO
CÓLON ASCENDENTE
GENITAIS
CINTURA
COXA
JOELHO
PÉ ESQUERDO
FÍGADO
SINUS
PITUITÁRIA
PESCOÇO
GARGANTA
OLHOS
ESTÔMAGO
PÂNGREAS
ESPINHA DORSAL
RIM ESQUERDO
CANAL URETRAL
BEXIGA
CÓCCIX
NERVO CIÁTICO
FORMAÇÃO DOS OSSOS
ESTÔMAGO
TUBO BRONQUIAL
PARTE POSTERIOR DA CABEÇA
BEXIGA
OUVIDOS
PULMÃO ESQUERDO
CORAÇÃO
SUPRA RENAL
NERVOS
BAÇO
CÓLON TRANSVERSO
INTESTINO DELGADO
CÓLON DESCENDENTE
GENITAIS
CINTURA
COXA
JOELHO

APÊNDICE 7

Plano de aula

Tema para professoras:

Cosmologia Guarani
- Qual a visão que vocês tem um índio?
- O que é ser um índio para vocês?
- Não respondam – vejam- reflitam

Com música indígena ao fundo CD (Nande Reko Arandu (memória viva Guarani)

Discussão: Porque a cosmologia Guarani?
Entrar em contato com um tema que trata o homem como ser humano, uma lenda, uma história que traga em si ensinamentos de uma tradição milenar que nunca traiu a natureza. O homem segundo o mundo guarani é criado a partir da união da Terra com Tupã. O homem possui dentro de si as propriedades da Terra. Por isso as pedras, as plantas e os vegetais são nossas irmãs, elas também estão dentro de nós. Amar a si mesmo é amar os elementos da Natureza e suas propriedades. Poder curativo do amor..

Aplicação
10' Bom dia!
10' Indo para o pátio
Roda da descontração
05' Apresentação
10' Relaxamento
05' Respiração
10' Prática
10' História
10' Volta à classe
20' Mande seu recado

Aplicação

BOM DIA !
Gente, hoje eu vim aqui para fazer uma coisa diferente com vocês.
Vocês querem?
Nós vamos sair da classe e fazer atividades lá fora. Para isso é preciso fazer silêncio.Vocês sabem fazer silêncio?
Ir para páteo

Roda da descontração

Sair da sala de aula e fazer um círculo de descontração sempre nos traz dificuldades, colocações sobreas dificuldades de estimular e levar o aluno a participar.

Fazer uma roda de mãos dadas
Apresentação:
-"Quero saber os nomes de vocês. Começa. Muito bem.Eu me chamo Rita Helena e vim conversarcom vocês sobre as coisasdo mundo e da gente."
-"Primeiro vamos relaxar um pouco:esticar, girar pescoço, alongar braços, massagear o amigo. Agora estamos prontos para começar:

VAMOS FALAR DO PLANETA TERRA

Como vocês vêem o planeta Terra no céu?

(1° momento Exercicio com a bola)
(as crianças respondem entre outras:)
- é uma bola
- é azul
- "Eu tenho aqui uma bola, e é azul. Esta bola parece água é porque ela queria ficar igual ao planeta Terra que tem 70% de água e 30% de terra. Vamos jogar : Quem joga a bola fala uma qualidade do planeta Terra."

(2° momento)
Vamos imaginar que somos pássaros. Pássaros que voam alto muito alto e começam a voar para perto da terra. Já vemos os continentes, as montanhas e os rios, vemos as cidades.
Podemos ver aonde estamos viajando com as nossas mentes. Somas pássaros. Agora imaginemos que nos aproximamos de um rio , um rio qualquer, uma rio da nossa imaginação. Vamos passar agora sobre uma pequena inclinação, bem em cima do rio e vemos mata ciliar conservada e chão forrado de folhas e pequenos arbustos. O que acontece quando chove aqui?
(provocar uma discussão com as crianças sobre a importância da mata ciliar).

Voltando a nos concentrar, disse:

"- Agora vou contar uma história: Uma história muito antiga que morava aqui, nessa terra muito tempo antes da gente.
- Vocês sabem quem viveu aqui antes da gente? E o que aconteceu com eles ?

Os povos indígenas viviam aqui no Brasil, na América Latina, na América do Sul. Outros povos viviam na Europa, outros ainda viviam na África e na Ásia.

Aqui onde nós vivemos era uma terra de índio.
Veja o nome da nossa cidade ? Qual é ? O que quer dizer ?
Alguém sabe porque o peixe para ?
Mas voltemos a nossa história ?

(Ter uma cesta preparada com saquinhos cheios de terra e vendas para todos os participantes. Arrumar o som)

- Cada um de vocês vão receber um saquinho de papel amarrado com um pano, não deve abrir a saquinho agora. O pano é para vendar os seus olhos e o saquinho é para ficar fechado na sua frente.
(Esperar para que todos se acalmem)

Muito bem!
Esse povo que habitava aqui. Era um povo muito grande, tinham muitos parentes, viviam emocas, e estavam sempre de lugar, para perto de um rio, de lá para um floresta com frutas especiais. Viviam por grandes áreas do Brasil. Quando eles viveram aqui perto do rio Piracicaba, aqui não tinha cidade, não tinha carro, não tinha casa, não tinha ruas asfaltadas,, não tinha vendinha, nem supermercado.
Era uma vida diferente, uma vida ligada à natureza. Uma vida ligada aos ciclos da natureza, à chuva e à seca, à primavera, ao outono, ao verão e ao inverno.
Será possível Ter uma vida assim?
Uma outra vida.

(Pedir às crianças através de gestos para que elas coloquem as vendas. Depois de prontas e quietas ligar o som.)

Vamos imaginar uma vida sem barulhos, sem máquinas, sem casa. Imagine que vocz6e seja um índio. Sim, um indiozinho.Com pai e mãe índios e irmãos índios. Todo mundo é índio e todo índio sabe:
Que a Terra é a grande mãe. É ela que nos dá a vida. É dela que nós saímos. A Terra e nós somos com mãe e filho. Àquilo que acontece à Terra, acontece aos filhos da Terra.
A Terra possui 4 qualidades que são:
A própria Terra
A Água
O Ar
O Fogo
Essas qualidades existem nela o tempo todo.
Para que a gente se lembre da Terra vamos sentir seu perfume. Para isso, sem tirar as vendas, esticando as mãos à sua frente vamos peguar o saquinho de papel, abri-lo com cuidado e cheirar o seu perfume. Quem nunca sentiu este perfume? este é o cheiro de nossa mãe Terra. Agora vamos deixar o saquinho de lado e vamos continuar viajando com a nossa imaginação.

Se a Terra é a nossa mãe quem será o nosso pai ? N o mundo guarani o nosso pai é chamado de Tupã.Quem já ouviu falar dele ? (tempo)
É também conhecido como o Grande Espírito, o Cosmo, o Universo.
E uma de suas principais qualidades é o grande som. (Som de trovão)

Foi, segundo os índios, do casamento entre o Grande Espírito Tupã e a mãe Terra que surgiu o homem. No meio do maior barulhão.

A mãe Terra deu a esses seus filhos homens as suas qualidades. Então dentro desses homens ela colocou:
- um punhado da qualidade da Terra
- um punhado da qualidade da Água
- um punhado da qualidade do Ar
- um punhado da qualidade do Fogo

Além de oferecer o Terra Planeta como "casa" para esse ser humano morar.

E o Pai Tupã também quis dar um presente para esse filho nunca se esquecesse dele nessa vida. Colocou dentro do coração de cada homem a sua morada. Por isso quando a gente põe a mão no coração a gente escuta tupã, tupã .....

De agora em diante quando olharmos uma montanha, um rio (o nosso rio), quando sentirmos uma brisa ou o calor do sol sabemos que nós também somos rios, montanhas, e tudo mais, pois sabemos que possuímos dentro de nós as qualidades da Terra, da Água, do Ar e do Fogo e um coração humano que pulsa antigas cantigas e lendas de uma povo.

Tirar as vendas
Agradecer à Terra e à Tupã pela Natureza que nos cerca vamos soletrar as vogais dos nosso nomes em círculo de pé. O primeiro fala e outros em grupo repetem assim: iniciar.
Em silêncio mais uma vez , voltamos à sala de aula
Alunos sentados em silêncio
"- A nossa grande mãe Terra mandou até nós mensageiros para que possamos enviar para elas o nosso recado.
Nesses peixes brancos voes vão desenhar escrever como se sente ou como se sente em relação à natureza. escreva seu nome.

APÊNDICE 8

Anexo 17 – documento de apoio para o desenvolvimento do trabalho

NOME

TELEFONE / E-mail

TEMA ESCOLHIDO

DADOS DO TRABALHO

LOCAL EM QUE SERÁ IMPLEMENTADO	
DATA DA ELABORAÇÃO	
DURAÇÃO	
INÍCIO PREVISTO	

CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA/ INTRODUÇÃO

A elaboração de um problema se dá introduzindo o que o que pretendemos resolver, ou transformar. Este problema deve ser delimitado e caracterizado para conhecermos melhor suas dimensões, suas origens, histórico e outras informações.

JUSTIFICATIVA

Após a caracterização do problema/situação, devemos justificar a necessidade da intervenção, esclarecendo sobre a importância do problema e o da abordagem deste trabalho.

OBJETIVOS

O que pretendemos fazer?

São os resultados a serem alcançados.

OBJETIVOS GERAIS

Temos empregado o termo objetivo geral para a situação ideal que almejamos, em poucas palavras, o objetivo geral deve expressar o que se quer alcançar a longo prazo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

são o resultado são os resultados esperados com a execução deste trabalho, ou seja, objetivos mais factíveis que podem ser resolvidos a curto ou a médio prazo.

OBJETIVOS EDUCACIONAIS

Procure no PCN e anote abaixo, quais os objetivos educacionais que este trabaho contempla

METODOLOGIA

Na metodologia descrevemos e justificamos nosso plano de ação. Relatamos como faremos para desenvolver a proposta, quais os procedimentos e atividades necessárias .

APÊNDICE 9

Jean – Yves Leloup – Os Pés p. 27-35

In: O Corpo e seus Símbolos – uma antropologia essencial – Editora Vozes-Petrópolis, 200133p.

Os Pés

Anamnese Física

Em um primeiro trabalho de anamnese física nos é pedido que observemos como estamos sobre nossos pés, durante uma semana mais ou menos, porque este estudo requer tempo e atenção. Verificar se nossos pés são locais de problemas para nós. Se recebemos ferimentos ou golpes nesta parte do corpo, em qual momento, em qual circunstância. E que marcas físicas, que fragilidades, estes ferimentos deixaram em nosso corpo.

Em seguida, observaremos nossa relação com o odor que emana de nossos pés. O cheiro dos nossos pés é agradável ou desagradável? Vocês sabem que há crianças que têm uma verdadeira paixão pelos pés. E certas mães adoram "comer" os pés de seus filhinhos. Cada um tem relações bem diferentes com o gosto, o cheiro e a sensação dos pés.

Em francês há uma expressão: *savoir prendre son pied,* que, traduzida literalmente, quer dizer "saber segurar seu pé". Esta expressão significa a capacidade que temos de sentir prazer. Há entre nós pessoas que nunca sentem prazer. O prazer para elas é algo muito difícil. Se estas pessoas não "seguram seu pé", há outras, entretanto, que só pensam em segurá-lo... Portanto, esta faculdade de sentir prazer, ou não, é um fato a ser observado. E uma questão tão simples, tão banal, mas ao mesmo tempo tão fundamental!

Será que experimentamos prazer em estarmos sobre a terra? Ou não experimentamos nenhum prazer? Esta é uma pergunta a fazer aos nossos pés.

Poderíamos passar um pouco de tempo sentindo nossos pés e vendo como estamos em relação a eles. Mas, se vocês preferem, deixaremos estes exercícios práticos para a intimidade de nossas casas quando, inclusive, poderão ser partilhados em certos grupos, uns com os outros.

Anamnese Psicológica

Em um segundo momento, depois desta análise sensível, seria preciso nos interrogarmos sobre o desejo que nos chamou à existência. Será que fomos desejados ou será que não fomos desejados? Se fomos desejados por nossos pais, quais foram as suas expectativas a nosso respeito? Ficaram felizes ou decepcionados de nos ver chegar a esta terra? Igualmente, qual é o nosso desejo em relação a um filho? Por que queremos colocar filhos no mundo? Por que não queremos colocá-los?

Estas são questões com as quais interrogamos nossas raízes. E se nós mesmos recebemos raízes, talvez possamos dar raízes aos outros. Quais são as nossas raízes? Lembrem-se desta expressão: a. “planta dos pés”. Esta planta clama por raízes.

De onde venho? Será que sou demais no mundo? Sentir-me sobrando no mundo... Nunca sentir-me em meu lugar... O mundo não é minha pátria, minha mátria... E difícil para mim ter os pés sobre a terra... Como é que eu me sinto, carregado pela terra? Sinto-me desejado, amado pela vida? Posso sentir isso se escuto bem meus pés. Sentirei, em um certo dia, com os meus pés plantados na terra, a que ponto estou bem. E da terra me será comunicado um

sentimento de tranqüilidade, um sentimento de que eu faço parte dela. Um momento, no qual sinto que não estou sem raízes.

O terapeuta pode ajudar alguém a reencontrar suas raízes. Quando esta pessoa não foi desejada, quando não foi esperada ou quando ficou decepcionada por ter vindo a esta terra, o terapeuta pode ajudá-la a reencontrar seus dois pés. Os seus dois pés na terra.

A grande maioria de nós é manca. Isto é, sentimos que, de um lado fomos desejados e, do outro lado, não desejados. Pertencemos a um determinado mundo e pertencemos, também, a um outro mundo. Este fato pode ser observado sob os pontos de vista físico, psicológico e espiritual.

Um grande sábio me dizia: — "Se você teve uma experiência do transpessoal pode ocorrer que se sinta manco sobre a terra. Porque você terá um pé neste mundo e um pé no outro." Falaremos disso novamente quando nos referirmos à ferida do quadril. Um texto da Bíblia refere[1] que Jacó após ter lutado com o Anjo, antes de ter reencontrado a nova dimensão do ser, ele manca. E os Antigos nos dizem que se uma pessoa caminha mancando e a olhamos de uma determinada distância, pode nos parecer que ela dance em vez de mancar. Portanto, lembremonos que é preciso transformar a nossa vida que coxeia em uma vida que dança, através da compreensão e da aceitação.

---

[1] Gênesis, capítulo 32, versículos 23-33.

APÊNDICE 9

Simbologia dos pés

Estudemos a simbologia dos pés, inicialmente no *nível psicológico.* Para Freud, por exemplo, o pé teria um significado fálico e o sapato seria um símbolo feminino. Cabe ao pé adaptar-se ao sapato. Há um provérbio francês que diz: *Il faut trouver chaussure* à ***son*** *pied,* que quer dizer: "é preciso encontrar um sapato para o seu pé" [2]. Do mesmo modo, poder-se-ia dizer: procurarei um pé que caiba neste sapato. Nesta percepção, o pé é um símbolo erótico tanto nos povos primitivos quanto nos civilizados, podendo ser considerado como um excitante sexual.

Na evolução psidológica da criança, a descoberta do pé tem um papel importante. **É** suficiente ver uma criança brincar com seu pé ou com seus pés. Na criança, no adolescente e no homem com evolução normal, a significação fálica do pé diminui e o objeto de desejo se transfere para a área genital.

Para um outro psicólogo, Paul Diel, o pé é o símbolo da nossa força. **Éo** suporte que temos para permanecermos eretos. Algumas vezes, nossos pés são vulneráveis. Lembramos, na mitologia grega, os mitos do calcanhar de Aquiles e do tornozelo de Édipo. Édipo, em grego, quer dizer aquele que tem os tornozelos inchados. Dentro em pouco falaremos das diferentes leituras do que se costuma chamar "o complexo de Édipo", pois a leitura de Freud é apenas uma, entre muitas.

Lembramos também os contos de fadas e, entre eles, a estória da Cinderela, que perde, um de seus sapatinhos no baile real. O príncipe que, no baile, se apaixonara por ela, vai procurar a dona do sapatinho. Este mesmo tipo

---

[2] No Brasil, temos uma expressão de significado semelhante: "Para todo pé torto, tem um chinelo velho".

de conto vocês encontram nas tradições do antigo Egito. Como por exemplo, a estória de uma cortesã que teve suas sandálias roubadas por uma águia enquanto tomava seu banho. A águia levou as sandálias ao faraó que, admirado com o refinamento das mesmas e imaginando os pés que as calçavam, procurou esta moça em todos os lugares do reino e, encontrando-a, desposou-a. Este mito encontra-se, freqüentemente e sob formas diversas, em diferentes lugares da terra.

Na tradição chinesa, dava-se muita importância aos pés enfaixados que alteravam o caminhar das mulheres e, sobre este tema, muitos poemas foram escritos. Poderíamos registrar também, além da erotização do pé, o fetichismo do pé.

Hermes, filho de Zeus e Maia, era o mensageiro dos deuses e tinha os pés alados. Este símbolo é muito importante porque refere todo um caminho de transformação, de individuação. Assim, passamos do nosso pé ferido, torcido e distendido, nosso pé de Édipo, para o pé alado de Hermes. Portanto, um caminho de transformação.

Nas diferentes práticas de ioga temos a purificação dos pés na água salgada. Creio que esta é uma bela prática porque, pelos pés, podem escorrer nossas fadigas e tensões.

Em muitas tradições espirituais, o mestre lava os pés dos seus discípulos. Cito-lhes o que diz um dervixe: "É uma obrigação requerida pelo Deus do agradecimento e da compaixão, que tu sejas lavado a cada dia, lavado em teus pés de toda a sujeira que o caminho deixar neles e dos erros de rebelião onde tu caminhaste." Nós reencontramos aí uma tradição que nos é muito familiar e que está no Evangelho.

O Evangelho diz que Jesus lavou os pés dos seus discípulos[3] . De um ponto de vista simbólico, lavar os pés de alguém é devolver-lhe sua capacidade de prazer, é reeolocálo de pé. Quando Jesus está aos pés de seus discípulos, não é apenas por um gesto de humildade, mas é, também, como um gesto de cura e de amor. Porque não se pode amar alguém e olhá-lo de cima. E também não se trata de olhá-lo de baixo para cima, sendo-lhe submisso. Trata-se de colocar-se a seus pés para ajudá-lo a reerguer-se.

Um outro trecho evangélico que todos vocês recordam é o relato do momento em que Maria Madalena lava os pés de Jesus[4]. O texto é importante porque o próprio Jesus, como homem que era, foi naquele momento reconhecido em sua dimensão sexual, em sua dimensão de ser humano. E necessário registrar que o gesto de lavar os pés de seus apóstolos, Ele aprendeu de uma mulher. Porque a lavagem dos pés dos Apóstolos, na última ceia, vem depois do episódio em que Maria Madalena lava os pés de Jesus com suas lágrimas e os enxuga com seus cabelos.

Em livros anteriores falamos desta ligação entre os cabelos e os pés. Do mesmo modo em que os pés são nossas raízes na terra, os cabelos são nossas raízes no céu. Os cabelos são como antenas que às vezes nos permitem captar mensagens. E quando os cabelos e os pés estão juntos, quando a cabeça e os pés estão juntos, simbolizam um momento de *conjunctionis,* como dizia Jung. Uma conjunção, uma união dos opostos, uma integração entre o céu e a terra.

É por isso que este momento tão íntimo entre Maria Madalena e Jesus é simbolicamente importante. Ele lembra a possibilidade das núpcias entre o céu

---

[3] Evangelho segundo S8o João, capítulo 13, versfculos 1-15.

[4]Evangelho segundo S~o Jogo, capítulo 12, versículos de 1-8.

e aterra. As bodas entre *a Sophia* — sabedoria — e o *Logos,* que é a informação e a inteligência criadora.

A tradição dos Antigos Terapeutas e dos Padres do Deserto nos diz que todos nós temos os pés feridos e maltratados. Não temos mais prazer em viver e em amar. E temos necessidade de sermos cuidados e curados ao nível de nossos pés. Porque, como nos ensina a tradição hebraica, onde o pé tem o mesmo nome usado para festa, regalo *(Reguei),* os pés podem ser a porta de entrada da alegria em nosso corpo.

Os pés têm a forma de uma semente. Temos em nosso corpo três estruturas em forma de semente: os pés, os rins e as orelhas. E existe uma conexão entre eles. Os pés escutam a terra e nos enraízam na matéria. Os rins estão à escuta das nossas mensagens interiores — a Bíblia diz que Deus sonda os
lo - rins e o coração[5] . Os rins são uni grande filtro que retira do sangue muitas impurezas e existem em nosso corpo coisas difíceis de serem assimiladas e filtradas. Quanto às orelhas, elas estão lá para aprender a escutar os dizeres, as informações que, a partir dessa semente, pode fazer uma flor e dessa flor um fruto. Todas as partes de nós mesmos estão se tomando, estão vindo-a-ser.

Existem ainda muitos símbolos a lembrar sobre os pés. Na África, por exemplo, o pé é o ponto de apoio do corpo no mundo. E um símbolo de poder. Os bambaras[6] dizem que o pé é o primeiro sinal de que o embrião e o corpo brotam. O pé éo começo do corpo assim como a cabeça é o final. Se os pés, começo do corpo, são esquecidos ou maltratados, também a cabeça funcionará mal. Por outro lado, os pés são, também, o final do corpo porque o movimento

---

[5]. Apocalipse de S8o João, capítulo 2, versículo 23.

[6] Segundo o Dicionário Aurélio. os bambaras são um grupo tribal mandinga, de cultura guineano-sudanesa islamizada

começa e termina pelo pés. Os bambaras dizem que se temos bons pés, temos bons olhos e nesta sabedoria africana nos é lembrado que a cabeça nada ésem os pés. Da mesma forma os chineses postulam que a inteligência não está na cabeça mas nos grandes artelhos...

Estas são antropologias interessantes porque ser inteligente é estar em contato não somente com as idéias mas estar em contato com o real. Portanto, serão nossos pés inteligentes?

Poderíamos falar também das impressões deixadas pelos pés do Buda, um símbolo que encontramos em muitos templos. Na Ásia Oriental encontram-se numerosos *Budapadha* e *Visnupadha*. Da mesma maneira, na Capela d'Assunção, hoje uma pequena mesquita, existe a impressão dos pés do Cristo. Reza a tradição chinesa que o imortal Tao Tsu deixou traços de seus pés no monte Taoin. E o profeta Maomé os deixou em Meca. São o traço de Deus em nossa humanidade.

Este é um tema que encontramos, portanto, em todas as tradições. Como se o céu tivesse um pé sobre a terra. O céu e a terra não estão separados. Se quisermos viver esta unidade entre o céu e a terra, entre a matéria e o espírito, precisamos cuidar de noSSOS pés. E cuidar dos pés dos outros. Por isso, amar alguém não é somente "segurar seu pé", mas é também cuidar do seu pé.

A palavra pé, *podos* em grego, está estreitamente rel~dionada à palavrapaidos, usada para significar criança. Assim, um pedagogo é um especialista que cuida dos pés do ser humano, desde que cuidar dos pés de alguém significa cuidar da criança que está nele. Perguntei a um sábio: — "O que posso fazer para ajudar alguém?" Ele me respondeu: —"Lembre-se de que esta pessoa foi uma criança, que esta pessoa é ainda uma criança. E que tem dor nos pés."

Creio que este ensinamento é precioso para nós porque éa base. O equilíbrio do corpo, o equilíbrio do nosso psiquismo, o equilíbrio de nossa vida espiritual depende, de uma certa maneira, deste enraizamento. De nossas raízes. E se as raízes são sadias, toda a árvore é sadia. Algumas vezes somos jardineiros, muito atentos à flor e ao fruto, mas esquecemos as raízes, esquecemos os pés. E, portanto, é por lá talvez que deveremos começar os nossos cuidados.

Sugestões para Exercícios Práticos

Passando aos exercícios práticos, há uma proposição de sentir nossos pés, tocá-los, acariciá-los. Observar como andamos. Alguns caminham como elefantes, outros como se estivessem pisando em ovos, alguns na ponta dos pés como se quisessem não ser notados. Mudar o nosso modo de caminhar, mudar o nosso modo de colocar o pé na terra, não é somente uma terapêutica psicossomática, mas pode ser um exercício espiritual. Trata-se de nos aceitarmos em nossa dimensão terrosa, adâmica, já que a palavra Adão quer dizer "a terra ocre".

Existe também um exercício que poderíamos fazer quando estamos em grupos de duas a quatro pessoas. Colocamos nossos pés contra os pés do outro, as plantas unidas, ao mesmo tempo em que respiramos. E observamos que as nossas respirações podem se comunicar e que o outro pode Sentir meu sopro até o seu joelho. São fatos a observar. São jogos, exercícios familiares a alguns de vocês.

Para cada um de nós o importante é nos reerguermos mantendo os dois pés sobre a terra. Reencontrarmos este sentido de equilíbrio. Então,

poderemos, talvez, cuidar em nós deste pé ferido de Édipo e do calcanhar vulnerável de Aquiles.

Eva foi mordida pela serpente, no calcanhar. Através desse simbolo, o prazer tornou-se algo envenenado para nós. Reencontrar a inocência do prazer é um longo caminho, ao mesmo tempo físico, psicológico e espiritual.

E também podemos lavar os pés uns dos outros, como o Cristo fez. No Evangelho, este procedimento é, verdadeiramente, um exercício, um comando, uma ordem. Cristo nos ordena que lavemos os pés uns dos outros, quando Ele diz: "Se Eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo para que, como Eu vos fiz, também vós o façais." [7]

Comecem a prestar atenção ao caminhar de vocês, relacionando com tudo o que foi visto até agora. Desejo-lhes que, hoje, vocês passem uma boa noite na companhia de seus pés.

Perguntas e Respostas

1. Fale mais um pouco sobre a relação entre os pés e os sapatos.

Jean-Yves Lelo up: Conto-lhe uma pequena estória sobre *fetichismo,* que é um fenômeno patológico muito interessante. Conheci um homem casado que gostava muito de sapatos. E em sua relação de casal, preferia dormir com os sapatos de sua mulher do que com ela. O fantasma sexual do sapato tinha tomado o lugar da realidade, que era a pessoa de sua mulher. Para ele era muito doloroso constatar que tinha mais prazer com os sapatos do que com sua mulher.

---

[7] Evangelho segundo São João, capítulo 13. versículos 14 e 15.

2. *Seria certo pensar que, pela opção que fazemOs ao comprar um par de sapatos às vezes estamos expressando o desejo de uma mudança de vida ou o desejo de uma mudança de vida ou o desejo de manisfestar, de uma outra maneira, o nosso modo de viver ?*

Jean-Yves Leloup: Agradeço-lhe sua pergunta porque na abordagem que lhes propus, falta a dimensão sociológica. E os sapatos fazem parte de um elemento social importante, que é diferente para cada país.

Não farei esta abordagem, porque nela há muitas variações muitas sutilezas. Se, por exemplo eu creio no que diz meu fjlhinho, em termos de sapatos atualmente, a cultura geral é a do Tênis Nike...

Esta é uma questão importante porque, em certas culturas, a posiçãO social de uma pessoa é julgada de acordo com os sapatos que ela calça. E sapatos sujos significam que a pessoa que os usa é, interiormente, suja. Não podemos fazer generalizações dessa ordem, mas esse assunto daria uma bela tese —a história dos sapatos através dos séculos.

3. *Há alguma diferença entre os pés direito e esquerdo?*

Jean-YVeS Lelo up: Olhem bem se voceS levantam com o pé direito ou com o pé esquerdo. Sirnbolicamente, vocês sabem, o lado direito representa a razão, a justiça, a racionalidade, o lado masculino do ser. E o lado esquerdo representa o lado feminino, o lado mais irracional do ser.

E quando falamos a expressão popular~ "levantamos com o pé esquerdO"~ quer dizer, geralmeflte~ que começamos o dia comum ato mais ou menos irracional. Que teremos dificuldade em nos equilibrarmos com opé direito ou em uma atitude mais sensata. Esta expressão da sabedoria popular lembra-nos o equilíbrio frágil no qual vivemos. Porque o pé direito e o pé esquerdo correspondem aos cérebros direito e esquerdo. E estar bem sobre os seus dois

pés, ter uma boa estabilidade, é estar neste estado de equilíbrio tanto racional quanto intuitivo, masculino e feminino. Mas o que espero é que vocês ienham se levantado com o bom pé, seja ele direito ou esquerdo. Porque, afinal, ambos os pés são bons.

Na concepção acima colocada, podemos identificar a parte frágil e a parte forte do nosSO ser, se direita ou esquerda. Esta observação pode nos trazer um ensinamento sobre o nosso lado paterno ou materno, mas não convém generalizar. Porque falaremos também do lado mãe quando nos referirmos ao ventre e aos seios e, do lado pai, quando nos referirmos à coluna vertebral.

Quando observamos o passado de pessoas com problemas de coluna freqüentemente detectamos uma ausência da figura paterna, uma falta de estrutura. São fatos que identificamos, mas que não devem servir como rótulos. Simplesmente observarmos como se entendem, em nós, a direita e a esquerda, o pé direito e o pé esquerdo. Se caímos sempre do mesmo lado não é sempre por acaso. Prestemos atenção a isso. E se nossoS pais viveram dificuldades juntos, temos que viver este casamento em nosso próprio corpo, este casamento por vezes difícil da direita com a esquerda, da frente com as costas, do hemisfério direito com o hemisfério esquerdo do nosso cérebro. E tudo isto a partir da observação do pé...

4. PodemoS observar o fenômeno interessante, das cócegas. Nós as temos nOS lugares maiS vitais, os quaiS precisam ser protegidos dos inimigos: nas axilas, no pescoço e também nOS pés. E provocam o riso tão típico do ser humano. Qual o seu comentário a respeito?

Jean-YVeS Leloup É uma imagem muito bela, porque conheço pessoas nas quais as cócegas nos pés não fazem rir. Para estas sentirem cócegas é uma verdadeira tortura. Novamente, a questão é de equilíbrio. Alguns não

cessam de pedir que lhes cocem, acariciem ou beijem os pés. E outros não aceitam sequer o toque.

A relação que você estabelece é muito bonita quando diz que o riso é próprio e particular do ser humano. Este riso, este prazer de viver depende da saúde dos nossos pés. E, mais profundamente~ depende do desejo no qual fomos concebidos e chamados ao mundo. É muito difícil alguém rir e ter prazer de viver se não foi desejado, se não foi esperado. É preciso muito tempo de nutriçãO e de aprendizagem para deixar que o ser amado acaricie nOsSOS pés dando-nos, de novo, o gosto de viver.

O contato com os pés é importante nos agonizantes. Um belo presente que se pode dar a uma pessoa que está morrendo é o de acariciar e tocar seus pés. Porque, no último instante de sua existência, a pessoa vive momentos de regressão e reencontra a criança que está nela. Algumas vezes, é imediatamente antes de morrer que a criança ferida pode ser curada em nós mesmos. Este tema é muito belo para a meditação e para a prática.

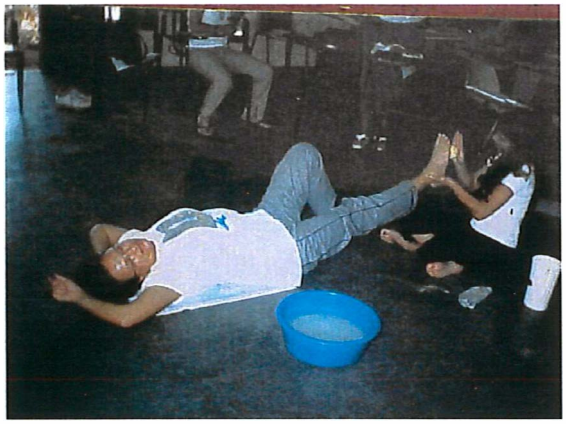
Apêndice 10

LAVAGEM DOS PÉS

Ap[[os a leitura do texto (Anexo 15) a Equipe Oca convidou os(as) participantes para a lavagem dos pés. As pesquisadoras deram iniicio a vivencia e lavaram os p[e dos(as) professoras mas logo eles(as) aderiram, a classe se dividiu em duas e iniciaram a atividade. Todos(as) participaram.

MASSAGEM COM BOLINHA

Terminada a lavagem foi proposta uma massagem? Massagear o pé do companheiro com uma bolinha de tênis



Apêndice 11

Desenvolvimento Sustentável e Participação. Marcos Sorrentino

Convido o leitor ou leitora viajar comigo neste texto/conversa. Não como um espectador ou espectadora em frente a televisão, embarcando nas aventuras, dramas e emoções do outro, por exemplo dos atores do filme Titanic, onde rimos e choramos, nos emocionamos mas nem sequer molhamos os pés. Terminado o filme voltamos ao nosso cotidiano como se nada, ou quase nada, tivesse acontecido. Vamos embarcar e construir juntos a nossa própria história/reflexão nestes trinta minutos ou uma hora de leitura/diálogo com este texto. Vamos molhar os pés, tornando nosso, de cada um, o desafio de pensar, expor e ouvir o outro sobre a questão da sustentabilidade, iluminados pela necessidade de decidirmos sobre os destinos deste navio, não delegando a um capitão a definição sobre quem deve sobreviver e quem deve sucumbir a esta profunda crise em que nos encontramos (todos) envolvidos.

Para isto proponho que pare imediatamente esta leitura e pense por alguns minutos sobre a questão da sustentabilidade, sobre desenvolvimento sustentável e as demais questões conexas que forem suscitadas por seus sentimentos e raciocínio.

Converse sobre idéias, vivências e conhecimentos na área, faça suas anotações e reaproxime-se criticamente desta leitura.

Cada pessoa faz diferença nesta conversa sobre o Futuro, sobre o nosso futuro neste planeta. Como conseguir o *envolvimento* de cada uma?

O *compromisso* de cada um dos bilhões de habitantes deste planeta é essencial e faz diferença na implementação das mudanças radicais que o momento exige. Os excluídos acabam cobrando a parte que lhes cabe neste latifúndio e manifestam isto de diferentes maneiras. No mínimo não se identificam e não se responsabilizam pelas decisões da "chefia". Inúmeros são

os exemplos de fracasso de belas iniciativas que não contaram com o comprometimento de todos os supostamente interessados.

Em termos planetários é forçoso admitir que não basta contemplar o olhar e a perspectiva do homem branco ocidental. É necessário incluir as mulheres, os negros, as minorias étnicas, os jovens, os idosos, as crianças, os homossexuais, os países do sul, o interior, a periferia, os artistas, os pacifistas..., ouvindo-os em suas especificidades, expressando seus sonhos, demandas e propostas. É no diálogo da diversidade de olhares que buscamos respostas para sairmos dos impasses que este modelo de desenvolvimento no colocou.

A esses novos olhares devemos somar o das outras espécies e elementos que co-habitam o planeta e mesmo a própria Terra Gaia e o Universo. Precisamos aprender a com eles dialogar. Precisamos apurar nossas ferramentas para compreendê-los e incluí-los na tomada de decisões de uma enorme assembléia planetária que irá delimitar como viveremos e se viveremos, no próximo século/milênio.

Precisamos aprender a ouví-los! Para isto, eles precisam acreditar que vale a pena falar. É necessário explicitarmos como se materializa o nosso compromisso com a viabilização desta *participação.*

Se queremos que decidam sobre temas da nossa Agenda - de problemas, impasses e crises que criamos (por exemplo: as mudanças climáticas, o buraco na camada de ozônio, a redução da fertilidade humana e os mais diversos tipos de câncer) – precisamos:

- .dar-lhes *informações (*acompanhadas de nossos pedidos de desculpas, pois não os convidamos para a festa das maravilhosas conquistas deste modelo civilizatório e estamos "dividindo a conta" e querendo que nos ajudem a resolver os problemas);
- .criar ou apontar os *espaços de locução/*troca efetiva e afetiva de olhares e saberes que possibilitem a formação de opinião sobre os diversos temas e políticas para enfrentá-los;

- .definir mecanismos claros e transparentes de *tomada de decisão*. Até onde vai o poder de decisão de cada um e do grupo, aprofundando-se no debate sobre autonomia e interdependência, participação e responsabilidade;
- .possibilitar-lhes as *condições objetivas* para estarem presentes: horários livres de outros compromissos, inclusive os de sobrevivência, proximidade para deslocamento e/ou adequadas condições de transporte, dentre outros a serem pesquisados junto a cada grupo a ser envolvido.

Além disto, precisamos nos *trabalhar interiormente* e propiciar aos outros também a realização deste exercício de uma nova sensibilidade (de, por exemplo, ouvir mais a nossa intuição, o nosso corpo inteiro, as outras pessoas e os outros elementos da natureza e pensar e ser simples na complexidade, crítico e questionador das obviedades) que propicie uma participação que vai além da presença física em reuniões e nas instâncias de decisão e se manifesta nos comportamentos e atitudes cotidianas de *compromisso com a vida.*

Questões como as mudanças climáticas e a redução da fertilidade humana exemplificam a crise e insustentabilidade desse modelo civilizatório que se expandiu por todo o planeta. Resultam de uma complexa teia de fatores, dispersos no tempo e no espaço, e exigem para o seu enfrentamento uma enorme capacidade analítica e organizacional que nos permita elaborar uma matriz de nexos causais para sabermos por onde e quem deve começar a alterar o modo de produção e de consumo de forma que tais mudanças não sejam por demais traumáticas.

Como diminuir o nível de emissão de gases que provocam o efeito estufa (GEE) se ninguém quer abrir mão de Ter ou vir a Ter o seu automóvel particular, o seu ar condicionado, sistema de calefação, geladeira, televisão, micro – o seu Kit civilização como diz Ailton Krenak; ou se nenhum industrial ou agricultor quer abrir mão do seu modo de produção que comprovadamente lança GEE para a

atmosfera, arcando com mudanças que tornem seu produto mais caro e com isto podendo perder competitividade em relação a outros que não promovam tais mudanças?

Como promover uma ampla e significativa mudança na utilização de elementos químicos que as pesquisas estão associando à redução da fertilidade do homem para níveis que inviabilizarão a reprodução da nossa espécie, se eles fazem parte de produtos que passamos a identificar e a desejar como sinônimo de progresso e de felicidade?

Quais políticas públicas darão conta desses desafios que exigem um acordo entre todos os países e sua implementação no interior de cada país?

Não dá para falar "para que eu quero descer!" ou "tô fora!". Descobrimos que nossos destinos estão irremediavelmente ligados e que a complexa matriz de tomada de decisão exige uma capacidade expansiva de inclusão, negociação, descentralização, enraizamento, autogestão e compreensão da interdependência entre tudo e todos, sobre a qual não temos dado muitas provas de sermos competentes.

Diante deste aparente paradoxo: promover uma cidadania planetária que encare como seu o desafio para decodificar e enfrentar esta complexa matriz de fatores que ameaçam a nossa existência enquanto humanidade na Terra; e incentivar e apoiar ações locais, inovadoras e criativas para a superação da miséria, pobreza, desemprego, niilismo e drogadição, dentre outras questões relacionadas a luta cotidiana pela sobrevivência e pela melhoria da qualidade de vida; é que precisamos despertar em cada pessoa o sentido de "pertencimento" participação e responsabilidade na busca de respostas locais e globais que a temática do desenvolvimento sustentável nos coloca.

Acredito que é possível enunciar a existências de duas grandes tendências entre aqueles que escrevem e atuam no campo do desenvolvimento sustentável.

A primeira, voltada a propor soluções que se coadunem com a necessidade de preservação da biodiversidade, conservação dos recursos naturais, desenvolvimento local e diminuição das desigualdades sociais, através de novas tecnologias, políticas compensatórias, tratados internacionais de cooperação e de compromissos multilaterais, estímulo ao ecoturismo, certificação verde mercados alternativos, dentre outros.

A segunda, voltada para finalidades semelhantes, mas através da inclusão social, da participação na tomada de decisões e da promoção de mudanças culturais nos padrões de felicidade e desenvolvimento.

A primeira me parece fragmentada na percepção do conjunto de fatores que levam aos impasses que vivemos e se limita a propor soluções dentro da lógica de mercado. Já a segunda, pretende uma compreensão de totalidade das causas da não sustentabilidade e da crise civilizatória, mas se limita a formulação de propostas regionais, pois a exigência de participação de todos a torna pequena e artesanal.

Se, para além de um desenvolvimento sustentável voltado a ser um novo ciclo do ouro, que enriquece alguns e coloca ou mantém muitos na miséria, nós queremos a construção de sociedades sustentáveis que beneficiem a tudo e a todos com os quais compartilhamos este planeta, precisamos superar as limitações dessas duas tendências.

Isto exige políticas públicas voltadas à inclusão e à participação. O que por sua vez exige um rigoroso exercício de decodificação desses conceitos de forma que as iniciativas locais/pontuais tenham nas políticas públicas o necessário apoio para sua efetivação (valorização; financiamento; capacitação; dentre outros) e apoio para sua consolidação e ampliação local e para sua ressonância, multiplicação e intercâmbio para e com outros setores da sociedade (através, por exemplo, de redes de comunicação, rádios e TVs comunitárias e encontros).

Compete ainda às políticas públicas estarem atentas para o constante fomento da conexão entre as decisões locais e as demandas globais (e vice-versa) junto aos distintos atores envolvidos com tais iniciativas.

Paralelamente, não podemos abandonar as expectativas em novos ciclos do ouro, em caminhos rápidos e efetivos para alavancarmos o nosso desenvolvimento.

Torna-se necessário reunirmos as melhores capacidades de diagnóstico e análise das vocações locais, das demandas globais, da conjuntura e da estrutura para, sem comprometermos o fluxo fundamentado no fomento às iniciativas locais em toda a sua diversidade, optarmos por produtos e processos produtivos a serem fomentados para a ocupação imediata do mercado.

Dos dois mercados! O interno, de serviços e produtos que muitas vezes continuam sendo abastecidos/atendidos externamente por falta de apoio à competitividade das iniciativas locais (dos horti-fruti-granjeiros ao leite e seus derivados; da energia para abastecimento das cidades à energia para os beneficiamentos que agregam valor aos produtos; dentre outras) e o mercado externo, nacional e internacional, onde tenhamos melhores condições de competição.

É essencial que as análises não sejam realizadas apenas por economistas com os olhos no mercado, mas que a equipe formuladora das políticas públicas seja composta também por analistas da modernidade e suas tendências, incluindo aí questões como: as mudanças climáticas com todas exigências que nos colocam (por exemplo, conservação de florestas, eliminação das queimadas, plantio de árvores e utilização das mesmas para fins duráveis; mudanças na matriz energética e de transportes); as necessidades de substituição dos plásticos que utilizem os elementos químicos responsáveis pela dramática redução da fertilidade masculina; as políticas de enfrentamento do desemprego e da fome em boa parte da Terra; dentre outras.

Na expectativa de ter contribuído para os debates e reflexões que molham os pés e sensibilizam a alma, convidando para o engajamento de corpo inteiro, reafirmo minha convicção de que a superação da fragmentação das respostas desenvolvimentistas (fundamentadas em ciclos econômicos milagrosos - do café, da borracha, do mogno,... - que propiciam a emergência de novos ricos e mantêm na miséria a grande maioria do povo e degradam as condições de sustentabilidade das futuras gerações), passa pelo compromisso das políticas públicas com a *inclusão na diversidade* e com o *questionamento dos valores e obviedades da sociedade de consumo*, estimulando as pessoas e grupos a pensarem e debaterem suas buscas e respostas voltadas à melhoria da qualidade de vida e à *felicidade material, física e espiritual.*